

NO DEPOIMENTO John Murdock, o pai da Operação Tatu: a terra é um patrimônio da humanidade

SETEMBRO/91 - Nº 518 - ANO 47 - Cr\$ 1.300,00

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL



**OVINOS
POLÊMICA
NO HAMPSHIRE
DOWN**

**MÁQUINAS
AGRÍCOLAS
AS VENDAS
EMPACARAM**

**FREIO DE OURO
O AZARÃO
QUEBROU
A TRADIÇÃO**

EXPOINTER 91

A maior feira da agropecuária da América do Sul



**SAIBA
QUEM SÃO OS
DESTAQUES/91**

**a granja
DO
ANO**

**EQUINOS
QM E CRIOULO
SALVAM
AS VENDAS**

**BOVINOS
SOBROU
QUALIDADE,
MAS FALTOU
PREÇO**



ARROZ

AS MIL OPÇÕES DE UMA CULTURA MILENAR

NÃO DEIXE POR MENOS.
USE A FORÇA DA NOSSA GENTE.



COM A SUA VONTADE DE CRESCER E A
FORÇA DO BANESPA, O RESULTADO VAI
SER SEMPRE POSITIVO.

Se você está cansado de esperar as coisas
acontecerem e disposto a usar o seu talento
para voltar a crescer e produzir mais, venha
até o Banespa encontrar pessoas que pen-

sam da mesma forma. Todos os nossos ser-
viços estão voltados para isso. Nossas linhas
de crédito, nosso atendimento. Você pode
contar com toda a força de um grande ban-
co, que é seu e nosso ao mesmo tempo. Não
deixe por menos. Use a força do Banespa
para produzir mais. **VENHA CONFERIR**

banespa
A FORÇA DA NOSSA GENTE

Mr. Murdock, um "tatuzeiro" juramentado

Um convênio entre as universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e de Wisconsin, dos Estados Unidos, trouxe a Porto Alegre o agrônomo e cientista John Murdock. Natural do Kentucky, EUA, o professor implementou o que se chamou à época de "Operação Tatu", iniciada em 1966, e que deflagrou uma verdadeira guerra à acidez dos solos com aplicação de calcário.

Murdock trabalhou diretamente com colegas e alunos, e de imediato foi criado o curso de pós-graduação na Faculdade de Agronomia. Em conjunto com outras entidades de ensino superior, com o apoio da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e organismos de extensão, houve um total apoio ao programa, que tinha como objetivo ajudar os agricultores a aumentar a produtividade de suas lavouras sem degradar.

Os primeiros passos da "Operação Tatu" foram dados na direção da região de Santa Rosa/RS, grande

produtor de soja. Esta leguminosa ficou tão beneficiada que os níveis de produtividade cresceram nada menos do que 400%. Com o milho, a coisa foi melhor ainda, subindo sete vezes acima do que o pessoal estava acostumado a colher.

Durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, realizado em julho, na capital gaúcha, reuniram-se cientistas do mundo inteiro. Este evento, que acontece a cada dois anos, teve como lema "Produzir sem Degradar". Murdock, na ocasião, disse que não é exagerado afirmar que o futuro da produção de alimentos no planeta

irá depender da atenção que os agricultores dispensarem à conservação dos solos.

O norte-americano não se cansa de falar pelos quatro cantos do mundo, em suas palestras sobre fertilidade e meio ambiente, sobre o cuidado com que a terra deve ser tratada. Na entrevista a seguir ele fala sobre este aspecto, entre outros tópicos.



John Murdock: produzir é preciso, mas sem degradação

A Granja — Quais as regiões atingidas pela "Operação Tatu"?

John Murdock — Iniciamos em Ibirubá, município-modelo. Depois, o maior trabalho foi desenvolvido na região de Santa Rosa e Rio Grande, com a participação de mais de 80 municípios, inclusive com alguns de San-

ta Catarina e do Paraná. De qualquer maneira, era um programa onde os produtores teriam a oportunidade de melhorar suas condições de produção. Uma experiência muito boa para os alunos, e espero que tenham aprendido alguma coisa.

P — Que frutos resultaram de

todo este trabalho?

R — Acredito que tenha muitos frutos. O principal foi a introdução de um sistema novo para melhorar os solos, que eram bastante ácidos. Os agricultores tinham problemas de produção de culturas leguminosas, como a soja, o que hoje em dia não acontece

mais.

P — Neste seu retorno ao RS, o que deu para comprovar, qual a sua impressão?

R — Ainda não tive uma oportunidade de ir a Santa Rosa. Porém, quando lá estive em 86, visitei alguns colonos que eram colaboradores no programa "tatu", os quais estavam indo muito bem com a lavoura. A coisa mais importante não era somente a produção, mas o fato de que cada família teve a chance de proporcionar um bom ensino para as crianças, com a melhora de vida. Colégio, educação superior, enfim, o bem-estar evoluiu. Além disso, na Faculdade de Agronomia da UFRGS, àquela época, havia apenas uma disciplina de solos. Hoje, existe um Departamento de Solos, um dos mais fortes do país, com curso de mestrado e doutorado. As demais universidades gaúchas tinham apenas um aparelho para medir o pH, que não funcionava. Agora, eles têm um laboratório onde fazem análise ao agricultor, à pesquisa e outros fins.

Temos que pensar num manejo completo dos nossos solos

P — O que o senhor acha do plano de correção de solos em nível nacional? O produtor está disposto a receber as novas técnicas de correção?

R — Sim. Acho que o produtor está sempre pronto para receber coisas que melhorem sua produção, bem como o solo. Realmente eu vivi fora do Brasil muitos anos e fica difícil dizer o que está acontecendo no país. Agora, os brasileiros são os maiores produtores de soja do mundo. Nos EUA é o nosso competidor principal. Às vezes meu filho brinca comigo, pois somos produtores, e pergunta: por que fizemos este trabalho para encorajá-los na produção de soja?... Acima de tudo, o agricultor merece todo o apoio, onde a informação é fundamental.

P — Levando em conta a morosidade e os custos das técnicas de apuração, há meios simples que o produtor pudesse colocar em prática?

R — Nós sabemos quais são os sintomas de deficiências de nutrien-

tes. Em geral, quem planta sabe. Agora, o que nos chamou a atenção no problema de acidez do solo, em primeiro lugar, não era a análise, mas sim o olho do agricultor. Eles viram as manchas tóxicas na região de Santa Rosa, e depois levamos para fazer o exame. Constatamos baixo teor de pH e alto de alumínio. Assim, iniciamos o programa de calagem e melhoramento de solos no RS. Atualmente, a análise em si não é cara em relação ao custo de adubo. É claro que precisamos dos diagnósticos para saber quanto e como deve ser aplicado. O manejo de nutrientes também é um fator importante para o nosso agricultor e o povo em geral.

P — Existe algum tipo de malefício quanto à aplicação de calcário?

R — O efeito principal é o incremento de produtividade, podendo se-mear em locais onde antes não podia, caso dos solos ácidos. Então, isto amplia as possibilidades para plantar uma maior variedade de cultivos, porém o principal é a elevação da produtividade. Temos que pensar num manejo completo de solos. Nos primeiros anos da "Operação Tatu", com a participação de somente 13 agricultores, o ganho na lavoura de milho era em torno de 700%. Isto significava sete vezes mais do que o normal até então produzido; a soja estava 400% e o trigo entre duas a três vezes.

P — Qual o efeito do excesso de alumínio às plantas em relação aos consumidores?

R — Não sei se tem qualquer efeito aos consumidores, mas em nível de produção as plantas não crescem, as folhas se entortam e ficam descoloridas, podendo até mesmo chegar à morte certas leguminosas. Então, quando os solos são ácidos, a produção fica bastante limitada.

P — A tecnologia de apuração de necessidade feita em solos de outros países se adequam às condições brasileiras?

R — Em geral, o sistema de análise de solos é mais ou menos padronizado para os solos do mundo inteiro. A aplicação, que é uma coisa mais

importante, a calibração destes diagnósticos, tem que ser feita no local. Não podemos transportar o departamento de solos da Universidade de Wisconsin para o RS. Também temos que pensar que nem todo solo de um estado é o mesmo em todo lugar. Os agricultores têm conhecimento que a terra é diferente. Nosso pessoal, que está trabalhando na área de classificação e caracterização do solo, está dando apoio no sentido de fornecer dados que ajudem a fazer aplicações amplas com o maior número de agricultores e com mais precisão. É importantíssimo, porque a nutrição das plantas exige um bom nível de adubação, através de nutrientes. Caso colocarmos adubo fora, em excesso, sem pensar nas consequências, os solos vão para os rios, erosão e ficaremos sem os açudes.

P — O senhor, como cientista, crê que a fertilização do solo acabará com a fome no mundo?

R — Não existe um único programa que liquide com a fome mundial, mas um grande número de métodos deve ser feito. Nós temos capacidade de produzir o que for necessário para alimentar o mundo, o que eu não tenho dúvida. O problema é a destruição e o desnivelamento no poder econômico do povo, que também é um problema. Os efeitos sociais o agricultor não pode resolver.

Adubação e calagem devem ser realizadas com recomendação científica

P — Até que ponto a necessidade de adubação e correção e os interesses de vendas dos produtos podem prejudicar a filosofia do uso e custo de produção?

R — As recomendações devem ser feitas na base científica. Por outro lado, é o agricultor que no final das contas quem decidirá. O nosso dever é orientá-lo de maneira correta. As campanhas para consumo de fertilizante e calcário devem saber que o futuro deles está ligado diretamente no homem do campo. Se ele quebrar, todos quebram. As entidades de extensão, igualmente, devem estar juntas, ao lado do agricultor, para proteger a sua produção.

P — Quais os malefícios, se é que existem, do excesso de nutrientes?

R — O efeito principal da aplicação de insumos é que realmente custa dinheiro, fator preponderante. Em áreas de agricultura mais intensiva, há possibilidade de aumentar a quantidade de nitratos que entra no lençol freático. Assim, não teremos mais agricultura e estamos preocupados com isso. Em geral, aqui no Brasil, acredito que este fator não será um problema maior porque não está em tão grande estágio, ao contrário dos EUA. No meu estado, que tem muito gado leiteiro e estrume, com mais de dois milhões de hectares de alfafa, acaba entrando muito nitrato no lençol freático. Estamos tomando as providências cabíveis para evitar este problema.

O problema da erosão não é só da agricultura: é de todos nós

P — Não estaria na hora de ser criado no Brasil um órgão mais específico para recuperação de solos?

R — O maior problema em termos mundiais é a erosão. No Vale do Tennessee realizamos um programa para uns 140 anos, melhorando as bacias hídricas naquela região. E na minha terra, conheço muito bem a situação, e como ajudou a vida dos produtores. Mas sei que aqui neste país as microbacias dão oportunidade para instalar programas numa região. O sistema de conservação do solo é importantíssimo, e espero que o governo dê todo apoio para o agricultor fazer a conservação. Este é um problema público, não só do homem do campo. Ele tem que ter o apoio para fazer coisas que custam caro, como os terraços.

P — Como está nos EUA o plantio direto?

R — Estou entusiasmado com a possibilidade de que muitos aderiram a esta sistemática. No primeiro ano que o instalamos, meu filho cortou o óleo diesel pela metade (estamos fazendo conservação de petróleo) e ele teve mais tempo para atender outras prioridades na fazenda. A erosão em áreas sensíveis acabou. Temos que pensar no futuro, pois desejamos melhorar ainda mais as condições da ter-

ra.

P — O que o senhor pensa dos movimentos ecológicos?

R — Todos temos interesses ecológicos, e a agricultura está ligada com ecologia. Queremos parar com a erosão. O pessoal anda preocupado com a degradação dos recursos naturais, e precisamos ser ecologistas neste sentido. O que não é possível é nós como agrônomos e a agricultura ficar de um lado e os ecologistas de outro, o que não é coerente, já que trabalhamos para um mesmo fim. Tem que ser transferida a emoção política para a ação.

P — Estudos afirmam que os solos da Amazônia são fracos. O que pensa o técnico Murdock sobre o desmatamento desta região para implantação de capim voltado à bovinocultura?

R — Realmente quando se fala da Amazônia estamos abordando uma área grande, de condições muito diferentes. Seria o mesmo que começássemos a abordar sobre a África. Depende do local da Amazônia, pois há alguns lugares que existe condições para produzir. Somente um programa organizacional, de avaliação de recursos, que vise o bem de toda a comunidade. Porém, eu não sou profeta!

P — Nas zonas tropicais, o solo assume um caráter diferente dos demais. É correto implantar capim nestas áreas?

R — Cada caso é um caso. Penso que seja bom mesmo para o Brasil não ter que cortar as árvores lá da Amazônia. Ao mesmo tempo, desconheço as alternativas, pois a população está crescendo sempre. Estamos puxando as fronteiras para lá e devemos civilizar o solo de acordo com sua capacidade.

P — No Brasil, a região nordeste é uma das mais secas do mundo, inclusive chove três vezes mais do que em Israel, que até exporta produtos primários, como frutas para todo mundo. O que o senhor pensa a respeito?

R — Uma comparação com Israel, que tem muitos recursos humanos, é difícil. Lá os solos são diferentes, e há

regiões no Brasil que não estão produzindo tanto quanto poderiam.

P — Quais são as regras básicas hoje de uma agricultura racional que preserve a produção e a vida como um todo?

R — Em primeiro lugar não devemos submeter o solo em um nível de fertilidade nos solos cultivados, a fim de que as culturas possam produzir bem, deixando a terra coberta para evitar a erosão. Neste aspecto, precisamos dar atenção ao manejo das restebas no campo. Se houver necessidades de instalação de terraços e outras práticas, façam. Não colocar em demasia adubos defensivos, calcários mais do que o indispensável. Temos um grande número de métodos para utilizar os nutrientes de forma eficiente, mantendo o solo em condições de boa granulação e alto teor de matéria orgânica. Não esquecer, ainda, de dar atenção à vida microbiana do solo, cuja relação pode ser vista facilmente na relação de plantas leguminosas com *Rhizobium*. Em geral, não damos atenção suficiente para a saúde da terra.

Devemos ocupar a Amazônia de acordo com a capacidade de seu solo

P — Qual a grande prioridade da Ciência dos solos, hoje em dia: adaptar os solos às culturas ou estas à terra?

R — Precisamos de propriedades mais produtivas, eficientes, com bom manejo. Se acharmos uma variedade que dispensa a água e nutrientes, certamente estaremos “sonhando”! Ambos os esforços são válidos, mas a questão econômica é determinante.

P — Tendo em vista sua vivência, o senhor gostaria de deixar alguma mensagem aos brasileiros?

R — A agricultura, por exemplo do RS que conheço, está em boas mãos. O pessoal das universidades, Embrapa, entre outros, apóiam o agricultor. Quem vem de fora, como eu, quer aprender e, às vezes, dar algum palpite. O que interessa é manter o meio de produção suficiente para alimentar o povo e um bom nível de vida ao agricultor.



Editor e
diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska
Diretor-executivo:
Jorge Luzardo C. Silva



A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Jomar de Freitas Martins (coordenador), Luiz Fernando Boaz (repórter), Antônio Sobral (fotógrafo). Colaboradores: Warner Bento Filho, Eduardo Hoffmann, Edviges Gasparotto, Luiz Fernando Lemmert, Sérgio Moreira e José Madeira Alvarenga.

COMPOSIÇÃO E ARTE

Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet e Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Sérgio Luiz Koan (supervisor de venda avulsa), Gustavo Hoffmann (assistente), Sínara Weber da Costa (coordenadora).

PUBLICIDADE

Isabel Cristina Soares (contato).

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Jânio de Oliveira (gerente), Amílcar Almeida Ramos, Luis Carlos Faloppa (contatos). Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045, São Paulo/SP.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70302, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041) 222-1766, CEP 80060, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 835, fone (021) 256-8724, CEP 22031, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - Mário Neves e José Maria Neves - Rua do Ouro, 104 - conj. 902 - fones: (031) 223-1964 e 227-6829 - CEP 30.210 - Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (0512) 33-1822, telex (51) 2333, fax (0512) 33-2456, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. Exemplar avulso, Cr\$ 1.300,00; exemplar atrasado, Cr\$ 1.800,00. A revista não se responsabiliza por originais não-solicitados.

DISQUE

(90512) A COBRAR

33-1822

Saiba
as vantagens
de assinar

a granja

ÍNDICE

**NESTA
EDIÇÃO**

EXPOINTER/91

- Abertura 14
- Animais: a crise não respeita a qualidade . . . 16
- Máquinas: as vendas estão paradas 50
- Destaques/91: um tributo aos homens da terra 54

A R R O Z

- Uma cultura milenar 58

SEÇÕES

- Caixa Postal 2890 8
- Aqui Está a Solução 9
- Eduardo Almeida Reis 10
- Porteira Aberta 11
- Flash 12
- Trator/colhedeira 78
- Novidades no Mercado 80
- Ponto de Vista 82



NOSSA CAPA

Expointer 91, a maior feira de agropecuária da América Latina, reuniu o que de melhor existe em animais e máquinas no setor



XIV EXPOINTER: a preocupação de quem produz

Hugo Giúdice Paz, presidente da Farsul, em seu discurso de inauguração logo de início deu o tom: "o mais grave é a falta de confiança mútua. Nem o governo confia nos produtores e nem os produtores confiam no governo. A crise é real. É séria." Mais para o fim de sua alocução, no entanto, registra: "é certo que muito já foi feito. O país tem hoje uma Lei Agrícola que, se não é a melhor, foi a que as lideranças da agricultura brasileira, com inestimável apoio do ministro Cabrera, conseguiram obter." Nessa contradição temos um retrato do Brasil de hoje. Durante anos, o produtor primário pediu, implorou, exigiu uma lei. Pois temos a lei. Temos terra. Temos clima. Temos mercado. Temos um governo que devastou o setor, mas desde alguns meses dá sinais que não tem mais preconceito com as coisas do campo. Sabe que basta uma safra (seis meses) para derrubar o drama do desabastecimento, e agora se deu conta que a recuperação econômica começa pelo segmento rural. Mas tudo está emperrado. O que a cabeça pensa o pé não chuta. O que é que há?

Atrás do ambiente de festa, os números da recessão

O preço do boi vivo que sempre balizou o estado de espírito do pecuarista esteve em alto astral durante a semana da Expointer. Porém, os leilões atingiram exatamente a metade das previsões do "experts". Ou seja, faturou-se 50% menos em gado (bovinos, ovinos, eqüinos, suínos) do que o ano anterior. Dá para explicar? Pela lógica, não.

Pelos fatores subjetivos, sim. Afinal o pecuarista, ao contrário do agricultor, não está descapitalizado. Mas ele também não resistiu nos dias 29/30/31 de agosto às manchetes negativas, às fofocas, ao estouro dos juros, às notícias alarmistas dos jornais de TV. Conseqüência? A extrema prudência. A castração da vontade de assumir riscos. Comportamento igual ao cidadão que recebeu em 16 de agosto parte de seu dinheirinho de volta. Deixou-o simplesmente lá onde estava.

Setembro negro?

A atração pelo terror, dizem os estudiosos de psicologia de massas, é um fato real. Pois tanto se falou no setembro negro que o capeta botou a cabeça de fora.

Assim, não foi por nada que os preços dos leilões da Expointer foram pro brejo.

Vemos o cenário:

01. A equipe econômica está atolada, não sabe o que fazer com a inflação.

02. O Congresso, reduto do populismo feroz, retrógrado e oportunista virou pandemônio onde ninguém se entende.

03. O Judiciário, com seu formalismo arrogante e tradicional, preguiça para resolver seja lá o que for, tem hoje um conceito junto ao povo perto do zero.

04. A sociedade, multifacetada no corporativismo xiita (lei de Gerson), está estagnada, sem ver luz no túnel. Ora, todo este coquetel altamente explosivo faz com que o setor primário, por mais que queira andar, simplesmente puxe o freio de mão.

O que vai acontecer?

A revista A Granja é essencialmente uma revista técnica. Objetiva, de pé no chão. E hoje, qualquer opinião neste sentido vira mero palpite ou então apenas o exercício de quem

tem o compromisso mensal de preencher esta página e não sabe como.

Daí, a nossa confissão.

Simplesmente, honestamente, fraternalmente: não sabemos o que vai acontecer. Só sabemos que, se o quadro geral de desagregação não reverter, o agribusiness também não reverterá. E uma coisa temos certeza: o quadro não reverterá pela ação unilateral do Executivo. Se não houver união de todas as forças vivas da nação num mesmo objetivo, não sairemos do lugar, e a corrente dos mais de 600 mil brasileiros fora do Brasil irá engrossar todo o santo dia. Mas a solução não está lá fora. Está aqui mesmo.

A crise é político-econômica

Hoje, há uma crença real de que nenhum setor irá bem se o todo estiver emperrado como está. Não se trata da laranja ir mal, e o arroz, bem. De nada adianta estarem este ano os preços do boi em alta se cada vez a dona-de-casa estar consumindo menos carne bovina. O Brasil precisa ir bem. No todo. Isto realmente implica pensar e agir grande. Se o nome é pacto, compartilhar ou coalização, não vem ao caso a semântica. Porque, sem a ruptura do cartorialismo, populismo e corporativismo praticados principalmente pela área dos que recebem no fim do mês sem correrem risco sequer de perderem o emprego, vamos todos continuar no atoladouro onde já estamos há mais de dez anos.

Precisamos entrar firme no privilégio da preguiça.

Um país que tem 30 feriados ao ano, e onde juízes e desembargadores gozam de 80 dias de férias normais, pode ser viável?

A seção Caixa Postal 2890 está à inteira disposição para quem desejar discorrer sobre o assunto.

Horticultura

“Sou leitor há quase três anos desta revista e aprecio as informações que dizem respeito à produção agrícola. Como tenho um pequeno sítio nas cercanias de Brasília, peço que a redação dê mais atenção àquelas matérias sobre horticultura, uma atividade que vem crescendo nos grandes centros urbanos. Esperando ser atendido, envio meu forte abraço à toda equipe da revista A Granja.”

José Luiz R. Guimarães
Planaltina/DF

Outubro quente na Luiz de Queiroz

“A Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz — Fealq programou três eventos para o mês de outubro na área de agropecuária:

* *8º Encontro sobre temas de genética e melhoramento* — Será nos dias 9 e 10 de outubro, no anfiteatro do Pavilhão de Genética da Esalq/USP, no campus de Piracicaba. No programa, constam avanços da genética e melhoramento na área vegetal, animal e microbiana, bem como discussão dos trabalhos da pesquisa. É destinado a pesquisadores da área de genética, docentes e alunos.

* *Simpósio sobre tecnologia de produção de alimentos* — De oito a 10 de outubro, no anfiteatro do Departamento de Solos da entidade. O objetivo principal é apresentar e discutir as fontes alternativas de alimentos de origem animal e vegetal. Programa: feijão-guandu, utilização de proteína de folhas, proteínas de microorganismos, utilização do leite de búfala, etc. Podem participar nutricionistas, profissionais de ciências agrárias, economistas domésticos, tecnólogos e demais profissionais da área.

* *2º Curso de sangria de seringueira* — Também de oito a 10 de outubro, no Departamento de Agricultura da Esalq. Do programa, constam fisiologia da produção do látex, controle de doenças de painel, etc. Para pro-

dutores, pesquisadores, extensionistas e estudantes ligados ao assunto.

Informações adicionais podem ser conseguidas entrando em contato no endereço abaixo.”

Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz
Av. Carlos Botelho, 1025
fones (0194) 22-6600/22-3491
Piracicaba/SP

Os rumos do campo

“Ao ensejo de cumprimentá-los, temos a satisfação de convidar vossas senhorias, bem como todos os integrantes dessa organização, para somar esforços junto aos 220.000 produtores rurais de nossa área de atuação, com o objetivo de superar a crise econômica e social que se agravou com a frustração da última safra. Embora o governo tenha prometido a liberação de recursos para a agropecuária, as análises das entidades rurais indicam que as medidas anunciadas ainda estão longe de garantir estabilidade ao setor agrícola. Convictos de que a solução dos problemas que afligem o setor primário e, conseqüentemente, todo o complexo agroindustrial, depende de decisões políticas e da mobilização de todos os segmentos envolvidos, estamos preparando a realização do fórum ‘Os rumos da agropecuária gaúcha’, objetivando definir ações técnicas e políticas que conduzam à reativação do mais importante setor da nossa economia: o agribusiness.”

Odacir Klein
Presidente da Fecotriço
Porto Alegre/RS

Controle biológico é com Embrapa

“O Centro Nacional de Pesquisa de Defesa da Agricultura — CNPDA, com o apoio da Fapesp e CNPq, ministrará o curso ‘Controle Biológico de Doenças de Plantas’. Será no Laboratório de Fitopatologia do

CNPDA, no período de 14 a 25 de outubro. As vagas serão limitadas a 16 participantes, os quais serão divididos em grupos para a realização das aulas práticas. O treinamento é destinado a profissionais com experiência no assunto ou que demonstrem interesse nesta área. Os inscritos não-selecionados poderão assistir às palestras. Maiores informações, no seguinte endereço:

CNPDA/Embrapa
Rodovia Campinas Mogi-Mirim, km 127,5
Caixa Postal 69 - Fone (0192) 971721
Jaguariúna/SP

Em pauta, os sem-terra

“Considerando os alarmantes rumos que vêm tomando as invasões de terras em nosso país e, principalmente, no Rio Grande do Sul, venho me questionando e acredito que também muitos outros cidadãos se perguntam sobre a legitimidade de tais movimentos, não encontrando respostas plausíveis sobre as questões e manifestações tanto por parte dos sem-terra como das autoridades políticas e comunitárias. Pretendo inteirar-me e conhecer os episódios com mais clareza e fidedignidade. Por isso, dirijo-me a esta conceituada revista, que vem se destacando nacionalmente junto aos líderes rurais com suas reportagens pertinentes e esclarecedoras, a fim de solicitar ampla reportagem sobre o referido assunto. Esperando atendimento no que foi solicitado, envio cordiais saudações.”

Luís Gustavo Schauenberg
Porto Alegre/RS

RETIFICAÇÕES

Na página 30, da edição de agosto/91, estão trocadas as legendas. Assim, o primeiro da esquerda para a direita é Luiz Carlos Prieb, e o segundo, obviamente, José Ignácio Ferreira.

Outra: na página 40, ao alto, terceiro parágrafo da primeira coluna, o correto é “Motor MWM-D229/3 e D229/4.”

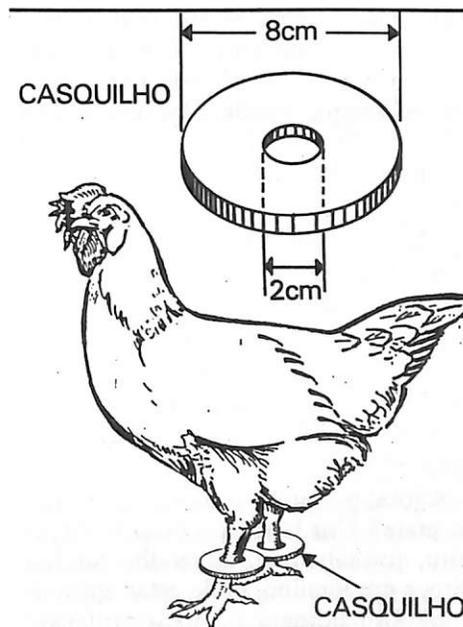


Pato casa bem com piscicultura

“Estou inclinado a criar peixes em açudes e me indicaram o consórcio com patos, mas não me explicaram por que. Quais são as vantagens deste ‘casamento’?”

Jorge Chaim
Uberaba/MG

R — O principal motivo pelo qual se deve consorciar patos com peixes é que estes últimos, por terem suas fezes líquidas e defecarem dentro d'água, aceleram o processo de formação do plâncton subaquático mais rápido do que qualquer outra espécie. Com isso, a alimentação dos peixes se torna abundante e barata.



R — Na zona rural do Estado de Pernambuco é muito conhecida a técnica do “casquilho”. Esta técnica consiste em se cortar, na forma de círculo com diâmetro em torno de 8cm, tendo no centro um orifício de 2cm de diâmetro, materiais como caçaça, plástico duro, borracha, madeira etc. Para colocar o “casquilho”, basta juntar os dedos da ave e fazê-los passar pelo furo de 2cm de diâmetro. Ao se soltar a ave, a abertura natural dos dedos, no ato de caminhar, não permitirá que os casquilhos caiam.

Hortênsia rosa?

“Gostaria de saber por que da variedade rosa nas hortênsias?”

Celeste Aida dos Santos
Maringá/PR

R — A resposta é simples. A variedade na cor rosa das hortênsias nada tem a ver com espécies ou subespécies, mas trata-se de um processo metabólico da planta em função do solo em que está plantada. Solos com grande quantidade de ferro produzem a variedade cor-de-rosa. Também solos ácidos, sem correção, produzem hortênsias de um cor-de-rosa mais pálido. Trata-se, portanto, de um fator de pH do solo. Devemos notar que as hortênsias desta coloração são menores do que as de cor azulada, demonstrando, assim, um excesso de micronutrientes.

Atrás do gengibre

“Estou interessado na cultura de gengibre (*Zingiber officinalis*) e gostaria que me auxiliassem na obtenção de informações técnicas as mais completas possíveis a respeito da cultura do mesmo. Necessito de dados que possibilitem um estudo de condições, exigências e viabilidade. Na possibilidade de não terem essas informações,

solicito que colaborem enviando-me endereços de produtores, bem como de associações, órgãos ou instituições que possam me auxiliar.”

Glademir A. M. Lazarotto
Caxias do Sul/RS

R — A cultura do gengibre não encontra muito apoio dos órgãos de pesquisa no país. No entanto, você pode começar as suas buscas entrando em contato com o Instituto Agrônomo de Campinas, que tem bibliografia sobre o assunto e pode lhe indicar outras fontes de consultas. O endereço: av. Barão de Itapura, 1481, caixa postal 28, CEP 13020, Campinas/SP, na seção de Plantas Medicinais. Ou contate pelo fone (0192) 31-5422.

Ciscou muito, casquilho nela!

“Tenho umas galinhas ‘caipiras’ criadas soltas, conforme é recomendado por todos criadores deste tipo de aves. Entretanto, as mesmas estão causando grande transtorno nas minhas lavouras com o seu ciscar. Há algum método para que as mesmas deixem as lavouras de lado.”

Janair dos Santos Trindade
Três Corações/MG

Que país é este?

No elevador do escritório encontro o engenheiro-agrônomo Geraldo Alvim Dusi, MS, PhD, Pós-Doctor pelas melhores universidades dos Estados Unidos e da Europa, ex-professor do km 47 (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), ex-chefe do Centro Nacional de Pesquisa — Gado de Leite, de Coronel Pacheco/MG, ex-presidente da Pesagro-Rio, inteiríssimo nos seus cinquenta e um bocadinho, fortíssimo, sendo capaz de triturar uma leitoa de oito quilos, com uma travessa de tutu à mineira, convenientemente lubrificada por um litro de uísque produzido nas Terras Altas da Escócia. Pergunto o que está fazendo e ele me conta que se aposentou.

Mais adiante, a caminho do restaurante, encontro o Argemiro Tavares Neto, que dirigiu durante anos as carteiras de crédito rural do Banco do Brasil. Ninguém, honestamente, lhe dá mais de 30 anos, mas já deve ter passado dos 50, porque me conta que se aposentou.

Agora, pergunta aqui vosso cronista: pode? Um homem como o Argemiro, que sabe tudo de crédito rural, e parece um menino, pode estar aposentado? Um homem como o professor Dusi, que sabe tudo sobre agrostologia e administração de empresas de pesquisa agropecuária, e parece um touro de bigodes e cabelos precocemente encanecidos — pode estar aposentado?

Que país é este, em que os melhores vão-se embora para casa, no esplendor de sua capacidade intelectual, enquanto os imbecis irrecuperáveis continuam fazendo carreira? É admissível que um sujeito de 30 anos (e ninguém me convence de que o Argemiro tenha mais de 30, que é o que aparenta), pouco mais que um

menino, depois de intenso treinamento na área complicada do crédito rural, quando já conhecia tudo, mas tudo mesmo, do assunto, se aposente pura e simplesmente?

E, ao que parece, com vantagens, pois o BB perdeu, tempos atrás, toda uma geração de seus melhores e mais dedicados funcionários, em consequência de um dispositivo estúpido, que premiava os que se aposentassem até determinado dia.

Não sei se o Argemiro saiu com o tal grupo, que fez muito bem de aproveitar a brecha legal. Patriotismo tem hora. No lugar deles, se eu ainda fosse empregado daquele banco, trataria de cair fora. Nunca fui dos melhores, ou dos mais dedicados, mas ainda assim passei no BB uns quinze anos de minha vida, como funcionário, e uns bons dez anos, na condição de mutuário, devendo os olhos da cara. Sobrevivi às duas experiências.

O professor Geraldo Alvim Dusi, mineiro de Guarani, que sabe tudo sobre capins e dirigiu dois importantes centros de pesquisa agropecuária, também está dedicado ao *far niente*. Pode? E o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado, que o dr. Dusi fez nas melhores universidades do mundo? E sua experiência de administrador de empresas de pesquisa? Que país é este, que prescinde do concurso de um Dusi e um Argemiro?

Não se diga que estou com inveja. Se há coisa que não invejo é de quem se aposenta. Não consigo entender como certos sujeitos (e não é o caso do Argemiro e do Dusi) podem ficar o

dia inteiro, de bermudas, andando pelas ruas infectas de Copacabana, feito bobos. Coronéis, generais, almirantes, bancários — todos com as canelas muito brancas, à mostra, naquele *otium sine dignitate* que caracteriza os aposentados cariocas. E do resto do país, ao que presumo.

Argemiro e Dusi estão se dedicando às suas fazendinhas, onde criam bois e tiram leite, no eixo Piau-Rio Novo/MG. Mas é pouco para homens como eles, que poderiam e deveriam estar prestando os maiores e os mais relevantes serviços ao país. O Argemiro, por exemplo, está maduro para chefiar o crédito rural de um grande banco particular, ou para cuidar da área financeira de uma grande empresa agropecuária.

Quanto ao Dusi, que se desiludiu com a cátedra universitária, diante da bagunça que vai pela maioria dos nossos *campi*, está maduríssimo para secretário de Agricultura, para presidente da Embrapa e para ministro de Estado da Agricultura.

Pela nova diagramação de A Granja só tenho 70 linhas, para fazer esta crônica. E já consumi mais de 60. Portanto, o espaço é pequeno para falar da forte impressão que me causou o artigo do sr. Gerardo Mello Mourão, estampado na Folha de S. Paulo, comparando a histeria ecológica que anda por aí a uma espécie de Aids ideológica. Por outro lado, fiquei intrigado com as declarações do governador Gilberto Mestrinho, segundo o qual o digno secretário do Meio Ambiente, professor doutor José Antônio Lutzenberger, teria dito que os campos naturais de Roraima seriam o retrato da devastação da floresta amazônica. Será que o doutor Lutz disse mesmo tamanha tolice? Realmente, não acredito.



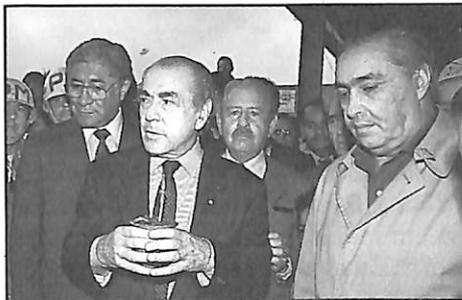
A XIV Expointer tropeçou desde o início

A abertura da Expointer estava marcada com grande antecipação para as 9 horas, sábado, dia 24 de agosto, com presença do governador Collares. Na hora, nada do governador. Como ato principal programado era o hasteamento solene das bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul e do município de Esteio, em cima da hora foi feito um rápido “check-up”. Providencial ensaio, pois não é que o mastro principal emperrou! Bem, o negócio foi chamar a guarnição do Corpo de Bombeiros. Bombeiro pra cá, bombeiro pra lá, puxa aqui, puxa lá, mais um palpite acolá e... pronto, mais de uma hora de atraso... E cadê o governador? Nada. Enquanto isso, o belo pelotão de garotas contratadas para a ocasião, lá, firme. A compensação veio em seguida. A banda tocou o hino nacional, e Aldo Pinto, secretário da Agricultura entre irritado, pela demora e pelo pequeno público, cheio de tédio, discursou exatos um minuto e oito segundos, deixando perplexos o presidente da Farsul, Hugo Giudice Paz, e Clodomiro Soares, prefeito de Esteio, mas a minúscula galera gostou porque o negócio era ver logo a bicharada.

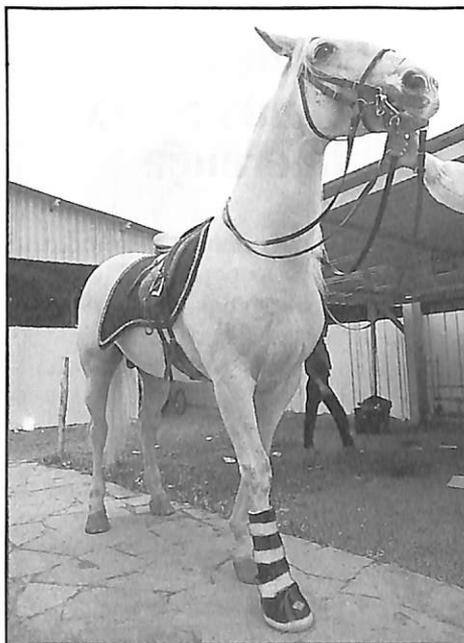
Sobrou pro campo

Lançado pelo governador gaúcho Alceu Collares à Presidência da República em 92, durante as comemora-

ções da Campanha da Legalidade, o governador carioca Leonel Brizola visitou a Expointer em ritmo de campanha e parece que já achou um mote para arrebanhar o voto de agricultores e pecuaristas. Primeiro, chegou, visitou os pavilhões, distribuiu abraços e, de lambuja, ainda comeu batatinhas. Depois, observando as maquetes dos condomínios rurais que a Secretaria da Agricultura desenvolve, para viabilizar a produção da pequena e média propriedade rural, não se conteve e comparou este esforço a um Ciep da agricultura. Há trinta anos, o gaúcho de Carazinho não cansa de ditar a moda. Desta vez, sobrou para a agropecuária.



Garanhão bem-calçado



Gato de botas, quem já leu as histórias infantis, não causa surpresa a nin-guém. Mas vaca e cavalo de botas,

pelo menos entre nós, só no Jeca Tatu do Monteiro Lobato. Agora, o fato deixa de ser papo pra boi dormir. Assim, despertou muita curiosidade o passeio da vaca holandesa Rosa, da Agropecuária Anju, de Glorinha/RS, e do garanhão andaluz Tarado (isto mesmo), da Agropecuária Itapuã, de Arandu/SP. Enquanto ela exibia sua “shoes for moos”, ele ostentava seu “hoff healers”. Fabricados pela empresa canadense Church St., estas duas botas têm em comum o fato de ajudarem no tratamento e recuperação dos cascos, corrigindo aprumos e evitando apodrecimentos e infecções. Com bandagem antiderrapante, ambas são de cor escura, com alças de borracha e fivela que as fixam na posição correta. Depois do tratamento feito, podem ser lavadas e estão aptas à reutilização. Com toda a certeza, esta novidade não vai evitar os já tradicionais “pulinhos” que muito garanhão costuma dar por aí.

Vida de boi é melhor

Todo cabanheiro sabe o valor de um peão numa propriedade, homem que em muitas vezes é considerado o braço direito do patrão. Numa exposição, como a Expointer, que tem nove dias de duração de programação oficial, na verdade para estes valorosos homens começa desde a saída da porteira da fazenda (sem contar a preparação do animal). Dependendo da distância onde fica a cabanha, os tratadores ficam acampados no parque cerca de duas semanas. Agora, imaginem ficar todo este tempo sem as mínimas condições de infra-estrutura, como a constante falta de água nos alojamentos, sem condições de até mesmo conseguir tomar um banho antes de dormir? Esta é a reclamação do expositor Cláudio Chagastelles aos responsáveis pelo parque de exposições em Esteio. “Em Palermo, na Argentina, no banheiro da peonada tem até perfume, enquanto aqui é um verdadeiro caos. Espero que no ano que vem a coisa mude para amenizar a vida destes nossos operários”, desabafou o ovinocultor. Aqui, o perfume ainda é orgânico.

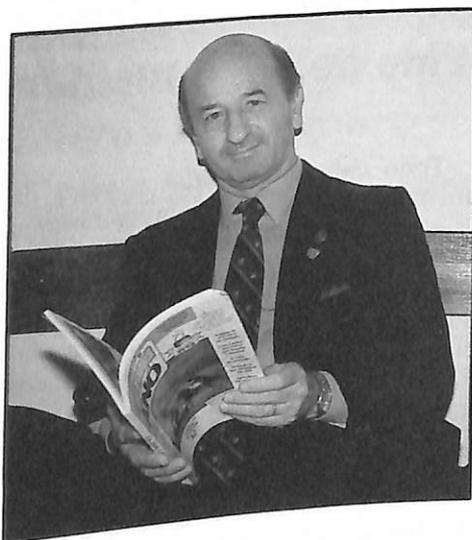


Mercosul: border leicester para o Uruguai

Pela primeira vez, os criadores uruguaios estão introduzindo em seus plantéis ovinos border leicester, oficializando, assim, a integração da raça no Mercosul. O negócio aconteceu durante a Expointer, quando dois exemplares, no valor unitário de Cr\$ 600 mil, foram comercializados pela Cabanha Quizilia, de Wilson José Dornelles, de Uruguaiana/RS, para um criador do Departamento de Florida, distante 400 quilômetros da fronteira com o Brasil.

Dornelles contou que a transação foi fácil, já que a intenção dos uruguaios é usar os ovinos para cruzamento industrial. "Eles vão utilizar os animais em cima de lã tradicional e, ao mesmo tempo, não vão perder no cruzamento a qualidade desta lã. Além disto, produzirão mais ovinos-carne, mercado praticamente inexistente no Uruguai."

92: o ano da ovelha

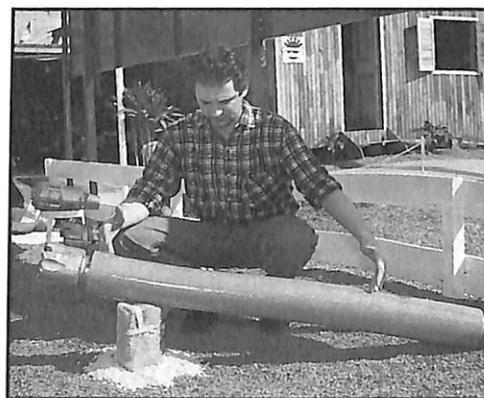


De 9 a 16 de agosto de 1992, Buenos Aires vai sediar o Congresso Mundial de Ovinos e Lãs. A iniciativa tem como objetivos atualizar os produtores de ovinos do mundo todo nas técnicas de manejo, reprodução, alimentação e sanidade e difundir a criação. Para o presidente do Conselho Mundial dos Criadores de Ovinos, Horácio Foster, que é também secretário da Sociedade Rural Argentina, a promoção "vai demonstrar a importância dos produtores da América do Sul em relação ao resto do mundo". Segundo ele, este evento vem de encontro, inclusive, à abertura do Mer-

cosul, pois "quem ganha com isto é o consumidor final e também o produtor rural, beneficiados pela competência em melhorar o seu nível de produção." Está prevista a participação de 20 países e quase 2.000 congressistas, além da exposição de ovinos de países do Cone Sul, Austrália e Nova Zelândia. Foster esteve em visita ao estande de A Granja acompanhado de Raul Roccatagliata, assessor da Sociedade Rural Argentina.

Hidrotécnica: cavando a sua liderança

Pequena no tamanho e grande no mercado. Este é o perfil da Hidrotécnica Poços Artesianos, de Uruguaiana/RS, uma das Expositoras da Expointer. Segundo o responsável técnico, geólogo Asdrúbal Berquó, a empresa detém 60% do mercado, e os 40% restantes são divididos pela concorrência. A menina-dos-olhos da Hidrotécnica é um equipamento conhecido como "sonda rotopneumática". A tecnologia de ponta é usada, no Rio Grande do Sul, apenas pela Hidrotécnica e permite o perfuramento de poços em até sete dias, com bastante precisão, garante Berquó. Mas o maior argumento da empresa refere-

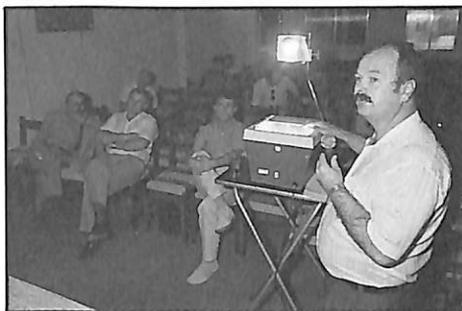


se-se ao custo. A perfuração de um poço para irrigação de lavouras pode chegar a apenas um décimo do preço de construção de uma barragem, além de estar imune às estiagens. Além disso, a Hidrotécnica está empenhada em divulgar dados que comprovam a melhor sanidade no plantel de aves e suínos que consomem água do subsolo, com demonstrativos de melhor ganho de peso.

Alerta: quem não aposta, não lucra

Cinquenta mil bois deixam de ser produzidos a cada inverno nos Campos de Cima da Serra, considerando-se uma perda de 80kg/cabeça num rebanho de 683 mil animais. Principalmente pela carência de alimentação nessa época, sem levar em conta os rigores do inverno. A revelação é do pesquisador Arno Constanzi, da Estação Experimental de Vacaria/RS, unidade da Secretaria da Agricultura gaúcha, feita durante palestra no auditório da Federacite, em Esteio. Segundo ele, se o produtor investisse em tecnologia e tivesse estímulo, esta região, que abrange os municípios de Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, etc. engrossaria o rebanho estadual em mais 100 mil cabeças anualmente.

E uma das maneiras de aumentar a produtividade, hoje ao redor de cinco por cento no RS, seria com a adoção do desmame precoce. "É viável o desmame a partir dos 90 dias com animais pesando mais de 90kg", afir-



ma o técnico, bastando para tanto que o produtor se disponha a ter gastos, justificados no final pelo aumento da produção.

Outro dado inquietante é com relação ao que a região deixa de ganhar em cordeiros, que poderiam ser criados em consórcios com o cultivo de maçã. De acordo com pesquisas da Estação, Constanzi informou que 30 cordeiros podem ser engordados em cada hectare. Isto significa dizer que, nessa região, deixam de ter 130 mil cordeiros na entressafra da macieira, época em que não são aplicados pesticidas.

Depois de mostrar outros dados sobre produção leiteira e manejo de pastagem, Constanzi concluiu que a região tem potencial, mas falta planejamento.

Tratores: vendas estão emperradas

Os tratores vendidos no Brasil registram níveis tão baixos que não têm outra saída senão aumentar a comercialização. A avaliação foi feita pelo vice-presidente corporativo da Valmet, Jouko Tukiainen, para quem as vendas do setor, neste ano, estão "miseráveis". Lembrou que, nos primeiros oito meses de 91, houve a comercialização de 8.358 tratores, número que não irá superar o registrado em todo o ano passado, de 20.918 unidades.

"Trata-se da mais baixa venda do setor nos últimos 20 anos", assinalou Tukiainen. Para ele, a comercialização de 91 não deverá ultrapassar as 14 mil unidades. Mesmo assim, afirma que a Valmet está otimista e acredita que o produtor brasileiro crê no aumento da produtividade como meio de salvação e sobrevivência. A multinacional, em contrapartida, aumentou sua participação de mercado. Em 90, atingia 25% passando, neste ano, para 31%.

Apesar deste quadro, alerta que, se

a falta de capital não for resolvida, dentro em pouco a produção agrícola do Brasil será uma catástrofe, levando o país a uma importação generalizada de alimentos. "A Comunidade Eco-

nômica Européia está, hoje, derubando os subsídios, mas, no futuro, este artifício tende a desaparecer, sendo substituído por outros mecanismos que auxiliem o setor primário".



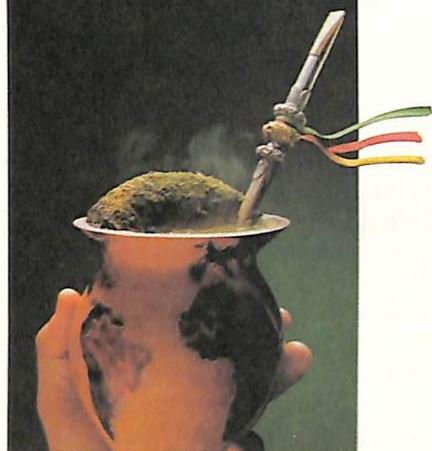
Educação: alfabetizando o campo

A alfabetização no meio rural já é uma realidade. A Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul - Farsul através de convênio firmado com o Ministério da Educação e contando com o apoio da Fundação Estadual Padre Landel de Moura - Feplan e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, implantou em diversos municípios do Rio Grande do Sul o projeto "Vem Para o Galpão, Tchê".

Os primeiros resultados foram observados no vídeo exibido na XIV Expointer. O objetivo desta etapa inicial, segundo Hugo Paz, presidente da entidade, é de alfabetizar três mil peões. Ele explica que as aulas estão sendo ministradas nos galpões das próprias fazendas, por monitores especialmente preparados para o ensino ao homem do campo.

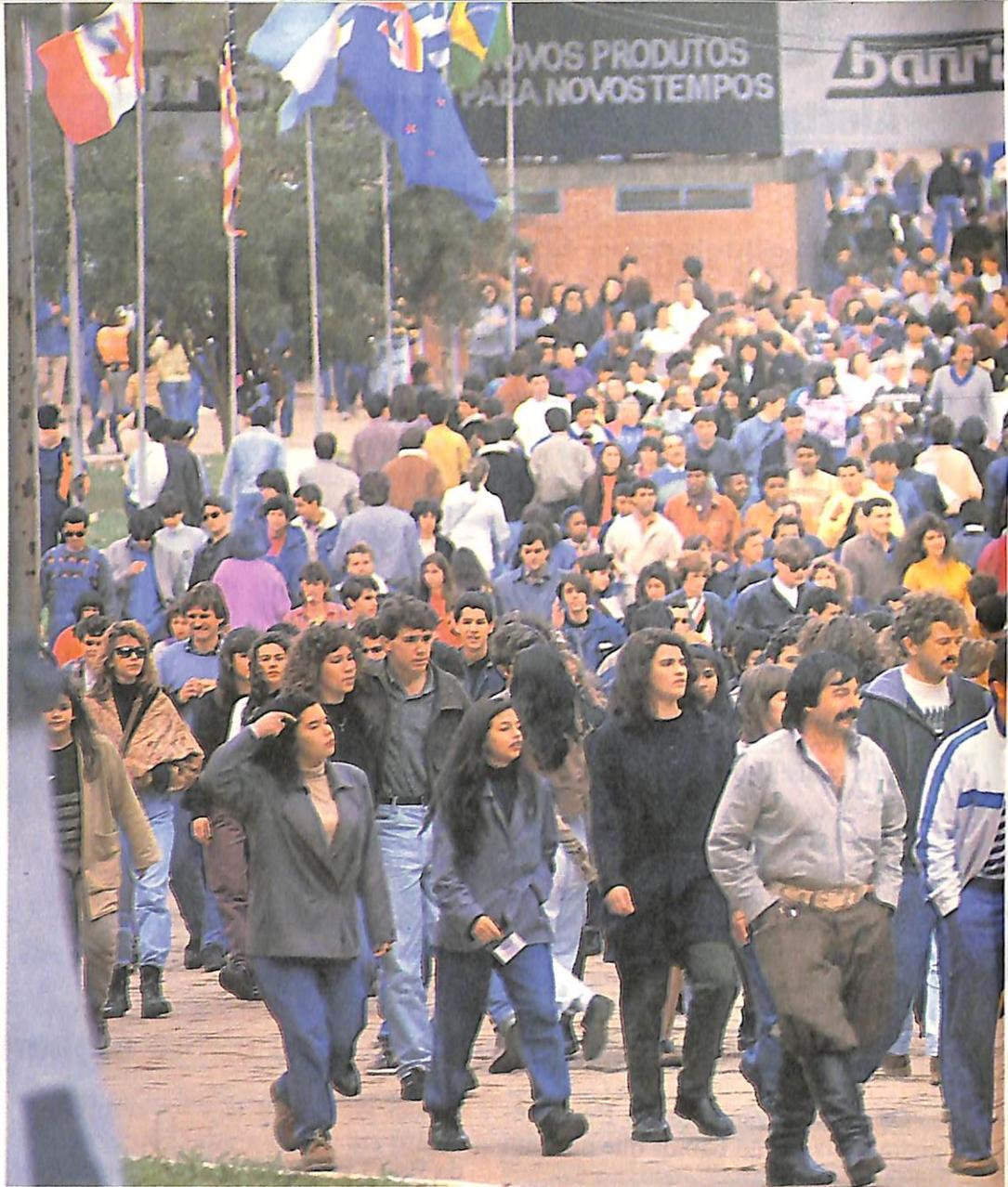
EXPOINTER 91

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANIMAIS, MÁQUINAS AGRÍCOLAS E ARTESANATO



A maior feira agropecuária da América do Sul reuniu o que de melhor existe no agribusiness brasileiro.

A crise, no entanto, não poupou ninguém



Muita gente, poucas vendas na feira da integração

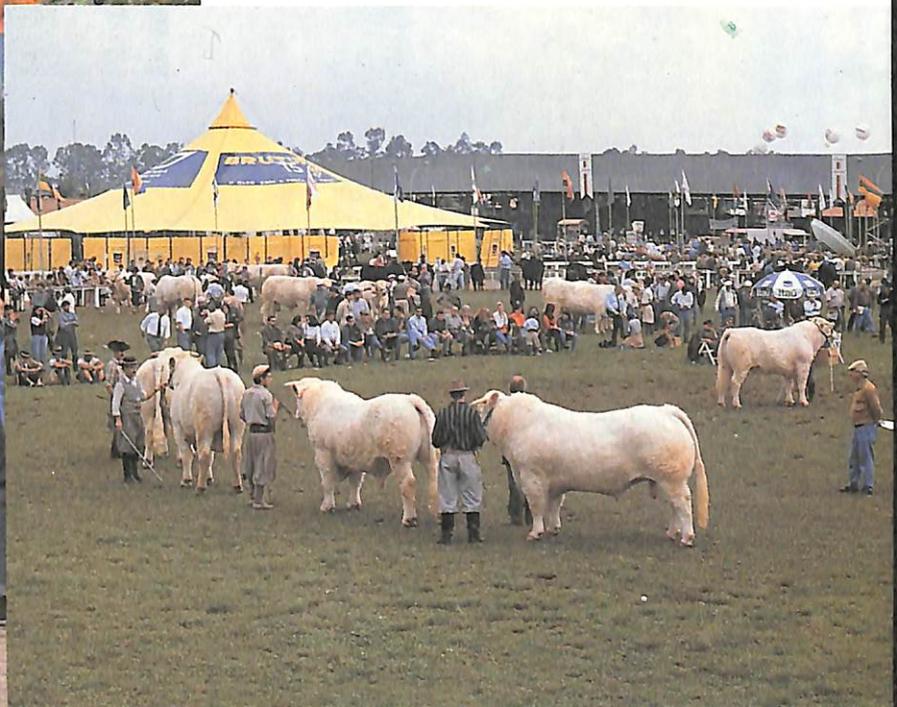
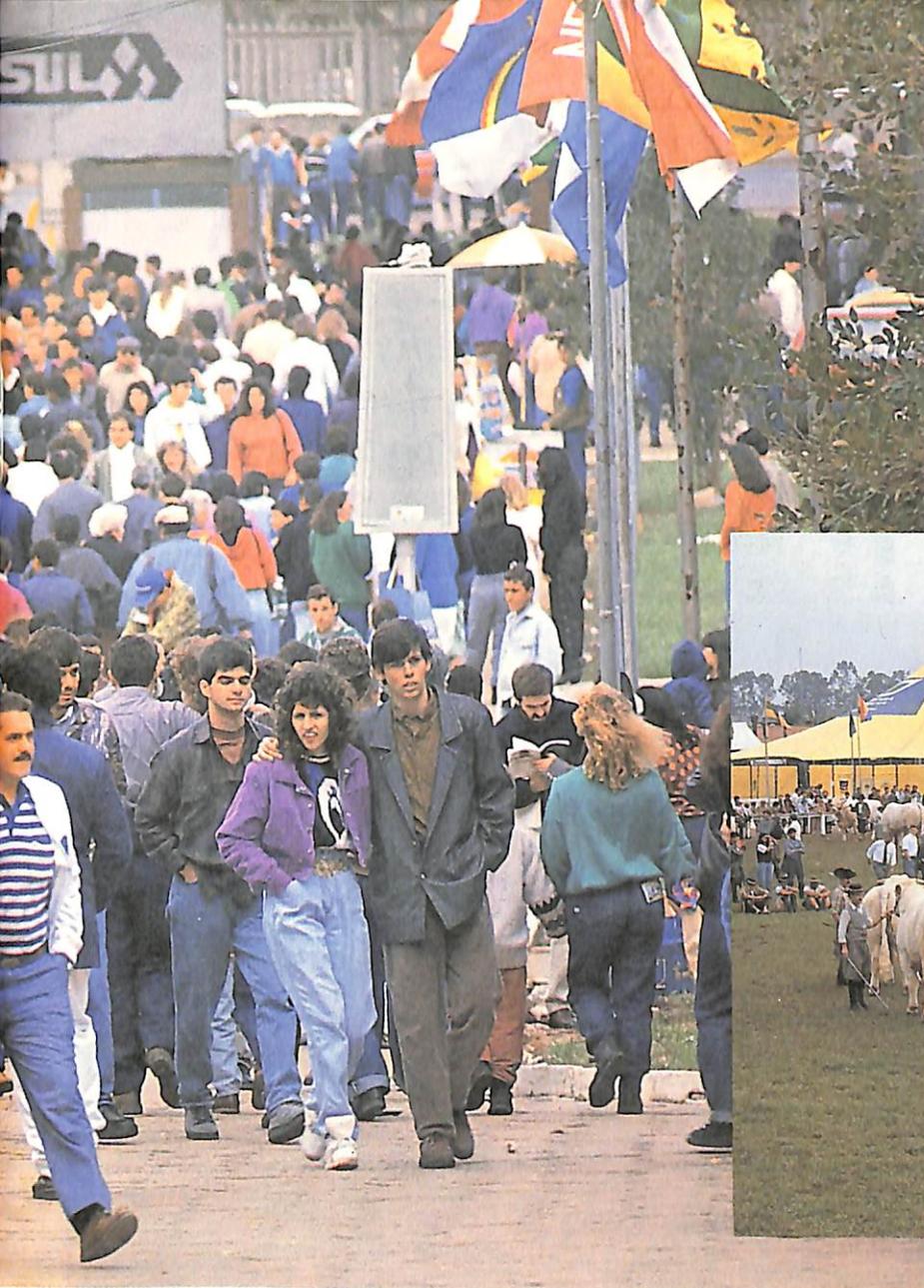
AXIV Expointer, também apelidada da Expointer da Integração, confirmou o Efeito Orloff, quando Prado, no Uruguai, e Palermo, na Argentina, pouco venderam. 817 mil pessoas, segundo dados oficiais, visitaram ou trabalharam nesta feira, dando um colorido especial aos produtos e animais expostos durante nove dias em Esteio/RS. Nesta passarela de 640 mil metros quadrados, desfilaram durante o período de 24 de agosto a 1º de setembro criadores, expositores e industriais que se “digladiaram” numa concorrência

salutar na defesa do seu trabalho. Isto porque a Expointer representa, queiram ou não, a vitrine da agropecuária brasileira, embora a comercialização não tenha sido o ponto alto desta edição. A previsão oficial era vender Cr\$ 1,5 bilhão, o que, infelizmente, não aconteceu, pois os números fecharam em Cr\$ 745 milhões. Só para dar a magnitude do caos em que vivemos, isto representa menos de 4% dos Cr\$ 20 bilhões que o “dr.” Ilton Escóssia da Veiga levantou dos cofres da Previdência, sem fazer a mínima força.

A boa surpresa ficou em cima do

ovino carne, que mostrou que veio para ficar e não apenas preencher o pavilhão dos ovinos quando a lã estava em alta. Nos bovinos de corte, a raça santa gertrúdis deu o maior preço individual, seguido da ovina ile-defrance e do bovino charolês, a maior representação do gado de corte. Já o leite, tão maltratado, teve na raça holandesa a sua maior representatividade, apesar, também, do fraco desempenho nas vendas.

E como não dá para agradar a todos, há elogios e críticas em cima da infraestrutura do parque Assis Brasil, ficando



do o ponto crítico em cima da distribuição de forragem aos animais. Outro item que preocupa é o do espaço destinado aos animais. Apenas como sugestão, A Granja acha que deveria ser adotado o modelo das feiras norte-americanas, que estabelece um rodízio de espécies. Aí, sim, racionalmente equacionado, todo mundo sairia ganhando, inclusive novas espécies que querem se fazer presente em Esteio.



ANIMAIS

A partir de agora, eu, Jibóia IA, uma charolesa charmosa, vou contar a vocês o que aconteceu em Esteio.



Afinal, se o cachorro do Magri tem alma, porque nós, que fazemos a festa, não podemos meter a nossa colher?

Eu e meus familiares só conseguimos perceber para onde estávamos indo quando enxergamos, por entre as frestas da carroçaria, as três enormes bolas que identificam o parque de exposições Assis Brasil, em Esteio. E pela enorme agitação só poderia ser uma coisa: participar da maior exposição da América do Sul, a Expointer. E ninguém quer ficar de fora desta festa, oportunidade única a cada ano de rever os amigos e contar as novidades.

Achei muito estranho quando fui acordada às 2h da madrugada de quarta-feira, dia 21/08, e após 45 minutos embarcada no caminhão. Mas não estava só, o que foi um alívio, pois me fazia companhia mais cinco parentes. A viagem começou e parecia interminável. Ainda bem que, ao longo dos 480km que separam Tupanciretã de Esteio, de vez em quando, havia uma parada para fazer xixi e tudo mais que tínhamos direito. Como sabiamente disse o ministro Magri, se cachorro tem alma, porque nós também não haveríamos de ter? Afinal, somos ou não filhos de Deus?

O passeio demorou sete horas até a descida no parque, quando eram exatamente 8h45min. Me perdoem a falta de educação por não ter me apresentado, ainda, mas é que fiquei tão feliz de estar aqui que acabei esquecendo. O meu nome de registro é Jibóia do Taquarembó IA, um tanto estranho, mas garanto que de venenosa não tenho nada, como a própria cobra. Recebi a tatuagem de número 79, porque acham que vou me perder por aí e resolveram escrever bem dentro da orelha.



Tô chegando pra contar as novidades

**"PARA AUMENTAR
A PRODUTIVIDADE,
O AGRICULTOR
PRECISA INVESTIR
EM PESQUISA,
TECNOLOGIA
E MÃO-DE-OBRA
ESPECIALIZADA.
FAZER TODOS
ESSES INVESTIMENTOS
CUSTA MUITO MENOS
DO QUE
SE IMAGINA."**

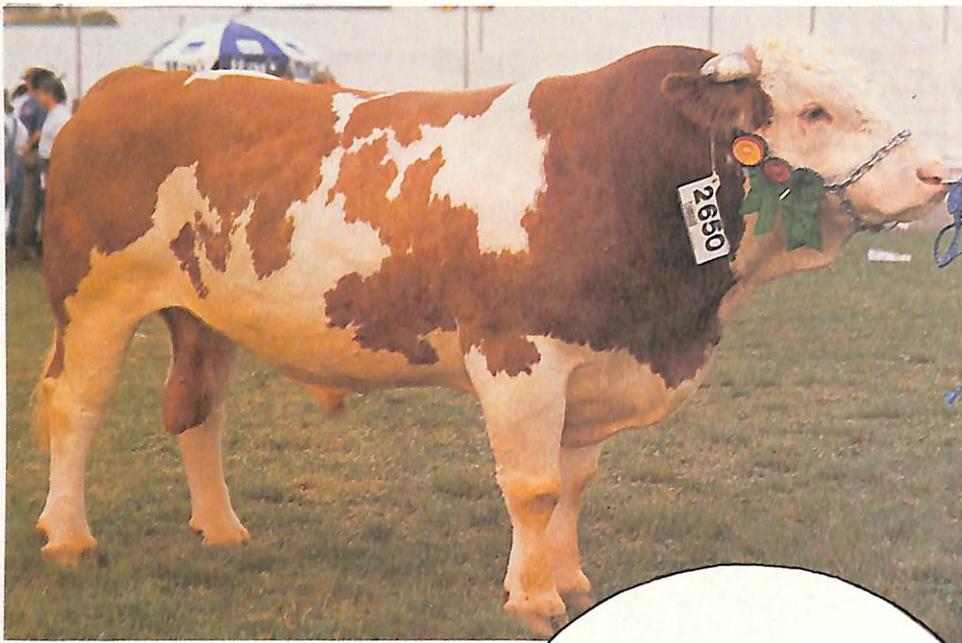
**"CUSTA O PREÇO
DE UM TRATOR.
VALMET, É CLARO!"**



VISITE O SEU CONCESSIONÁRIO AUTORIZADO E CONHEÇA A NOVA LINHA DE TRATORES VALMET.

Valmet

O trator da nossa terra



Grande campeão e campeão sênior simental-fleckvieh, SE frances, exposto por Dirceu Assis, de S. Francisco de Paula/RS

Nesta Expointer, os 1.024 bovinos de corte e mistos que passaram pelo crivo dos veterinários da Secretaria da Agricultura gaúcha no exame de seleção de admissão tiveram a seu trânsito totalmente livre para fazer a festa de Esteio. Segundo os responsáveis por estes exames — que incluem morfologia, sanidade e obediência ao padrão racial — não houve um só caso de exclusão de animal. O mesmo ocorreu com os zebuínos-nelore, nelore mocho, tabapuã, gir e gir mocho —, que participaram com 131 exemplares. Na espécie bubalina também foi constatado índice zero na rejeição, entrando no parque 68 animais das raças mediterrâneo, murrha e jafarabadi.

Já na fase de julgamento, o mais importante deles, o de charolês e charolês mocho, é o que chamou mais atenção, tanto pela qualidade apresentada como pela quantidade de animais participantes: 212 com chifres e 83 mochos. O juiz da raça, o uruguaio José Jorge Boismenu, que atuou pela terceira vez em Esteio, disse que a representação estava parelha, destacando-se os grandes campeões. Garantiu que “os charoleses gaúchos são o que de melhor existe na América do Sul”. Além da classificação de grande campeão e campeão, os dois representantes máximos destas duas variedades, tanto machos como fêmeas, são confrontados pelo juiz para sair daí um supremo campeão. Neste ano, a vaca mocha Vedete da Glória, de Dario Cáceres e Filho, de São Vicente do Sul/RS, de 1.181kg, com cria ao pé,

Aqui, os jurados falam das raças mais numerosas de gado de corte e mistos. Tô nessa também

chegou ao supremo campeonato pela segunda vez consecutiva. Sobre esta vaca, Boismenu considerou-a uma das melhores mochas do mundo. Dos quatro campeões, três são tricampeões, todos carregando a descendência Tattenhall Impecable, um dos maiores raçadores charoleses.

Na raça santa gertrúdis, a segunda maior representação entre os bovinos de corte, com 162 exemplares, a preocupação maior do jurado argentino Júlio Zapico foi com os aspectos do prepúcio nos machos. É que a santa gertrúdis, por suas características genéticas, produz, às vezes, um animal com prepúcio grande, o que pode ocasionar infecções se sofrer atrito com a pastagem. Por isso, considerou mais fácil julgar os machos, eliminando de saída aqueles com problemas mais graves. Já entre as fêmeas, que estavam mais parelhas, Zapico destacou a vaca Rafaela 767, da Cabanha São Rafael, de São Borja/RS, pesando 863kg, definida por ele como “feminina, sem excessos de gordura e muito fértil”.

Raça de duplo propósito — carne e leite —, o normando foi a terceira

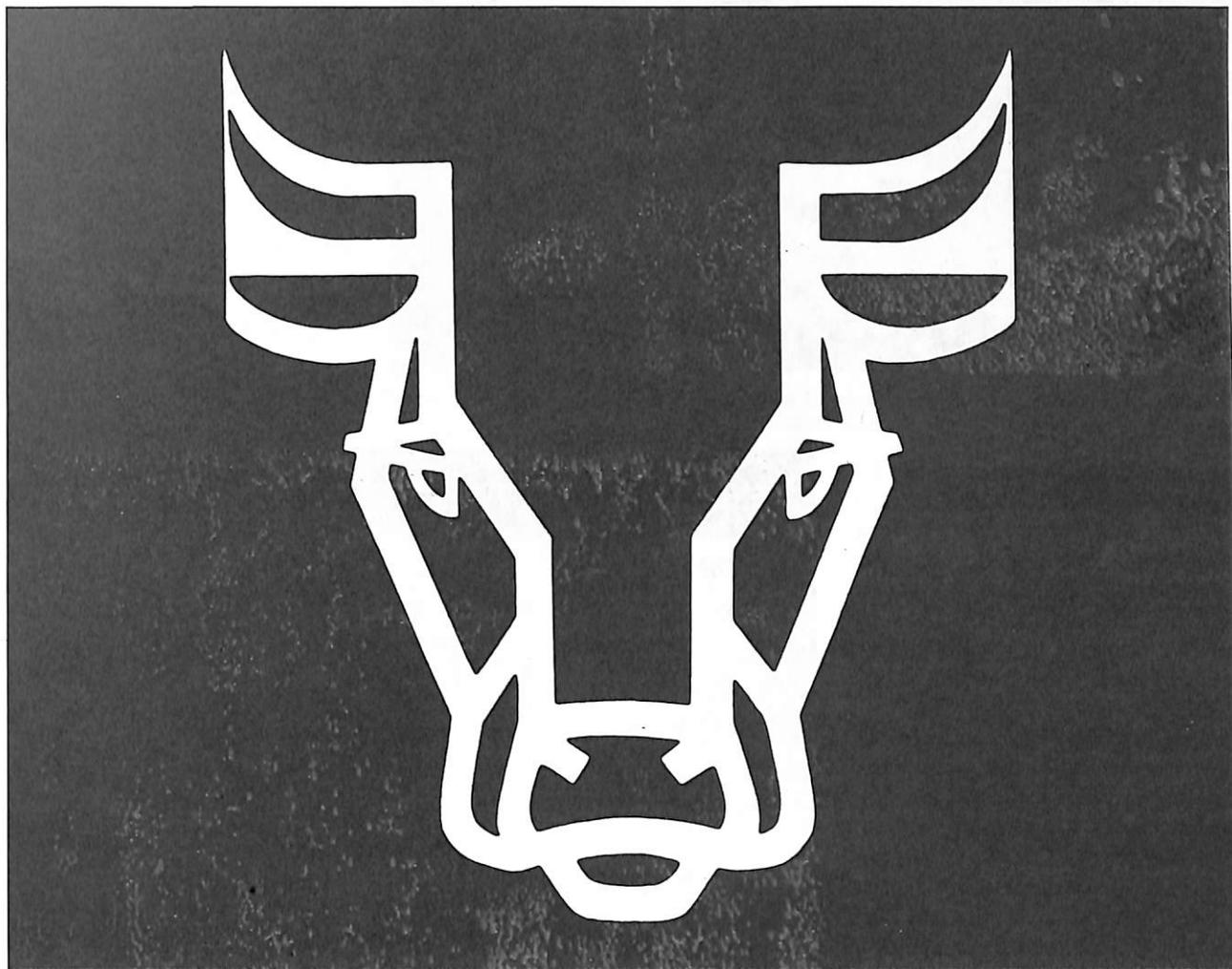
maior representação entre os bovinos de corte e mistos na Expointer, com 100 animais. O jurado francês, Michel Lehoux, disse que os normandos que entraram na pista de julgamento eram de muito bom nível, “muito próximo ao francês”. Reclamou, entretanto, que gostaria que as fêmeas tivessem melhores úberes, incitando os criadores a fazer o controle leiteiro, a exemplo do que se faz na França, a origem desta raça. “Assim, posso julgar com os critérios aos quais já estou acostumado”, diz afirmando que em seu país este controle é obrigatório. Lá, a raça tem atingido uma produção média de 6.033kg ao ano, com um índice de proteína de 3,5% e 4,1% de gordu-



ra. Isto dá a chance de o produtor se defender da crise vendendo carne, quando pega a entressafra do leite.

A quarta maior representação, a raça simental-fleckvieh, também de duplo propósito, compareceu com 73 exemplares, demonstrando o seu franco crescimento, especialmente no Brasil Central, onde é muito utilizada nos cruzamentos industriais tendo como base o nelore. Para o jurado Jaime Müller, gaúcho residente no Paraná, mas com fazenda no Mato Grosso do Sul, a grande campeã tinha um bom tipo leiteiro, com muita feminilidade,

USE A CABEÇA.

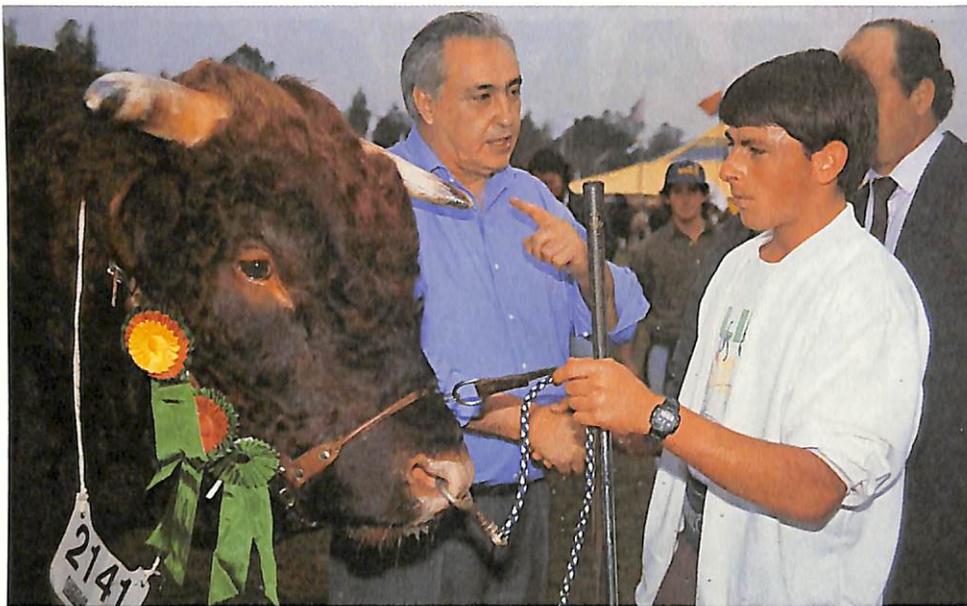


USE IVOMECC*.

IVOMECC é líder de mercado, com resultados comprovados na pesquisa e no campo. IVOMECC é **muito eficaz no controle do berne.**

Para ajudar a ter mais lucro por cabeça, use a cabeça. Use IVOMECC.

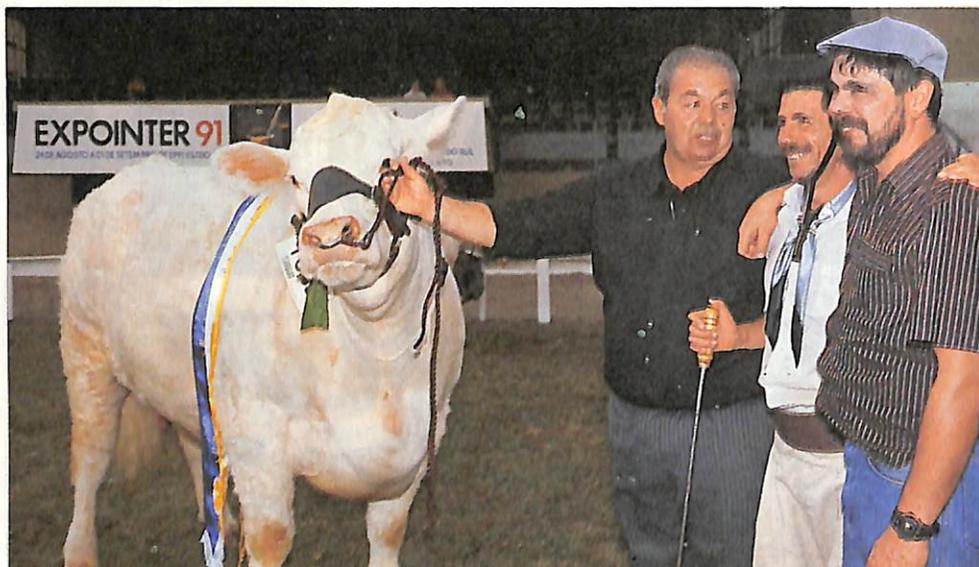
ivomecc* 
(ivermectin)
injetável para bovinos



Grande campeão e campeão sênior devon, Garupa 3026, da Cabanha Azul, de Quaraí/RS, com o prestígio do secretário da Agricultura do RS, Aldo Pinto

e apresentando uma bezerra ao pé. Isto, segundo ele, influenciou na sua decisão para dar o grande campeonato à vaca Elianne 10 de Sambará, da Cabanha Santa Bárbara, de Carla Staiger Schneider, São Jerônimo/RS, pesando 795kg. Nos machos, o grande destaque foi SE Frances, da Cabanha Santa Terezinha, de São Francisco de Paula/RS, com 1.155kg. Ele tornou-se bi-grande campeão da feira e sempre levantou grandes campeonatos em todas as exposições que participou. Seu proprietário, Dirceu Borges de Assis, já recusou uma oferta de Cr\$ 8 milhões. Com esta valorização, o jurado entende que o crescimento da raça está se dando mais pela característica carne, mas que o criador não deve descuidar dos aspectos leiteiros.

Os 62 aberdeen-angus que participaram dos julgamentos de classificação encontraram pela frente um juiz decidido, que não poupou o gigantismo de alguns exemplares. Tito Rubens Mondadori, que faz teste de desempenho de touros em sua propriedade de Itaquí/RS, disse que o angus terá um papel fundamental no Brasil nos próximos 10 anos. Para isto, no entanto, o produtor deve considerar sempre a eficiência máxima na sua criação. Isto é, buscar o maior número de quilos de carne/hectare, onde, segundo ele, a conversibilidade desta raça é imbatível. Para isto, ele optou por animais de tamanho médio, que produzem mais por hectare, otimizando a relação custo-benefício.

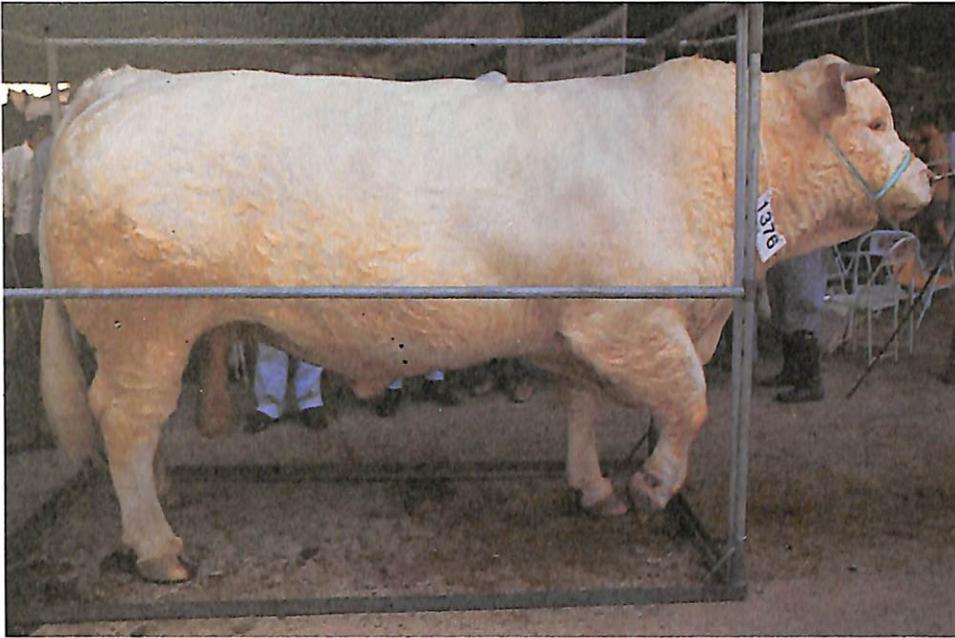


Charolesa Vedete da Glória, tricampeã e bissuprema da raça, da Cabanha Glória, de São Vicente do Sul/RS

TEMPO BOM.

Plante sua marca.

FÁBRICA: Avenida Pirapó, 175 - Telefone: (0434) 22-1707 - Telex 432616 - CTNS - Apucarana - Paraná
 VENDAS
 PORTO ALEGRE - Rua Cristóvão Colombo, 59 - Loja 2 - Telefones: (0512) 25-3620 e 25-2467
 PARANÁ - Rua Osvaldo Cruz, 510 - Ed. Palácio do Comércio - 7º Andar - Sala 703 - Telefone (0434) 22-5106
 SÃO PAULO: Avenida Brig. Faria Lima, 2003 - Conj. 101 - 1º andar
 Telefones (011) 813-7035, 210-8397 e 814-8684 - São Paulo
 RIO DE JANEIRO: Rua Voluntários da Pátria, 190 - 8º andar - Sala 814 -
 Telefones (021) 286-7741, 286-9449 - Botafogo



Charolês Sá Brito Gaúcho, na medição: o mais pesado da feira, 1.568kg

Pela primeira vez na Expointer uma raça bovina — caso do charolês — utilizou a ultra-sonografia para detectar a prenhez em um julgamento de classificação. Até então, este critério era exclusividade dos ovinos. A obrigatoriedade de estar “cheia” é uma das condições básicas para o ventre, após certa idade, poder ser julgado. Além desta prova, todas as raças bovinas passam pela pesagem e são verificados o comprimento e altura da garupa.

Entre as mais de 16 raças de gado presentes em Esteio, cada associação adota critérios específicos para participar do certame. Porém, é fundamental que o animal não fuja às características determinadas pelo padrão ra-

*Vejam só o que nós temos
que passar pra poder
entrar em Esteio. Eu sei
que é para o nosso bem, mas
haja paciência!*

cial. Neste aspecto, é considerada a pelagem, estrutura óssea, conformação corporal, desenvolvimento em função da idade, aprumos, locomoção e manchas na mucosa.

O veterinário Volmar Grigoletto, superintendente do registro genealógico na raça charolesa, disse que, no julgamento de admissão e pesagem, em primeiro lugar é examinada a dentição. Assim, dois dentes representam entre 18-24 meses; quatro, de 24-36 meses; e seis dentes, 36 a 48 meses.

Para efeitos de eliminação, são observados, principalmente, a fuga dos padrões raciais, não atingir o peso mínimo da raça e inexistência de prenhez positiva a partir de uma determinada idade. No caso dos touros, isto para todas as raças, são exigidos o Controle de Desenvolvimento Ponderal (CDP), uma espécie de mapa que traz diversas pesagens em determinadas etapas de desenvolvimento, e o exame andrológico após os 18 meses de idade.

Pela segunda vez consecutiva, o touro

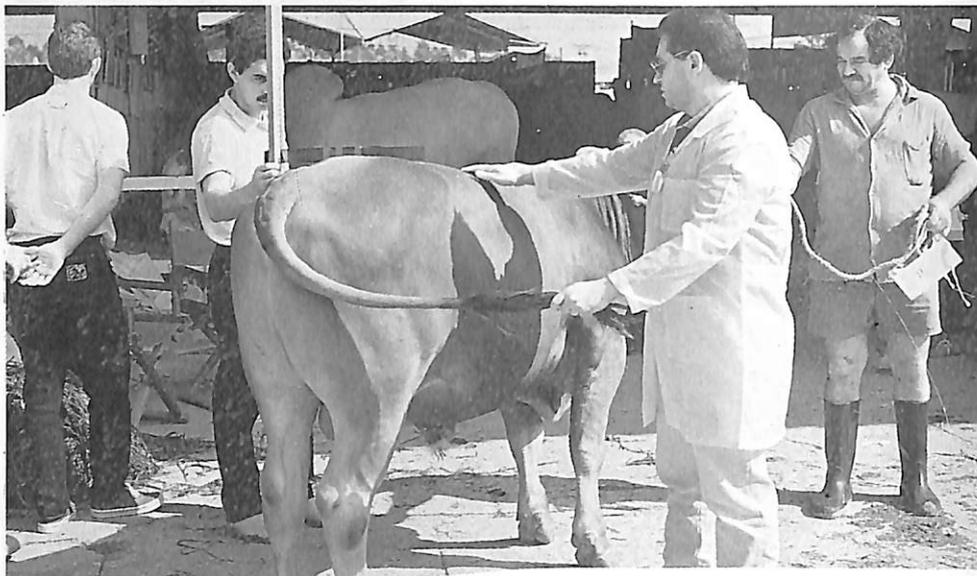


*Grande campeão e campeão júnior
aberdeen-angus, Lones Star Patriot, da
Cabanha Azul, de Quarai/RS*

“Não tenho nada de venenosa, mas prometo contar tintin por tintim o que se passou na Expointer”

A minha história começou numa tarde do dia 20 de outubro de 1989, — vou completar dois anos no mês que vem — quando mamãe, Tipa do Ivaí, trazia ao mundo esta linda garota, vocês não acham! A época do ano não poderia ser melhor, em plena primavera, com o campo todo bonito, verdinho. A mãe nunca precisou de ajuda para dar a luz, seja para mim como para o resto de meus cinco irmãos. Eu não gostaria de falar muito dela porque há poucos meses, em 20 de junho, a nossa querida mamãe morreu. Mas, meu consolo é que estava bem velhinha, com 14 anos de idade. E quem mais sentiu a sua falta foi o caçula, que ficou em casa, lá na Cabanha Taquarembó, com apenas dois meses e a babá pardo-suíço.

Nós, charoleses, somos orgulhosos, mas tenho que admitir que, com apenas cinco dias, não pude mais mamar na mãe, pois não havia jeito de chupar o leite em apenas dois tetos. A saída foi chegar numa pardo-suíço, que nem se incomodou em me alimentar. E por sinal são elas quem amamentam as crias na propriedade.



Exame de admissão: o veterinário não deixa passar nada. Olha tudo de cabo a rabo

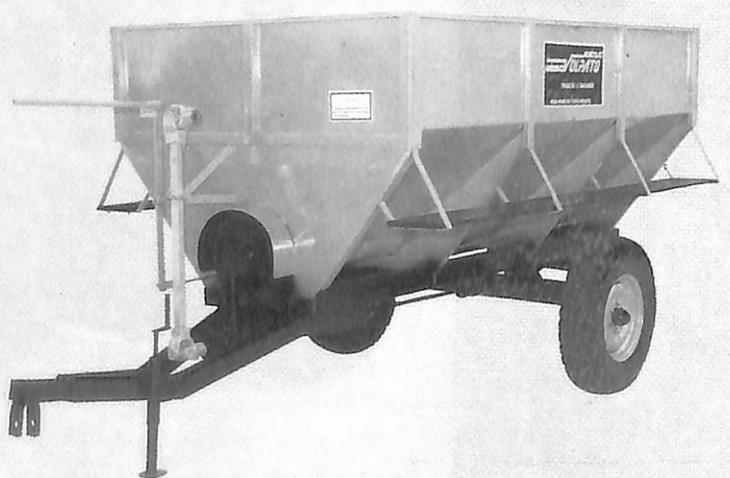
charolês “Sá Brito Gaúcho”, com apenas 4,5 anos de idade, é o animal mais pesado da Expointer: 1.568kg. Propriedade de André Gomes, da Estância Sá Brito, “do” Alegrete/RS, o reprodutor deixou a propriedade com praticamente o mesmo peso, portanto, sem perdas na viagem, o que favoreceu bastante para levantar este bicampeonato. Inclusive, disseram os jurados, o mais pesado da América do Sul.

Aos 205 dias de idade, “Sá Brito” já pesava 406kg; 365 dias, 610kg; 550 dias, 878kg; 730 dias, 1.102kg e 1.640 dias os 1.520kg. André Gomes fez questão de salientar que este touro é o mais premiado na história da raça

charolesa, com nada menos do que 12 títulos, entre os quais o de grande campeão de Esteio nos anos 89 e 90. O pai é “Fleets Rascal” (campeão do Royal Show 83) e mãe “Gasolina Catcheur Tango do Sá Brito”, que, com 14 anos de idade, contava com 11 produtos. Estes, quando participaram da Expointer, conquistaram 26 prêmios, dos quais 13 campeonatos.

O trabalho desenvolvido pela família Gomes na seleção e aprimoramento da “raça de prata” faz 37 anos. Segundo André, foi muito tempo dedicado à raça, conhecendo as linhagens, trazendo exemplares do exterior com sangue francês, uruguaio, argentino, canadense, americano e inglês.

DISTRIBUIDOR DE ADUBO ORGÂNICO SECO E CALCÁRIO

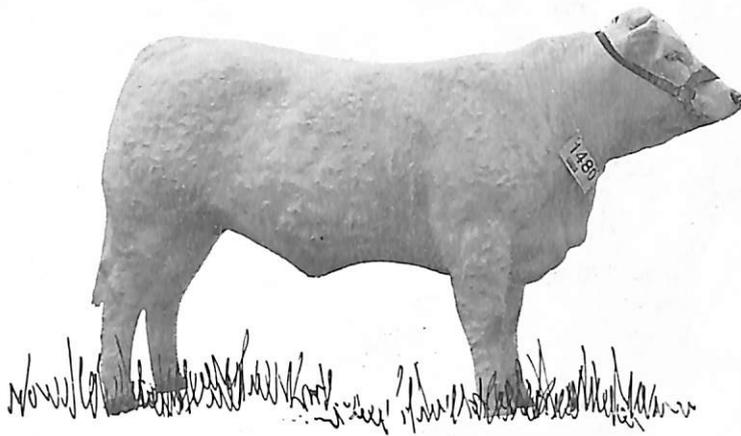


- Equipamento adequado para pequenas e médias lavouras e hortigranjeiros entre outros
- O distribuidor tem excepcional funcionalidade, distribui com perfeição e uniformidade adubo orgânico seco e calcário.
- É forte, robusto, garantindo uma ótima durabilidade.

AGRICOLAS
MÁQUINAS VOLPATO

TRADIÇÃO E QUALIDADE

DILETO VOLPATO - Ind. Com. de Máquinas Agrícolas
Rua Luiz Marafon, 348 - Fones: (054) 242-1082 - 242-1101
Fax: (054) 242-1082 - Cx. Postal 156 - Telex: 542110
95320 - Nova Prata - RS



Imagine só: tem gente comprando em leilão cotas de boi e futuros campeões dentro do útero da mãe de aluguel

A terceira edição do leilão Zebuinter vendeu um total de Cr\$ 16.350.000,00, na comercialização de 16 animais, entre nelore, nelore mocho, gir e tabapuã, todas de criatórios gaúchos. A média ficou na casa de Cr\$ 908.333,00. O maior negócio da noite foi a venda de 30% de cotas do touro Broto da Santa Marta, por três milhões. Broto saiu grande campeão nelore mocho da mostra e pertence à Agropecuária Bela Vista, de São Gabriel/RS, e foi para uma central de inseminação, que repassará 30% da produção para o comprador, Régis Scalcon, de Santana da Boa Vista/RS. Outra venda que marcou muito os presentes, pelo ineditismo, foi a do nelore mocho Apocalipse, campeão júnior maior desta Expointer, que pertencia a Pedro Monteiro Lopes, da Cabanha Pitangueira, de Itaqui/RS. Ele foi adquirido pela parceria Agropecuária Cruz de São Pedro, de Tacuarembó,

Uruguai, que pagou Cr\$ 2.150.000,00. Segundo Lopes, foi a primeira venda de um nelore mocho

ao Uruguai. No nelore aspado, o grande destaque ficou por conta de Hamanobroi, vendido por Cr\$



Nelore mocho: a grande campeã da raça é Sabrina da PIT, da Fazenda Pitangueira, de Itaqui/RS

PLAINA PARA FABRICAÇÃO DE MARAVALHAS



Patente registrada nº 820.621

CONVERTA MADEIRA ÚTIL EM GRANDES LUCROS!

O equipamento dispõe de raspadores de madeira para todas as finalidades: maravalhas de diferentes espessuras para aviários, feiras, acondicionamento de hortigranjeiros, cobertura de solo, exposições, isolamentos e outros. RASPA madeiras moles e duras de todos os tipos. Armação toda em aço, engenharia precisa.

AGRICOLAS
MÁQUINAS VOLPATO

TRADIÇÃO E QUALIDADE

DILETO VOLPATO - Ind. Com. de Máquinas Agrícolas
Rua Luiz Marafon, 348 - Fones: (054) 242-1082 - 242-1101
Fax: (054) 242-1082 - Cx. Postal 156 - Telex: 542110
95320 - Nova Prata - RS



"SCEPTER NO CHÃO E MUITA SOJA NO BOLSO.

HÁ CINCO ANOS COMIGO É ASSIM."

Declarações como essa são muito comuns.

No controle de folhas largas na soja, Scepter está presente em mais da metade da área tratada do nosso país.

Scepter hoje é o líder absoluto do mercado. E essa liderança não apareceu por acaso.

Scepter trouxe tranqüilidade para o agricultor: a soja cresce livre das ervas

daninhas e a colheita é feita no limpo.

Scepter pode ser usado como PPI ou pré-emergente.

Controla Amendoim-bravo/Leiteiro, Picão-preto, Poaia-branca, Carrapichinho, Guanxuma, Trapoeraba, Maria-pretinha, Corda-de-viola, Caruru e Beldroega.

Por isso, aplicar Scepter é um investimento que dá retorno. Você colhe de volta "o verdinho" mais bonito da soja.

herbicida para soja
SCEPTER[®]

5 ANOS PRODUZINDO LUCRO.

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual, (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

**QUARTO DE MILHA
HARAS AZEREDO
VERSATILIDADE
E VELOCIDADE**



EDUARDO P.F. AZEREDO

ESCRITÓRIO

Av. Independência, 1184
Conj. 63 - Fone: (0512) 21-5441
Porto Alegre - RS

**OVINOS KARAKUL
Pele Astrakan - couro - carne**



**1º PRÊMIO - CAMPEÃ
DA CATEGORIA E
RESERVADA
GRANDE CAMPEÃ
EXPOINTER/91**

**VENDA PERMANENTE
DE REPRODUTORES**



Cabanha Vista Alegre
de Carlos Engracio Barcellos da Silva

Rua Antonio Silveira, 396, sala 601
Tel. (055) 272-1769 - Tupanciretã-RS

2.500.000,00, comprado pelo santamariense Paulo Achutti, ofertado pelo criador Luiz Gonzaga Marafiga, da Fazenda São José, também de Santa Maria/RS. Além disso, foram vendidos embriões no ventre de vacas doadoras, comercializados pela Bradesco Pec-plan.

Numa avaliação do leilão, que abriu com o hino nacional, o presidente da Associação Gaúcha dos Criadores de Zebu-AGCZ, Pedro Monteiro Lopes, disse que esta terceira edição serviu para mostrar a força do zebu criado em território gaúcho. A associação, segundo ele, quer utilizar o RS como adaptador do zebu para entrar no mercado do Cone Sul. "Outro detalhe que chamou a atenção foi que os compradores já sabem escolher um bom animal, pois estão conscientes de que cruzamento dirigido é uma coisa e mistura de animais é outra", avaliou.

Confirmando o seu bom momento, o leilão raça simental-fleckvieh vendeu toda a oferta que entrou em pista — 34 animais, oito fêmeas e 26 machos — pela expressiva quantia de Cr\$ 41.550.000,00. A média, considerada sensacional pelo leiloeiro Osvaldo Silva, foi de Cr\$ 1.222.000,00. O maior preço coube à fêmea SV Dina 61 D12 Clean, de sete anos, bicampeã da Expointer/90 e reservada de campeã de 1991: Cr\$ 3.555.000,00. A vaca foi ofertada pelo criador Luís Carlos Aguirre, da Cabanha Santa Virgínia, de Livramento/RS, comprada por Luís Barancelli, Fazenda Amambai, do Mato Grosso do Sul. O grande volume em dinheiro levantado pela raça não foi novidade para Marcelo Silva, do Escritório Trajano Silva Remates, "pois em São Paulo os animais alcançam preços três vezes superiores aos praticados em Esteio". A modalidade de pagamento foi em quatro parcelas: uma no ato e as demais em 30, 60 e

**EC Suspiro, o maior preço
bovino de Esteio**



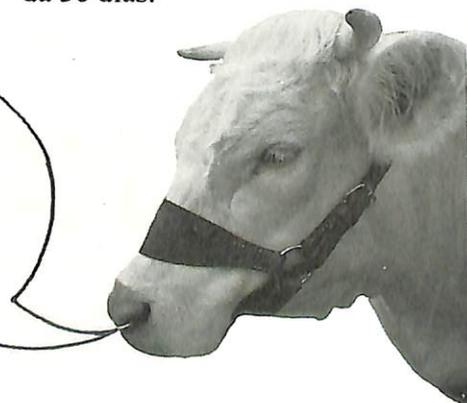
A fêmea EC Suspiro é reservada de campeã santa gertrúdis e foi arrematada por Cr\$ 7,050 milhões, vendida pela Cabanha Suspiro, de São Gabriel/RS, para a Cabanha Santa Maria do Pinhal, de Júlio de Castilhos/RS.

90 dias.

Todos satisfeitos. Assim terminou o leilão do pardo-suíço, embora a comercialização, em dólares, tenha ficado bem abaixo do ano passado. Em 1990, o total de vendas foi a 98,5 mil dólares, com média de 3,79 mil dólares por animal. Agora o total não passou de Cr\$ 24,68 milhões (57,4 mil dólares), com média de Cr\$ 649,47 mil, ou 1,5 mil dólares.

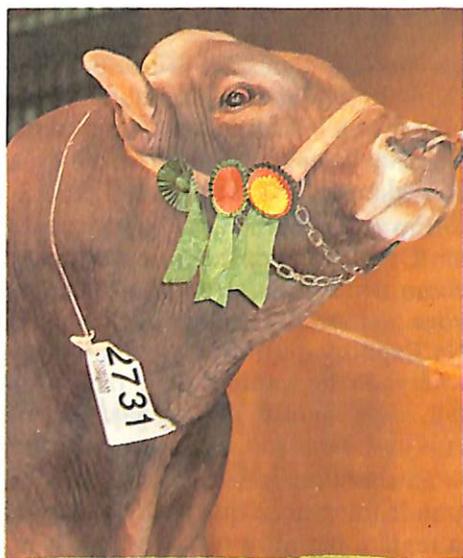
A satisfação do leiloeiro e da associação dos criadores veio do fato de que praticamente a totalidade dos animais oferecidos foi vendida. Quarenta exemplares entraram em pista, e 38 foram comercializados. Para o presidente da Associação dos Criadores de Pardo-Suíço, Vileu Castilhos da Silva, a descapitalização do setor primário contribuiu para a redução dos preços. Também pesou, segundo ele, a modalidade da comercialização, em quatro parcelas: uma à vista e as outras a cada 30 dias.

*Também andei em
outros leilões, pra
conferir quem fica
com quem nesta história*



O leiloeiro Jarbas Knorr pensa que "o problema não é de prazo". Segundo ele, os preços estão dentro da realidade do mercado, dada a "escassez de dinheiro e a instabilidade econômica do país".

Dois fêmeas dividiram o maior preço, de Cr\$ 1,12 milhão. Uma delas foi a campeã vaquilhona menor, Cruzeiro Sênior Duqueza, de propriedade de Irene Treter, Cabanha Granja Suíça, Cruzeiro do Sul/RS, adquirida por Nelson Luiz da Silveira, Cabanha Santa Márcia, Santo Antônio da Patrulha/RS. A outra foi PJ Sterne Obelix, de Paulo Vieira Branco, adquirida por Hélio Martins Coelho, do Mato Grosso do Sul.



Grande campeão e campeão sênior pardo-suíço, Innerthal Ember Mark, da Agropecuária Raposo, de Lages/SC

Desmistificar junto à população as reais e ricas propriedades da carne de búfalos e do leite e derivados existentes na raça. Estes foram os objetivos principais buscados, durante a Expointer, pela Associação Sulina de Criadores de Búfalos.

Para tanto a entidade procurou divulgar, no estande da associação, a carne do búfalo, colocando o produto à venda. Também distribuiu leite tipo "B" no restaurante e no próprio estande da raça. O leite de búfala é mais rico em todos os seus componentes, além de apresentar um alto rendimento no beneficiamento. Enquanto são necessários dez litros de leite bovino para fazer um quilo de queijo, o da bubalina faz a mesma quantidade do produto mas com apenas cinco litros.

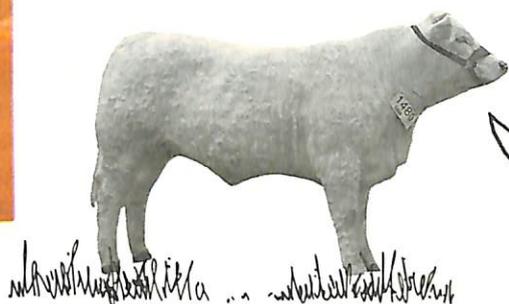
Quanto à carne a associação apenas citava um dado, divulgado há pouco pela Universidade da Flórida, nos Estados Unidos: o produto apresenta teor de colesterol 56% menor do que o bovino.

Faltam exposições — "Dificilmente um jurado brasileiro da raça

bubalina pode participar de exposições", reclamou Amauri Paske, do Paraná, o único a julgar a espécie durante a feira. Ele analisava aspectos relacionados ao desenvolvimento e fertilidade do animal, além de características raciais.

Apesar da falta de exposições, Paske afirmou que falta uma continuidade de trabalho por parte dos julgamentos envolvendo bubalinos. "A sorte é que sou criador e posso acompanhar a evolução das raças, que se verifica em edição após edição da Expointer". Neste ano, além da melhora no padrão genético dos animais, ele também constatou uma maior conscientização dos criadores.

O maior reduto de búfalos no Rio Grande do Sul encontra-se em Uruguaiana/RS com 10.500 cabeças. O RS totaliza 95 mil cabeças, crescendo cerca de 13% ao ano. Em nível nacional, o plantel totaliza 2,5 milhões, projetando-se para 50 milhões dentro de 20 anos.

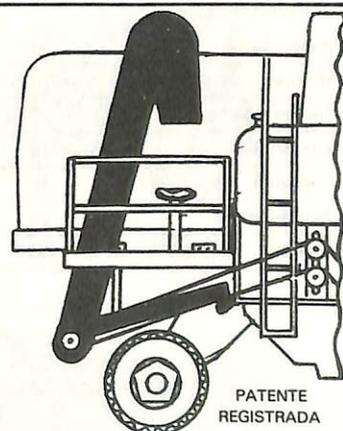
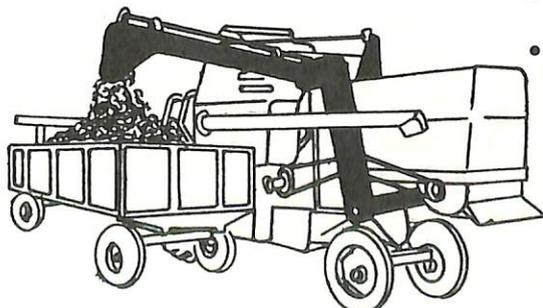


Parece aberdeen, mas nem bovino é. É o búfalo, que está sendo desmistificado

A PERFEITA INTEGRAÇÃO AGRICULTURA E PECUÁRIA RECOLHEDOR DE RESÍDUOS DABRISA

Fornecido em dois modelos: (RRG) GRANELEIRO, (RRE) ENSACADOR. A solução que faltava para a alimentação e engorda do seu rebanho (aproveite o alimento que é jogado fora na hora da colheita)

- Adaptável em todos os modelos de colhedeira
- De fácil e segura montagem
- Não interferindo no funcionamento da colhedeira quanto a sua produção
- Recolhendo os (RESÍDUOS), grãos, meios grãos, pontas de vagens, cascas que saem pelas peneiras da colhedeira, sendo um ótimo alimento com alto teor nutritivo, em grande quantidade.



PATENTE REGISTRADA

db dabrisa s.a.
IND. COM. IMP. E EXP.

DABRISA S/A - Passo Fundo - CEP 90050 - RS
Rua Álvares Cabral, 381 - Fone: (054) 313-1878 - 1522



O jurado Paske e a grande campeã e campeã novilha menor, Dalete do Ijiquiá, da Agropecuária Martins Pons, de Uruguaiana/RS

QUADRO DE VENDAS DO GADO DE CORTE, MISTOS, ZEBUÍNOS E BUBALINOS

	PARTICIPANTES	COMERCIALIZADOS	TOTAL EM US\$	MAIOR PREÇO EM US\$
Charolês	212	40	130.831,44	10.250,57
Charolês mocho	83	24	82.460,14	7.061,50
Santa gertrúdis	162	26	76.594,53	16.059,23
Hereford	7	3	5.446,97	1.822,32
Poll hereford	60	8	16.400,91	3.826,88
Aberdeen angus	62	10	20.364,46	3.462,41
Devon	53	8	17.334,85	3.644,65
Shorthorn	14	4	4.646,92	1.457,86
Canchim	28	1	2.277,90	2.277,90
Blonde d'aquitaine	11	3	8.883,83	4.100,23
Normando	100	13	19.498,86	2.369,02
Simental-fleckvieh	73	34	94.646,92	8.086,56
Pardo-suíço	66	40	57.767,65	2.551,25
Nelore	79	12	20.842,82	6.833,71
Nelore mocho	24	6	15.603,64	4.897,49
Gir mocho	10	1	1.822,32	1.822,32
Tabapuã	16	2	3.416,86	1.822,32
Mediterrâneo	20	1	1.366,74	1.366,74
Murrah	31	6	6.013,67	1.776,77

Durante a feira, foram expostos 70 exemplares das raças murrah, mediterrâneo e jafarabadi, com 12 criadores. Do ano passado para esta edição, houve um aumento de 25% no plantel da espécie.

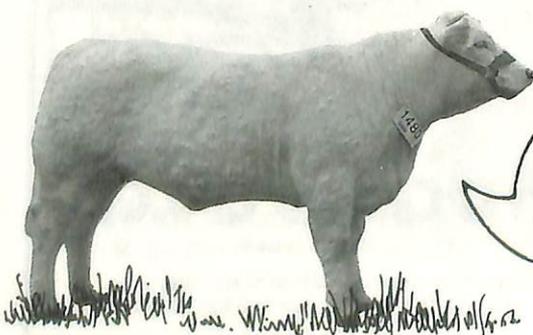
Os criadores de búfalos de Uruguaiana/RS não podem reclamar. Além de o município ter o maior rebanho do Estado, com oito mil cabeças, conseguem colocar na Argentina cada vez mais bubalinos.

É o caso da Cabanha Agropecuária Ibirocaí, que recentemente exportou para o país vizinho mil cabeças de bubalinos. João Gaspar Almeida, um dos proprietários da cabanha e que é secretário da Associação Sulina de Criadores de Búfalos, entende que o mercado argentino é francamente comprador, com grande potencial para ventres, já que a Argentina possui uma área alagada de cerca de oito milhões de hectares não-utilizáveis e que só podem receber búfalos.

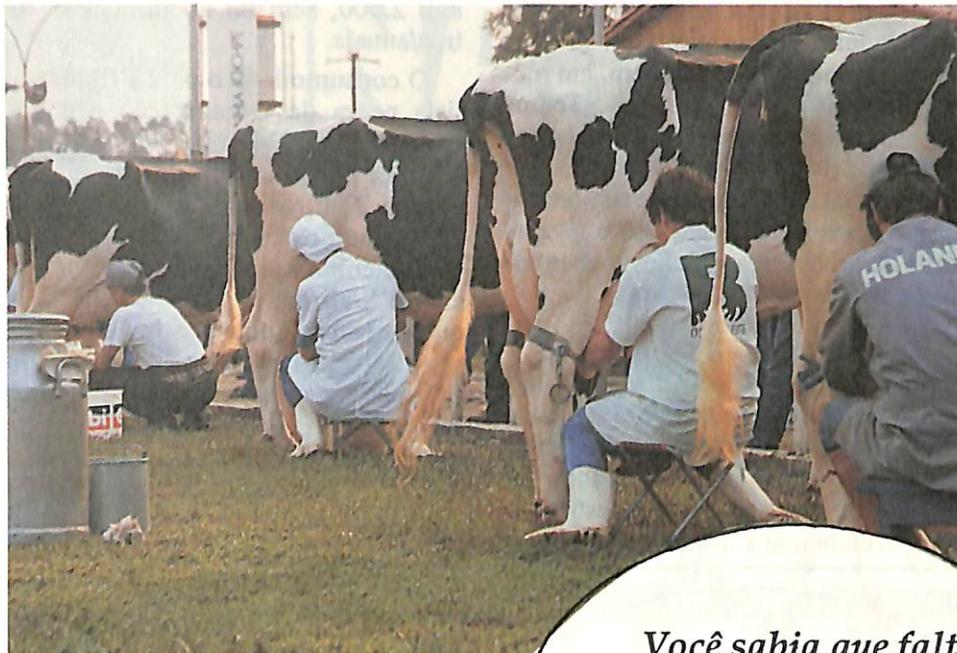
Em contrapartida, as raças criadas em Uruguaiana enfrentam problemas, como o mio-mio, erva letal que provoca a morte freqüente de animais. Na Expointer, a Ibirocaí conquistou o reservado de campeão da raça murrah, com Samiti da Rothak TF, de dois anos de idade.

Esta tendência de mercado, aliada à grande integração que já existe naquela região, permitiu recentemente a realização do I Encontro do Cone Sul, quando produtores e técnicos trocaram experiências envolvendo a bubalinocultura. Também ficou marcado, para os dias 11 e 12 de outubro, o II Encontro do Cone Sul, na cidade de Corrientes, considerada a maior produtora de búfalos na Argentina. O simpósio terá a participação de uruguaios, argentinos e brasileiros, além de especialistas da Venezuela.

Mas enquanto os pecuaristas esperam a concretização efetiva do Mercosul, vão enfrentando os longos e complicados processos envolvendo a exportação de animais. Almeida informa que até concluir o despacho aduaneiro, encaminhar os papéis de compra e/ou venda e cumprir as exigências sanitárias, os produtores perdem até 80 dias para, só então, ver o negócio concretizado.



Dá só uma olhadinha aí no desempenho das vendas nesta Expointer. Ficou até feio pra nós



Concurso leiteiro: uma atividade que mostra quem é quem na produção

tores. Quem dá a receita é Orlando Heemann, de São Lourenço do Sul/RS, onde cria trezentas vacas holandesas com uma produção diária de 1.800 litros de leite.

Heemann foi eleito, durante a feira de Esteio, presidente do Sindicato dos Produtores de Leite do Rio Grande do Sul, também criado durante a Expointer. E uma das propostas da entidade é justamente fazer com que a classe passe a atuar com mais profissionalismo.

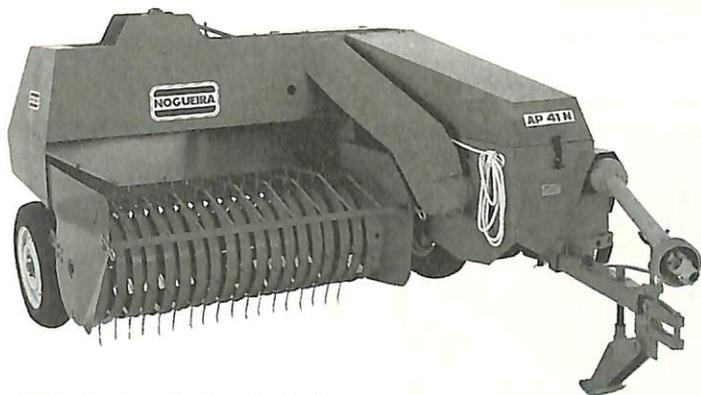
O RS possui hoje 80 mil produtores de leite, que vivem num país onde

Você sabia que falta uma cultura alimentar que incentive a produção leiteira? Pois é!



Para produzir leite com lucro, é preciso investir na atividade contando com vacas de boa genética, aproveitar a terra para produzir a comida a ser dada ao rebanho e dedicar-se profissionalmente ao setor, que não é um biscate como encaram muitos produ-

SINÔNIMO DE QUALIDADE, DISTRIBUINDO QUALIDADE.



AP-41 N - Enfardadeira

A Enfardadeira de Alta Pressão AP-41 N, para forrageiras de corte, recolhe, prensa, amarra e conta fardos uniformes e compactos de todos os tipos de forrageiras tais como: trevo, azevém, cornichão, crost-cross, aveia, alfafa, pensacola e também de palhas de cultura como as do trigo, da soja e do arroz; possibilitando assim guardar grandes quantidades de fardos em pouco espaço, além de facilitar o manuseio e a distribuição, de tal forma que o alimento guarde todas as suas propriedades nutritivas, especialmente no inverno e em períodos de seca.



MIX-ALL 125 - Fábrica de Ração

O MIX-ALL 125 incorpora todos os avanços tecnológicos na produção de rações balanceadas para o gado de leite e corte, equinos, aves, suínos, etc., processando mais de 3,5 m³ de ração de cada vez. Mistura em proporções pré-determinadas: milho em espigas, milho em grãos, silagem picada, fardos de feno, aveia, concentrados minerais, etc., dentro das recomendações e formulações técnicas. É completamente móvel, sendo tracionado e acionado por trator agrícola. MIX-ALL a fábrica móvel de rações, importada dos Estados Unidos e distribuída no Brasil pela Nogueira.



NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas

Rua 15 de Novembro, 781 Caixa Postal 7 CEP 13970 ITAPIRA SP
Tel. (0192) 63 3000 Telex 19 2380 INOG. BR. Fax (0192) 63 3250

...Mas, como eu ia dizendo, esta minha vida é cheia de aventuras...

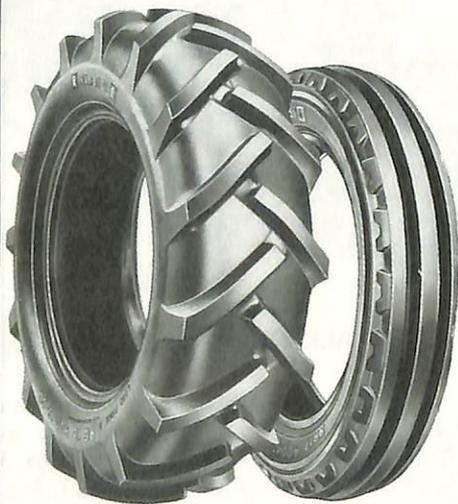
Bem ligeirinho, antes de voltar a falar de Expointer, gostaria de dizer que meu pai é o Tattenhall Impecable, famosíssimo em nosso meio. Meu avô é o velho Excalibur, também muito conhecido. E acredito que este sangue — bastante nobre — me habilita e muito para estar aqui entre toda esta exibição de raças para provar quem é a melhor.

Para ingressar no parque, não bastou dar a palavra que estávamos bem de saúde, sem qualquer perigo para os colegas. Tivemos que provar nossa condição, e exigiram atestados



Pessoal, a situação tá tão preta que o holandês, tradicional baterador de recordes, parece que nem apareceu no leilão de 91

O BOM DA SAFRA



Pneus
RINALDI[®]
Não importa o caminho

a produtividade é de menos de 10 litros de leite/dia por produtor. Já o argentino e o uruguaio atingem, em média, de 100 a 200 litros/dia. “Temos desesperadamente que desenvolver a área do leite e, se não crescermos e evoluirmos a tecnologia de sua produção, vamos ser dependentes e levaremos os produtores gaúchos a abandonar a atividade.”

Falta cultura — Os dados revelam, no entanto, que a situação do setor é totalmente desfavorável para uma alteração, pelo menos em prazo curto. No Brasil, são produzidos 14 bilhões de litros/ano, mas as estimativas revelam que a necessidade, para o

ano 2.000, será de 40 bilhões de litros/anuais.

O consumo leva o país a figurar na lista negra da Organização Mundial da Saúde — OMS, que prevê 240 litros per capita/ano. O Brasil registra apenas 37 litros contra os 180 verificados entre os argentinos e uruguaiois. “Falta cultura alimentar ao povo brasileiro”, afirma Heemann, lembrando que o cérebro humano somente se desenvolve de forma normal com uma enzima encontrada apenas no leite, produto que precisa aumentar sua rentabilidade e produtividade em todo o país.

recidas, em dez vezes, sendo quatro parcelas no ato, ou 20% de desconto à vista, o público que lotou o galpão G não estava com intenções de comprar, mas apenas ver os 32 animais colocados a venda. Destes, apenas 14 foram comercializados, num total de Cr\$ 19,4 milhões e uma média geral de Cr\$ 1.390 mil.

O grande destaque foi a reservada de campeã e campeã na categoria da Expointer/90, Vuka Rúpia Ebano 1031, de três anos e prenhez positiva para setembro. Ela foi adquirida por Esnard Amaral, de Uruguaiana/RS, por Cr\$ 2 milhões, do expositor Rogério Paiva, de Taquara/RS.

“Aqui em Esteio, neste ano, quem conseguiu comercializar tem que rezar na igreja e pagar uma missa”. Assim reagiu o leiloeiro Fábio Crespo, da Fausto Crespo Remates, que, junto com Jarbas Knorr, comandou o fraco Leilão Holandês Classic realizado na Expointer. Apesar das condições ofe-



Leilão Classic do Holandês: média geral baixa para a venda de menos da metade dos animais que entraram em pista

FINAME RURAL BAMERINDUS. AGORA COM PAGAMENTO SEMESTRAL.

Venha logo para o Bamerindus e conheça todas as vantagens do Finame Rural Bamerindus, com pagamento semestral, para pessoa física e jurídica.

Você compra tratores agrícolas, colheitadeiras, equipamentos de irrigação, secadores de grãos, silos graneleiros e muitos outros equipamentos e só começa a pagar 6 meses depois. Tempo suficiente para sua lavoura crescer bonita e você colher os lucros a que tem direito.

Finame Rural Bamerindus. Agora com pagamento semestral. Mais uma boa notícia do banco da produção para o homem da terra.



BAMERINDUS

O banco da produção.



Grande campeã e campeã vaca adulta jersey, Spruce Avenue Epcot Gen 48t, da Cabanha e Sementes Butiá, Passo Fundo/RS

Apesar da performance, a jersey também não conseguiu empolgar muito os compradores, não!



Com 75 expositores de gado jersey na XIV Expointer, entre os quais nove do Uruguai, dois de Santa Catarina e um do Paraná, foi batido o recorde sul-americano na raça. Houve a inscrição de 470 animais, com o ingresso no parque de 343 cabeças. Este volume representou 74% do total de bovinos inscritos.

O rápido crescimento que a “pequena grande vaca” vem demonstrando, contou Carlos Guilherme Rheingantz, presidente da Associação de Criadores de Gado Jersey/RS, levará a entidade a desenvolver um trabalho de seleção muito grande para as próximas mostras. Caso contrário, explicou, em dois anos haverá um problema sério de falta de espaço. Atualmente, existem algo em torno de 400 argolas.

O jersey criado hoje, avaliou o dirigente, está bastante evoluído, porque não há mais disparidade entre os criadores. “Os lotes são parelhos, e um maior número de jersistas tem condições de disputar os primeiros lugares. A qualidade do gado é tão boa que disputa em igualdade de condições com Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Inglaterra”.

Em toda a América do Sul, o Brasil é o único país que detém um rebanho significativo, com cerca de 20.000 animais registrados (PO) e com mais de 40.000 cabeças PC.

Vendas — Durante a Expointer, a raça deixou de negociar 40% da oferta no leilão de elite. Como exemplo pode ser dado o touro reservado grande campeão “La Josefina Summer”

da XIV Expointer, e tricampeão do Prado, no Uruguai, que saiu de pista sem qualquer interesse para aquisição. A falta de dinheiro do pessoal, comentou Rheingantz, fez com que a maioria optasse por animais mais acessíveis. Mesmo assim, contabilizou como excelente a situação do jersey, já que, em termos de quantidade, foi quem melhor comercializou.



Grande campeã e campeã vaca holandesa, Lantejoula de Lages, da Empasc de Lages/SC

QUADRO DE VENDAS DO GADO LEITEIRO

	PARTICIPANTES	COMERCIALIZADOS TOTAL EM US\$		MAIOR PREÇO (EM US\$)
Holandês	353	36	72.756,26	8.428,25
Jersey	347	80	110.660,59	5.011,39

Fui ao cabeleireiro e dei aquele trato para esperar o julgamento

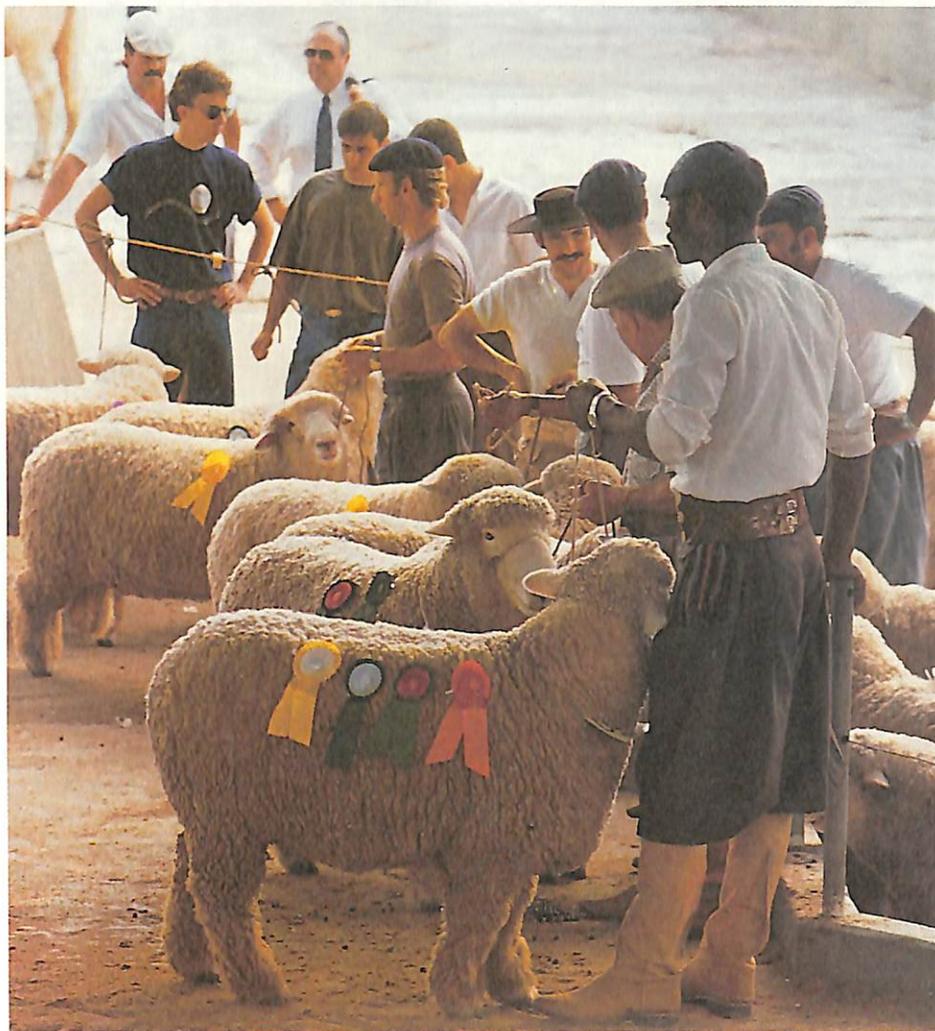
de febre aftosa, brucelose, tuberculose (teste), carbúnculo sintomático e a gangrena gasosa. Depois de toda aquela burocracia, válida para a segurança de todos, me instalaram no quarto, isto é, box 1480.

No sábado, 24, tiraram as minhas medidas e peso, assunto que preferia não tocar, no entanto como disseram ser importante, então vamos lá: de altura tenho 1,39m, e comprimento 1,66m. Bem, antes de revelar de cara meu peso, prefiro conversar aos poucos para vocês irem se acostumando. Nasci com 40kg; aos 205 dias estava com 250kg; um ano depois 420kg. Está bem assim. Por que insistem tanto em saber destes detalhes, pois a fêmea que se preze não diz idade e nem pensa em peso. Mas tudo bem, aonde é que tinha parado mesmo. Ah, em um ano. Bem, com 550 dias andava com 556kg, quase um quilo por dia e nem tinha notado. Preciso urgente pensar em fazer uma dieta. E, finalmente, aqui em Esteio, o chato do Grigoletto (técnico da associação), fez questão de tornar público que estava com 677kg. E, ainda por cima, me classificou como dente-de-leite. Mal ele abe que estes dentes não vão cair!

No dia seguinte, chegou o grande momento. Fui ao cabeleireiro e tudo mais a que tinha direito, para estar toda arrumadinha no julgamento de classificação. Olha, estava tão nervosa que mal podia enxergar em minha



Olha eu, aí, desfilando para os jurados da raça

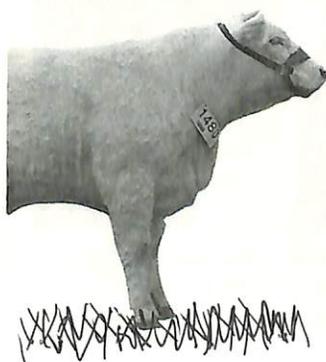


A cada ano que passa a ovinocultura torna-se mais profissional

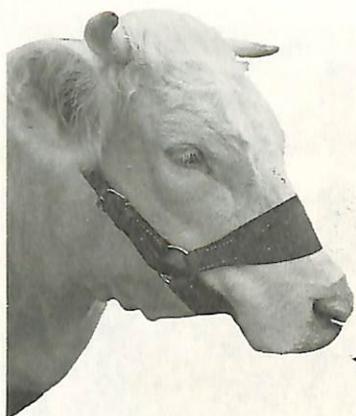
O mercado da lã tem estado em baixa nos últimos anos, porém estes preços reduzidos aquecem o consumo, em especial nos países desenvolvidos e ricos. Este fato dá para garantir que a médio prazo este produto voltará aos níveis de preços compatíveis com a produção. Esta avaliação é do presidente da Federação das Cooperativas de Lã — Fecolã, Carlos Gadret. Em nível de cooperativa, destacou, a preocupação é em relação a recursos para o financiamento da produção da safra que está entrando.

Ao analisar a participação de ovi-

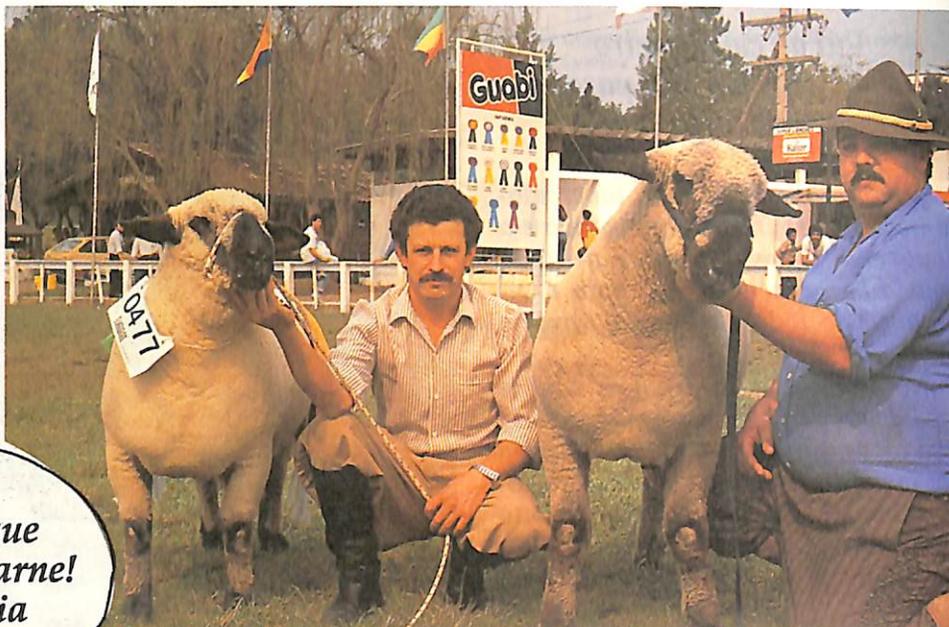
nos lã na Expointer, Gadret não aceita que as raças lã estejam perdendo o terreno para o tipo carne. “Se podemos remunerar os ovinos mistos, isto é, lã e carne, porque ganhar só com um propósito? Os grandes exportadores de carne do mundo trabalham com as raças mistas — corriedale, romney marsh e até mesmo a ideal. No meu ponto de vista, não há qualquer vantagem em ter apenas uma finalidade quando pode ter duas. Há um marketing muito grande nas raças carne para vender o seu peixe. E eles têm sucesso porque são competentes. A lã, por sua vez, tem a preferência internacional, e o mundo continuará consumindo”, avaliou Gadret.



Nos ovinos é assim: quem tem lã também quer ganhar com a carne



*Olha só o
arranca-rabo que
deu nos ovinos-carne!
E a coisa tá feia*



Diferenças gritantes: à esquerda o hampshire dos gaúchos e, à direita, o dos paranaenses

Há cerca de três anos começava uma discreta troca de opiniões entre criadores de ovinos gaúchos e paranaenses da raça hampshire down sobre qual a origem ideal para o Brasil. No Rio Grande do Sul, onde está a sede da Associação Brasileira de Criadores de Hampshire Down — ABCHD, desde 1920 o sangue predominante é o inglês e argentino, que proporciona um animal com bastante carne, correto de aprumos e dentro do padrão clássico. Os paranaenses optaram pelo sangue americano e canadense, que até provem em contrário está dentro do standard racial, caracterizando-se pela estatura avantajada.

O rastilho da pólvora foi aceso com o caso que ficou conhecido como o “carneiro da discórdia” (NDSU Bady), importado dos EUA pelo criador Francisco Dresch, da Cabanha Ricardinho de Piraquara/PR. Este animal veio a Esteio, há poucos anos e acabou como o centro das atenções, pois destoava dos demais, no peso e altura, e de longe era facilmente avistado. E agora, nesta XIV Expointer, a bomba detonou com a participação do filho de NDSU Bady, o “Ricardinho”, que não faz jus ao nome, porque, com apenas 11 meses, pesou 125kg. O julgamento do hampshire down acabou saindo, mas muito tumultuado, com a ameaça do veterinário Antônio Aurélio Salgado de retirar seus animais. Ele representava vários

criadores do Paraná, entre os quais a Cabanha Ricardinho.

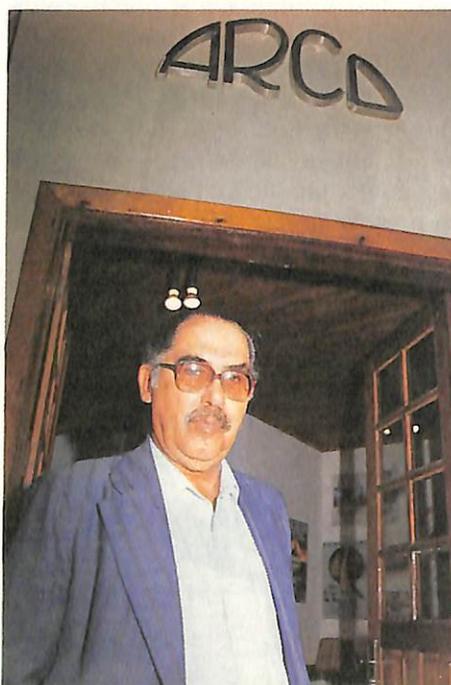
O presidente da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos-Arco, Luís Carlos Velloso Brum, afirmou que predomina na América do Sul a linhagem britânica. Posteriormente, os americanos e canadenses modificaram um pouco o tipo do hampshire down inglês o que, para as condições deles, continuou Brum, é um fenotipo adequado. “Está ocorrendo em nosso país uma importação maciça do Canadá e EUA de um animal completa-

mente diferente do brasileiro. De um modo geral, tanto a Arco como a ABCHD acham tal introdução benéfica, porém contrários a seguir uma tendência de “a” ou “b”. É preciso encontrar um animal que produtivo, econômico e dentro das condições brasileiras”.

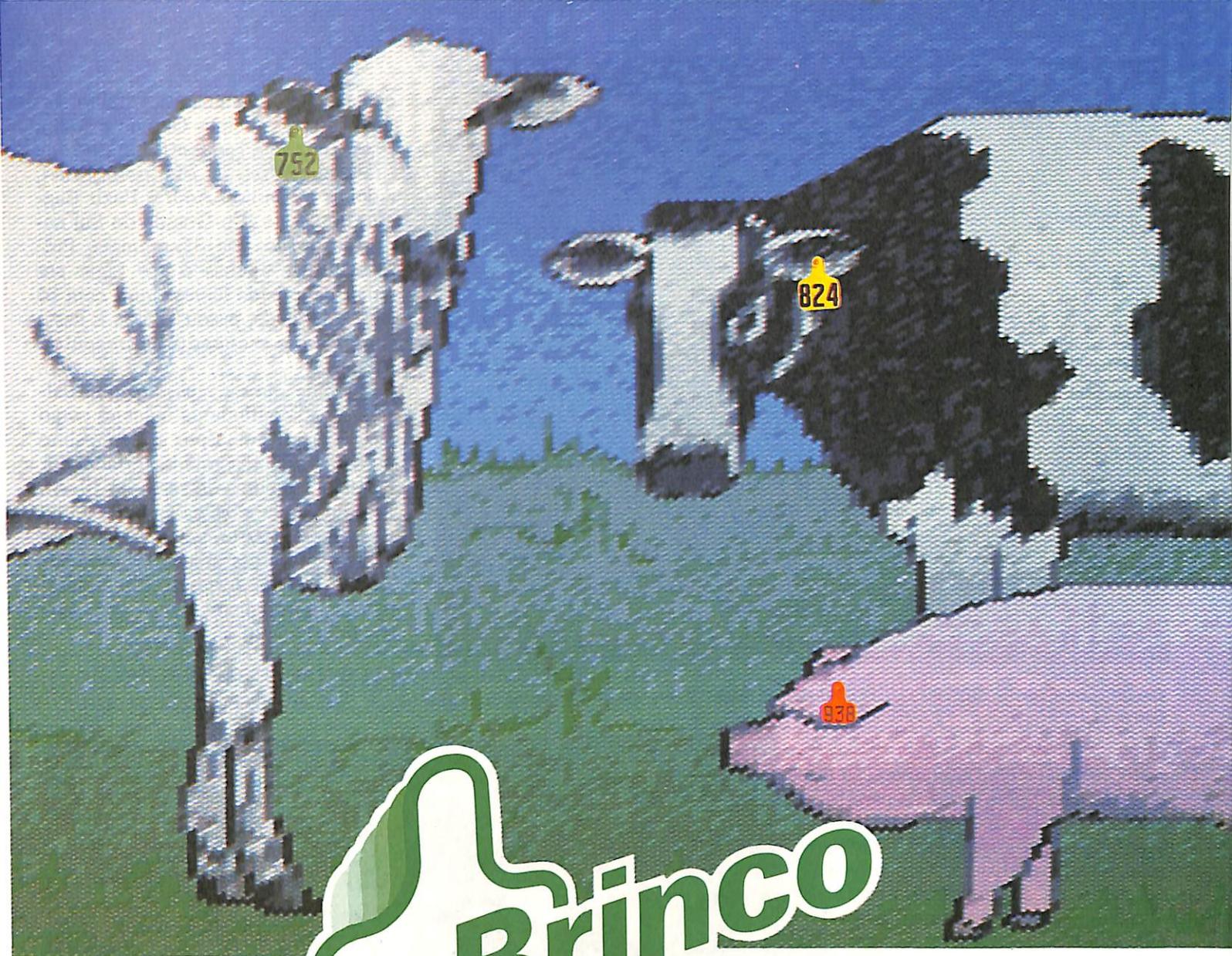
Em relação ao jurado da raça Carlos Rivaci Sperotto, Brum foi enfático em declarar que ele procurou um animal que tivesse bastante carne, correto de aprumos e dentro do padrão clássico da raça. Segundo Brum, não existe parâmetro para altura ou peso dentro do hampshire down. “Estamos preconizando na Arco para este ano a oficialização, em todas as raças de ovinos carne, o tipo ideal neste país. Lamentamos o incidente havido, mas reitero que não foi contra o Paraná e sim a um cabanheiro”.

Regulamento — A tentativa de não permitir que os animais de determinados criatórios do Paraná se submetessem a julgamento, por parte de seu representante Antônio Salgado, fez com que o presidente da Associação Brasileira, Miguel Aldo Fernandes, lembrasse ao paranaense o regulamento da Expointer, o qual deveria acatar, caso contrário ficar sujeito às penalidades. “Não aceitar a decisão do jurado, que é soberano, retirando os animais da pista, implicaria numa suspensão por cinco anos de participar de qualquer exposição nacional, entre outras sanções”.

O problema acabou sendo contor-



Luiz Carlos Brum, da Arco: na América do Sul manda a linhagem britânica



Brinco flex

**Identificação garantida
de quem entende de pecuária**

RESISTÊNCIA, DURABILIDADE E VISIBILIDADE são fatores importantes para uma identificação eficiente e produtiva do rebanho.

Utilizando material de alta qualidade e tecnologia avançada, a Pearson desenvolveu BRINCOFLEX cuja **FLEXIBILIDADE** resulta em maior **PERMANÊNCIA**, melhorando o custo/benefício para o criador.

Cores disponíveis



PEARSON
NA SAÚDE E HIGIENE DA PECUARIA

Rua Viúva Cláudio, 150/160 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 261-0600/261-4712
C.G.C. 33.448.366/0001-87 - Indústria Brasileira



Grande campeã corriedale, Santa Odessa Chulengo, da Sucessão Torquato Arleo Peturca, de Lavras do Sul/RS

nado, inclusive com a intervenção do líder da Arco, Luis Brum. E para Miguel Fernandes, a decisão do jurado Sperotto significou um verdadeiro marco dentro de Esteio. “Quem visita ou participa de qualquer evento é obrigado a acatar o regulamento oficial. Sperotto respeitou o standard da raça, que é aprovado pelo conselho técnico da ABCHD, registrado na Arco. Os criadores que buscam o verdadeiro hampshire down brasileiro, um ovino moderno, puro racialmente, produtor de carne sem gordura e harmônico no seu conjunto. Desta forma, estamos cortando o nanismo e o gigantismo, atrás de um animal intermediário.”

O jurado Carlos Sperotto, juiz de diversas exposições, com incursões na França e Holanda para selecionar animais, confirmou que se ateu ao standard racial, estabelecido pela Arco. “Adequações que venham no direcionamento dos padrões pretendidos cabe aos associados definirem e transmitirem às respectivas entidades centralizadoras de registro. É preciso que os ovinocultores se definam no que produzir.”

Paraná — O veterinário Antônio Salgado não conseguia esconder a sua indignação nesta Expoiner. Repre-

sentando as Cabanhas Ricardinho, Taquara Lisa, Ribeirão Grande e Rathi, propriedades respectivamente de Francisco Dresch, Maurício Fruet, Ademir e Amilton Adur e Euzir Baggio, trouxe ao Rio Grande do Sul nada menos do que 35 animais. Prêmios, levou apenas o 15º lugar em uma categoria de fêmeas, que, com 14 meses de idade, pesou 135kg. E nesta categoria o vencedor apresentou 85kg.

A tendência da raça, afirmou Salgado, caso continue da maneira como está, é surgir dois tipos de hampshire down: o exclusivamente criado por gaúchos e o outro do resto do Brasil. “A tendência dos cabanheiros que criam americano e canadense é fazer frente a raças como suffolk e ile-de-france. Assim, teremos um animal maior e, conseqüentemente, mais carne e precocidade”.



Grande campeã karakul, Bokhara do Ipê, da Agropecuária do Ipê, de Bagé/RS

QUADRO DA VENDA DOS OVINOS

	PARTICIPANTES	COMERCIALIZADOS	TOTAL EM US\$	MAIOR PREÇO EM US\$
Merino australiano	21	10	7.061,50	1.366,74
Ideal	76	9	14.851,94	4.555,81
Corriedale	118	30	47.380,41	4.009,11
Romney marsh	36	13	7.697,04	1.366,74
Hampshire down	117	32	44.031,89	5.466,97
Texel	55	31	48.291,57	5.466,97
Ile-de-france	176	55	87.949,89	10.478,36
Suffolk	175	93	134.943,05	5.694,76
Karakul	17	4	1.959,00	911,16
Border leicester	20	4	3.189,07	911,16

Expotiba 91.

A melhor aplicação para o seu dinheiro.

Você pode investir seu capital em imóveis, em papéis, ouro, moedas fortes. Claro que pode.

Mas seu negócio é a pecuária.

Ou então a agricultura: equipamentos; silos, grãos, insumos.

Você é um empresário do campo.

Então você não pode deixar de lado a aplicação mais segura do seu dinheiro nesta temporada: a Expotiba 91. Ela está fazendo 22 anos. E é a feira de negócios que mais cresce no Brasil. A feira dos grandes leilões.

Um sinônimo de dinheiro girando. Alegria, gente se congratulando. E muito, muito sucesso para todos.

Este ano a Expotiba irá quebrar seus próprios records, reunindo centenas de expositores nacionais e estrangeiros. Ou seja: negócios de todo o mundo. Um ao lado do outro. À sua disposição.

O Paraná, o Estado que mais investe na agricultura e na melhoria genética do seu rebanho, o Estado da produção animal, fez da Expotiba uma síntese da sua política de valorização do homem do campo. Da produtividade da terra e dos que nela trabalham. Da racionalização do uso dos recursos naturais.

Por isso, não fique de fora: venha investir no seu próprio negócio. Aplique seu dinheiro no mercado que você mais conhece.

Expotiba 91. A feira dos grandes lucros. O show da produção.

Em Curitiba, no Parque Castelo Branco, de 28 de setembro a 6 de outubro.

No Paraná. Um Estado de amor pelo Brasil.



Secretaria da Agricultura e do Abastecimento.



*Teve um mineiro que
me passou a cantada:
quis me levar de Esteio*

volta. Talvez isto tenha atrapalhado o meu desempenho, acabando com um modesto quarto lugar em minha categoria. Fofocas à parte, mas meu condutor deixou um pouquinho a desejar. Porém, a nossa amizade é bem maior e vamos deixar por isso mesmo.

Só para vocês saberem que nossa família tem pedigree, a minha irmã, a Harpa do Taquerembó (aqui entre nós, seu único defeito é não resistir a uma boa cantada), arrumou um emprego no Paraná nesta Expointer e nem retorna conosco. Só de luvas — que nem jogador de futebol — ganhou 4,6 milhões. Imaginem que grana em tempos de crise como os de hoje!

Eu, particularmente, recebi uma proposta, inclusive o cara teve a cara-de-pau de me procurar em meu quarto (box) e ofereceu Cr\$ 2,3 milhões. É sério. Até que é uma grana para ninguém botar defeito. Ele é mineiro — talvez por isso quis fazer o negócio na calada da noite — e até que gostaria de ir para lá conhecer o túmulo de Tancredo Neves. Só que prefiro ficar com mais idade antes de me aventurar por aí.



Aqui, eu e minha família posando para a posteridade



*Agora é a vez dos
eqüinos, aqueles que
estão sempre ao lado
do peão e do patrão*



Provas da Eqüinolatina: o teste do cavalo

A raça crioula teve, este ano, o menor número de animais inscritos dos últimos cinco anos, 514 animais. Em 1987, havia 684 inscritos. Este fato, no entanto, não preocupa os criadores. Na opinião do recém-empossado presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Crioulos — ABCCC, Antônio “Tonico” Fagundes, cada Expointer é melhor do que a anterior, “e esta mostra foi fantástica, fabulosa”.

Passada a feira, os crioulistas vão tentar agora aumentar os horizontes da raça. “O crioulo brasileiro está muito bem preparado para enfrentar o Mercosul”, sentencia Tonico, alicerçado na participação da raça na feira de Esteio.

O primeiro passo da estratégia é chamar o 1º Congresso de Eqüinocultura Crioula da América Latina, a realizar-se em Punta del Leste, no Uruguai, com a participação do Brasil, Argentina, Chile e Paraguai, além, é claro, do país anfitrião. O objetivo é discutir os pontos polêmicos da raça,

tanto os assuntos ligados à morfologia quanto aos que se referem à função.

Desta tentativa de acordo pode surgir, inclusive, a unificação dos registros genealógicos do cavalo crioulo. O presidente da ABCCC pretende, ainda, realizar o 1º Freio de Ouro Internacional, com a participação dos cinco países. Por vias paralelas, adianta Tonico, o ingresso dos criadores de crioulo no processo de integração deve resultar num fortalecimento da FICC, a entidade que reúne os criadores dos diversos países.

No âmbito interno, a intenção daqui para a frente é sedimentar as novas regiões de criação da raça, como o Paraná, São Paulo e outros estados. Além disso, a ABCCC também quer conquistar novas áreas verde-amarelas, num esforço de participação da raça em todas as modalidades de esportes hípicas, além do já tradicional Freio de Ouro.



Um trio de peso: Hugo Paz, da Farsul, a grande campeã crioula Chilena de São Bibiano e o ginete Wilson Souza



Grande campeã mangalarga paulista, de Geraldo Junqueira de Andrade, de São José do Rio Pardo/SP

Os criadores de mangalarga paulista participam desta Expointer com um olho nos prêmios e outro no atrativo Mercosul. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Criadores da raça, Ivan Aidar, a exposição de Esteio pode ser a ponta de lança para o ingresso do mangalarga no mercado do Cone Sul. Afinal de contas, a raça detém, no Brasil, 34% do mercado, tanto em número de animais comercializados quanto em liquidez.

Não assusta o fato de a Argentina, por exemplo, ser terra de cavalo crioulo. Fenômeno, aliás, que se dá também no Rio Grande do Sul. “O mangalarga não é um cavalo só para o trabalho no campo”, explica Aidar, acrescentando que a raça tem aptidões singulares para enduros e outros esportes hípicas. “Queremos esta fatia do mercado”, adianta.

Para o jurado Arthur Santoângelo Netto, de São Paulo, há ainda uma outra vantagem no caminho do desen-

volvimento da raça no Cone Sul da América Latina — incluindo o Rio Grande do Sul. “Há uma tradição de criação de cavalos, o que não acontece em vários outros estados. Além disso, a pastagem e outros fatores também ajudam. Existe uma cultura de criação que ajuda muito”, resume o jurado. Talvez isto explique o fato de os gaúchos já terem levado um prêmio nesta edição da Expointer. O cavalo Ichó Geléia, reservado de campeão, é propriedade de Phillip Van Harreventld, Haras Cimmarron, de Rio Pardo/RS.

O conselho do jurado para os criadores gaúchos é que eles devem “procurar boa orientação, fazer cursos, ir às exposições, ler muito e, sobretudo, usar bons cavalos”. Desta forma, avalia, num curto período de tempo, as linhagens gaúchas atingirão um nível “excelente”.

Dos 105 inscritos, 70 animais pertencentes a 24 criatórios entraram na

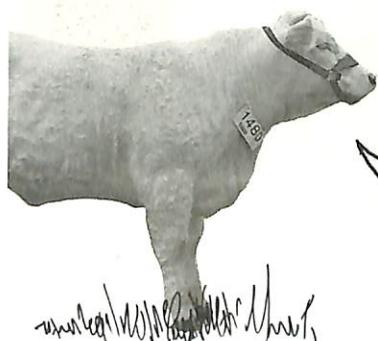
pista para julgamento, representando Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais.

No seu terceiro ano em Esteio, o andaluz mostra a sua força

A participação do cavalo andaluz na Expointer, embora reduzida — participaram somente sete animais —, foi a melhor possível. A avaliação é do jurado da raça, o hipólogo Sérgio Lima Beck, considerando que o Rio Grande do Sul é um Estado onde esta criação é ainda incipiente. Mesmo assim, os gaúchos amealharam o prêmio de grande campeã. A vitoriosa foi a égua Naja do Top, de Eduardo da Nova Fichtner, Fazenda Flor do Conde, Eldorado do Sul/RS.

Fichtner também apresentou um outro animal, o cavalo Lasterine do Top. Este, na avaliação do jurado, era de excelente conformação, mas pecou no treinamento. O grande campeão veio de Arandu, São Paulo. É o cavalo Tarado, da Agropecuária Itapuã, de Ênio Monte, que saiu da Expointer como o grande campeão andaluz. Os outros prêmios foram conquistados por animais de fora do Rio Grande do Sul.

Este é o terceiro ano que a raça dos cavalos dos reis — como gostam de propagandear os criadores de andaluz — participa da Expointer. A pequena representação, de acordo com a gerente de desenvolvimento da Associação Brasileira de Criadores de Andaluz, Ângela Castro, se deve ao reduzido número de baias, pois a organização da feira oferece apenas dez vagas.

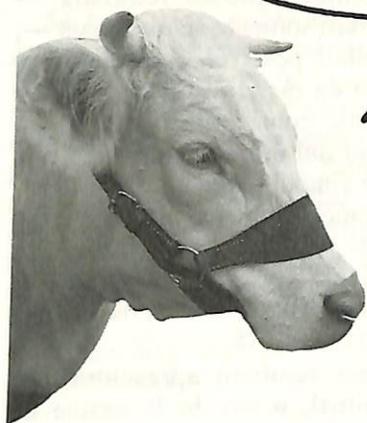


O mangalarga paulista já se aligeirou e está de olho no Mercosul



Andaluz: o cavalo dos reis também topa brincadeira

Imagine só! Até o pônei já entrou na onda de fazer o seu freio também



Freio de Prata: os pequenos têm a sua vez

Para promover uma virada de marketing, onde o pônei não quer ser visto apenas como animal de lazer, mas também de trabalho, a Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Pônei — núcleo sul — promoveu o seu 1º Freio de Prata. A prova — similar a outras de eqüinos — é composta do teste de rédeas, andadura, resistência e morfologia.

O seu início, entretanto, foi marcado por alguns percalços: atraso de duas horas e resultado final contestado por um dos organizadores, Oscar Collares, de Bagé/RS, que alegou erro na soma das pontuações.

Dos 12 animais que participaram da prova, de 10 criadores, saiu vencedora, segundo a planilha do jurado Justino Waltrick, Esmeralda da Gruta, uma fêmea de três anos, montada pelo ginete Fernando Fernandes, de apenas 10 anos. A campeã pertence à agrônoma Ana Luíza Sampaio, de A Gruta, de Capão do Leão/RS, que se dedica à criação desde 1914 e vende para o centro do país. Em segundo lugar, ficou Biscoito FKL, de Fernando Kruehl de Lemos, de Vista Alegre/RS. Em terceiro lugar, Pirai de São Leonardo, de Oscar Collares, Bagé/RS. Apesar dos protestos, o jurado confirmou a premiação.

Um percheron em miniatura — Esta tendência de ver o pônei como animal de trabalho é apoiada por Sér-

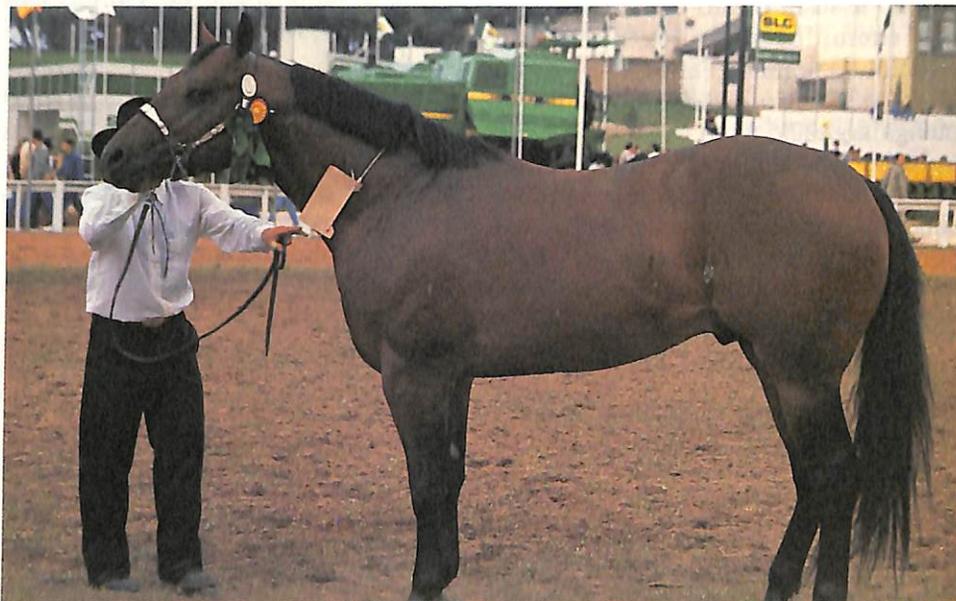
gio Feoli, que há 26 anos cria esta raça brasileira em Viamão/RS e atende o mercado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Nestas regiões, o pônei desempenha tarefas de relevância na propriedade, lembrando que a raça foi criada para puxar carros de carvão durante a Revolução Industrial, na Inglaterra, no século XVIII.

“Teve animal que, em nove anos, não viu a luz do dia”, lembra ele. Outra vantagem da raça é a longevidade.

Apesar do pequeno porte, vive entre 20 a 25 anos.

Embora não tenha participado do Freio de Prata, a fim de preservar seus 11 animais presentes em Esteio, ele acha que esta iniciativa vai transformar o pônei no pequeno grande animal de trabalho. Sem falar que é uma grande alavancagem de vendas. “Apenas vamos juntar trabalho com lazer”, finaliza.

O Brasil é hoje o terceiro país em



Grande campeão quarto-de-milha, Super Overtime, de Presidente Prudente/SP

QM é a segunda raça em número de animais no território nacional

qualidade e em número de animais da raça quarto-de-milha, perdendo apenas para os Estados Unidos e o Canadá. Possui mais de 150 mil exemplares, entre puros ou mestiços, número

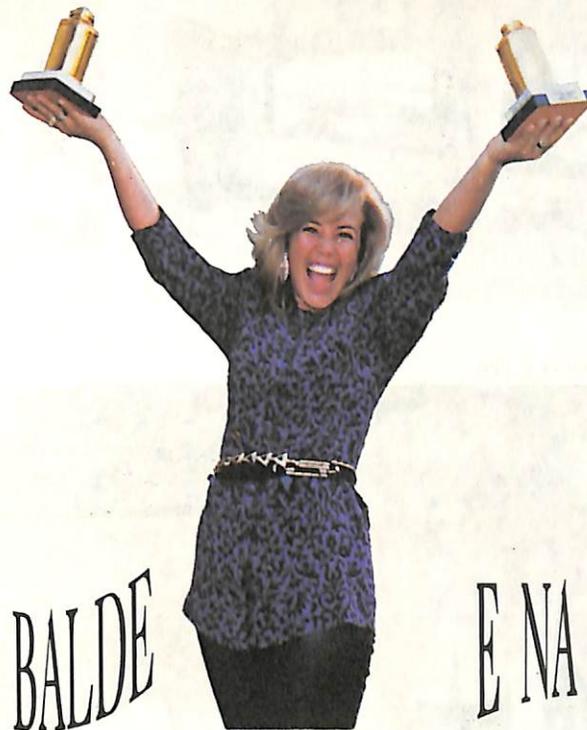


FAZENDA NOGUEIRA MONTANHÊS

Sueli Alves Nogueira

BI-CAMPEÃ NACIONAL DA RAÇA JERSEY 90/91

• 68 PREMIAÇÕES • 1019 PONTOS •

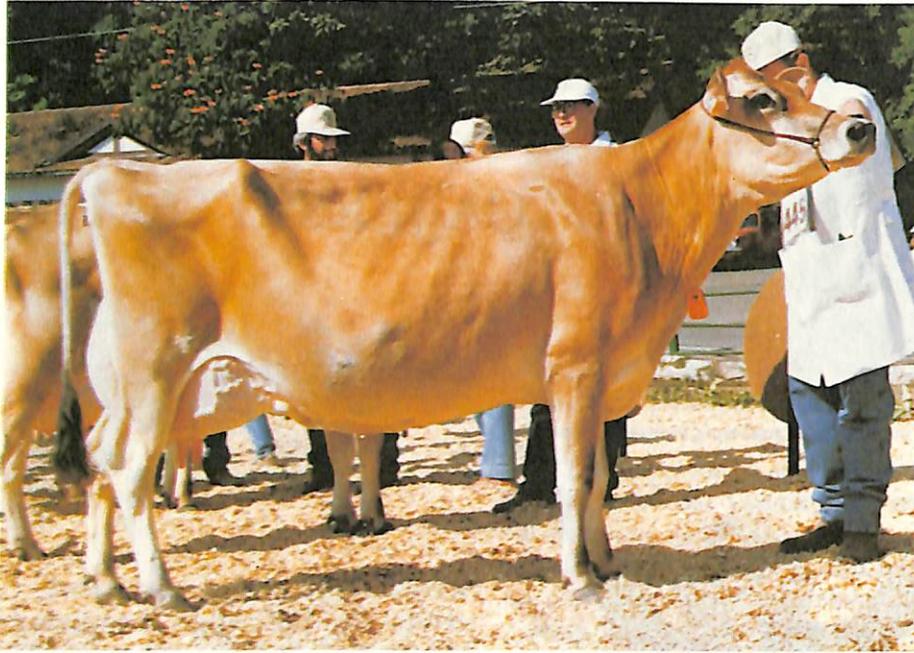


NO BALDE

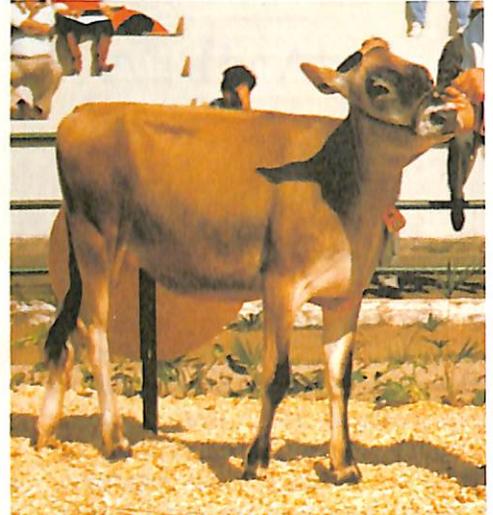
E NA PISTA



SUELI: A GRANDE VITORIOSA DA NACIONAL



VAN DE TOP BRASS SALLY SARA
CAMPEÃ NACIONAL VACA ADULTA
GRANDE CAMPEÃ NACIONAL DA RAÇA JERSEY 1991



BELLE: CAMPEÃ NACIONAL BEZERRA MENOR



JULY: CAMPEÃ NACIONAL BEZERRA MAIOR



DEL: CAMPEÃ NACIONAL NOVILHA MAIOR
GRANDE CAMPEÃ NACIONAL JÚNIOR 1991



CHLOE: RESERVADA CAMPEÃ NACIONAL
BEZERRA MAIOR



BUTIÁ BEACON ANGU
TRI-GRANDE CAMPEÃO NACIONAL DA RAÇA JERSEY 89/90/91



PAUL: RESERVADO GRANDE CAMPEÃO
NACIONAL RAÇA JERSEY 91



KAREN: CAMPEÃ NACIONAL VACA 2
ANOS/MELHOR ÚBERE



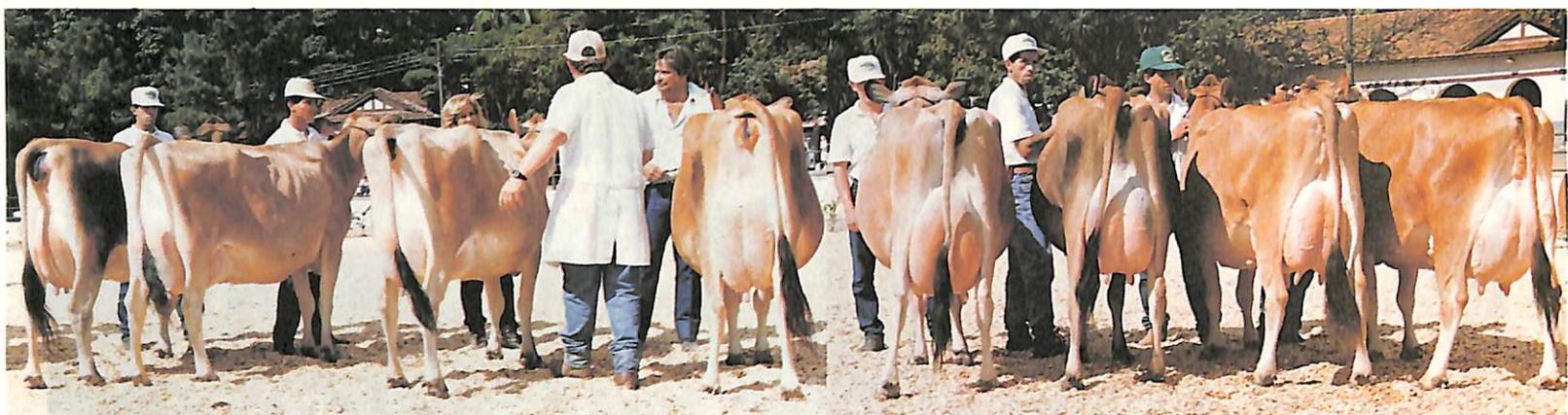
GAYLENE: CAMPEÃ NACIONAL VACA 3 ANOS



MABLE: CAMPEÃ NACIONAL VACA SECA



OPRAH: RESERVADA CAMPEÃ NACIONAL
VACA 3 ANOS/MELHOR ÚBERE



SALLY SARA, GAYLENE, BEAUTY, MABLE:
CONJUNTO CAMPEÃO NACIONAL VACAS LEITEIRAS

OPRAH, DINAH, RUTH, ABBY:
CONJUNTO VICE-CAMPEÃO NACIONAL VACAS LEITEIRAS



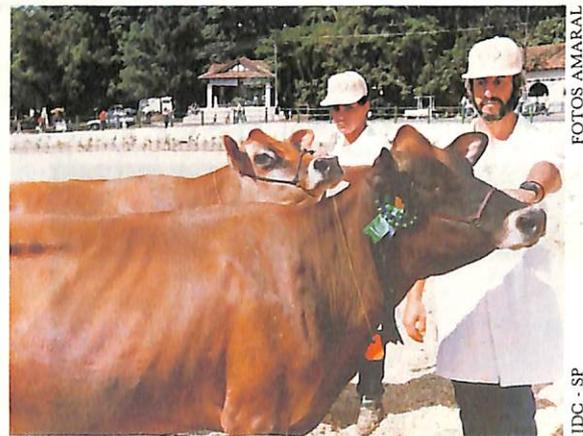
SUNRISE BEACON DINAH
GRANDE CAMPEÃ NACIONAL DO
TORNEIO LEITEIRO DA RAÇA JERSEY 1991
90,424 KG - RECORDE NACIONAL



FRANKEN T. BRUCE RUTH
VICE-CAMPEÃ NACIONAL DO TORNEIO
LEITEIRO DA RAÇA JERSEY 1991
87,048 KG - RECORDE NACIONAL



KAREN, TARA, BEAUTY, EVITA:
CONJUNTO CAMPEÃO NACIONAL
PROGÊNIE PAI SÊNIOR (SILVER JAY)



ABIGAIL, ABBY: FAMÍLIA CAMPEÃ NACIONAL

FOTOS AMARAL

JDC - SP

considerado pequeno devido à sua extensão. São Paulo é o centro principal da raça, que abriga no país seis mil criadores. É a segunda no Brasil, onde perde somente para a mangalarga marchador, mas a estimativa é de que em apenas dois anos irá superá-la, conquistando assim a liderança.

Este quadro extremamente favorável ao quarto-de-milha é relatado por um de seus maiores especialistas, o criador Hélio Costa Curta, do Paraná, onde tem 80 animais. Engenheiro civil de profissão, Costa Curta atua como juiz de classificação da raça há 11 anos.

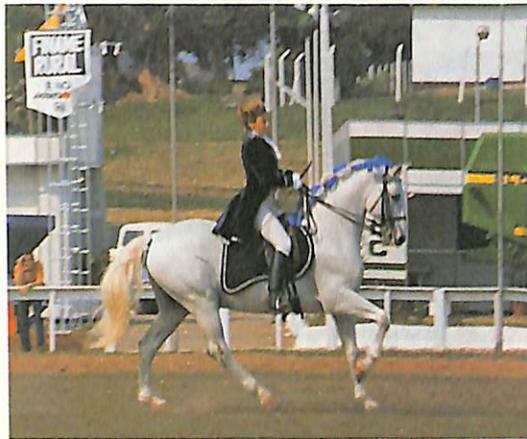


Leilão QM: um dos melhores desta Expointer

Arrecadando um total de Cr\$ 87.245.000,00, o concorrido leilão da raça quarto-de-milha vendeu toda a oferta que entrou em pista no restaurante internacional do parque Assis Brasil: 60 animais e mais duas coberturas. A média ficou em Cr\$ 1.407.000,00. O grande destaque ficou para a fêmea First Time Rose, de Olympio Stockler, de Bragança Paulista/SP, adquirida pelo gaúcho Laurendo Rohde, de Itaqui/RS, pela quantia de Cr\$ 4.050.000,00. Ela está coberta do garanhão Platoon, tríplice coiroado em 1989 na raça quarto-de-milha. Outro destaque ficou por conta de View Point PK, do criador Plínio Kiehl, de Dourado/SP, adquirida pelo presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Quarto-de-Milha, Douglas Ferro pela quantia de Cr\$ 2.550.000,00. A cobertura do garanhão Super Overtime, grande campeão da raça desta Expointer, saiu por Cr\$ 1,05 milhão. A vendedora foi a Fazenda Santa Cristina, de Presidente Prudente/SP, e a compradora, Cabanha Azul, de Uruguaiana/RS.

Os animais foram oferecidos em 15 prestações, sendo cinco pagas no ato da compra e outras dez a cada mês, corrigidas pela TR; ou pela opção de cinco prestações iguais, sem juros e sem correção.

PASSEIO DA ELEGÂNCIA



Bonito e com excelente potencial melhorador, o andaluz vem se firmando a cada Expointer que passa. Aqui, um passeio para mostrar as qualidades da raça.

Encerrado na madrugada de sábado, dia 30 de agosto, o Leilão da appaloosa totalizou Cr\$ 17.600.000,00 nas vendas. Dos 30 animais que entraram em pista no restaurante internacional do parque Assis Brasil, 26 foram vendidos, atingindo uma média de Cr\$ 676.923,07. O preço mais alto da noite ficou para o cavalo Indian Jet Ja, do criador João Batista Di Primio, de Jaguarão/RS. Ele foi adquirido por Eduardo Azeredo, do Haras Azeredo, por Cr\$ 2.365.000,00, que está inovando em sua propriedade com um centro de treinamento de cavalo de rédea. Segundo Luís Homero Rosa Sil-

veira, presidente do núcleo sul do appaloosa, os preços negociados no leilão ficaram dentro do esperado, uma vez que a crise atinge principalmente a agropecuária. Salientou que, em comparação a anos anteriores, o appaloosa não apresentou uma queda tão brusca. Ele entende que a mostra de Esteio atingiu seus objetivos tanto no que se refere à troca de experiência entre criadores, beneficiando a melhoria do padrão da raça, bem como na sua expansão e divulgação. Para 1992, a raça contará com uma boutique com produtos da grife appaloosa.

Appaloosa até que vendeu bem. Dos 30 que entraram em pista, 26 foram vendidos



QUADRO DE VENDAS DOS EQÜINOS

	PARTICIPANTES	COMERCIALIZADOS	TOTAL EM US\$	MAIOR PREÇO EM US\$
Crioulo	299	72	249.658,31	11.047,84
Quarto-de-milha	101	54	179.897,49	9.225,51
Appaloosa	59	26	34.783,60	5.387,24
Pônei	132	37	45.243,74	3.507,97

GRANDES CAMPEÕES DE 1991 (MACHO E FÊMEA)

BOVINOS DE CORTE, MISTOS E LEITEIROS

CHAROLÉS

Sé Brito Gaúcho, de
Alegrete/RS
Clarice JO, de Júlio de
Castilhos/RS

CHAROLÉS MOCHO

Videz Amadeus, de Estrela/RS
Vedete da Glória, de S. Vicente
do Sul/RS

SANTA GERTRÚDIS

Douradinho CAP 1705, de Barra
do Ribeiro/RS
Rafaela 767, de São Borja/RS

HEREFORD

Garupa Banner, 95, de
Quaraí/RS
Minuano Steel, de Alegrete/RS

POLL HEREFORD

Garupa 6415 Banner 15, de
Quaraí/RS
SM Miss Gain, de Alegrete/RS

ABERDEEN-ANGUS

Garupa 2658 Lone Star Patriot,
de Quaraí/RS
Paineiras Purpose Red, de
Uruguaiana/RS

DEVON

Garupa 3026 Pedra Big George,
de Quaraí/RS
Corticeiras Progression, de
Cristal/RS

SHORTHORN

Fomento 411, de Caçapava do
Sul/RS
Austin de S. Lucia, de Lagoa
Vermelha/RS

CANCHIM

Kolor da Agropec Borg, de
Ponta Grossa/PR
Jikirica da Agropec. Borg, de
Ponta Grossa/PR

CHIANINA

Gaspar do Inhanduva, de
Itaqui/RS
Fada do Inhanduva, de
Itaqui/RS

MARCHIGIANA

Farrupilha do Criolo, de
Guaíba/RS

BLONDE D'AQUITAINE

SM Nicácio, de Alegrete/RS
Emerald de Rosazul, de
Palmeira/PR

LIMOUSINE

Elan, de Marilândia do Sul/PR
Eminence, de Marilândia do
Sul/PR

BRANGUS/IBAGÉ

Rediba A 1064 do Carumbé, de
Uruguaiana/RS
Junco 38A 1032, de
Uruguaiana/RS

PAMPEANA/BRAFORD

Minuano 381P5, de
Alegrete/RS
Pampiano 38396, de
Uruguaiana/RS

NORMANDO

Esteio do Rodeio, de
Alegrete/RS
Cailette 735, de Livramento/RS

SIMENTAL-FLECKVIEH

Se Frances, de S. F. de
Paula/RS
Elianne 10 de Sanbara, de São
Jerônimo/RS

PARDO-SUIÇO

FR78 Innerthal Ember Mark, de
Lages/SC
Betozzo 05 Gaufrate Kin, de
Chapecó/SC

RED POLL

Colorado Dazzler 117, de
Pinheiro Preto/SC
Resposta da São Chico, de
Alegrete/RS

FLAMENGA

Favora do Caraguatá, de
Caçador/SC
Lantejoula, de Lages/SC

HOLANDESA

Tapes Ditador Mars Fury 20, de
S. Antônio da Patrulha/RS
Klafer Miucha Chief Monitor,
de Montenegro/RS

JERSEY

Bicao Chocolate de Amara, de
Palmeira/PR
Spruce Avenue Epcot Gen 48T,
de Passo Fundo/RS

NELORE

JE Bronze da EN, de
Santa Maria/RS
Contornar da Snice, de
São Gabriel/RS

NELORE MOCHO

Broto da S. Marta, de
São Gabriel/RS
Sabrina da PIT, de Itaqui/RS

GIR MOCHO

Macho dos Pampas, de Novo
Hamburgo/RS
Bamba São Judas Tadeu,
de Novo Hamburgo/RS

TABAPUÁ

RSV Hawái, de Rosário do
Sul/RS
Dotada da Micuri, S. F. de
Assis/RS

MEDITERRÂNEO

Bondoso da Panorama,
de Camaquã/RS
Brasinha da Panorama, de
Camaquã/RS

EQUÍNOS

CRIOULO

Aculeo Tapaboca, de Campos
do Jordão/SP
Chilena de São Bibiano,
de Uruguaiana/RS

ÁRABE

Al Karash, de Canela/RS
ND Day Dream, de Bagé/RS

ANGLO-ÁRABE

PPL Lipinski, de Eldorado
do Sul/RS

JAFARABADI

Azulão da Monte Azul, de
Uruguaiana/RS
Dalete do Ijuiquá,
de Uruguaiana/RS

MURRAH

Pardal TF, de Rio Pardo/RS
Lacunha de Arapoti, de
Camaquã/RS

QUARTO-DE-MILHA

Super Overtime, de Presidente
Prudente/SP
Lady Dee Fantastic,
de Guaíba/RS

MANGALARGA MARCHADOR

Herdeiro da Cruz de Malta,
de Lages/SC
Jamaika do Arpoador,
de Sapiranga/RS

MANGALARGA PAULISTA

Quebracho do Pontal,
de Mococa/SP
Linda Flor JF, de São José do
Rio Pardo/SP

APPALOOSA

Machester Hands,
de Gravatal/SC
Minny Impressive, de Lapa/PR

MORGAN

Comanche das Cinzas,
de Capão do Leão/RS
Acácia das Cinzas, de Pantano
Grande/RS

PERCHERON

Itapororó 46, de Alegrete/RS

BRASILEIRO DE HIPISMO

Antoniuz, de Camaquã/RS
LF Excitation,
de Dom Pedrito/RS

ANDALUZ

Tarado POI, de Arandu/SP
Naja do Top, de Eldorado
do Sul/RS

HAFLINGER

Waldir de São Lourenço,
de Porto Alegre/RS
Nórdica de São Lourenço,
de Porto Alegre/RS

PÔNEI

Índio de Avaré, de Avaré/SP
Dengosa do Bomfim,
de Guaíba/RS

SUÍNOS

DUROC

Common Balduino,
de Cruzeiro do Sul/RS
Platinete Altamir, de Cruzeiro
do Sul/RS

LANDRACE

Marten Reiuña, de Getúlio
Vargas/RS
Dattepalme Jaeline, de São
Miguel do Oeste/SC

LARGE WHITE

Dejota Reiuña, de Getúlio
Vargas/RS
Monkeymead Reiuña,
de Getúlio Vargas/RS

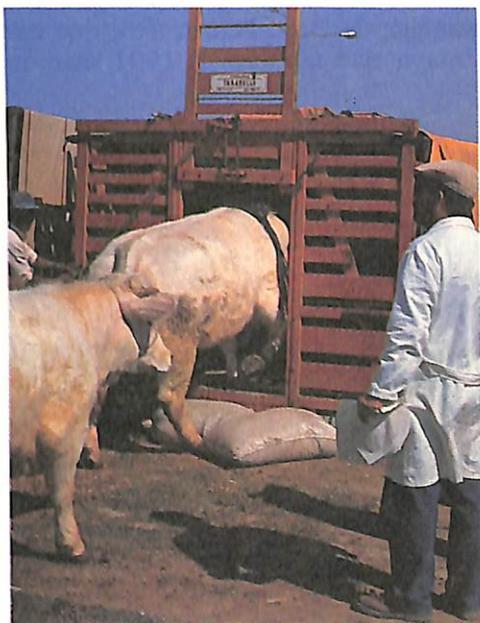
Estes aí de
cima estão com
a bola cheia



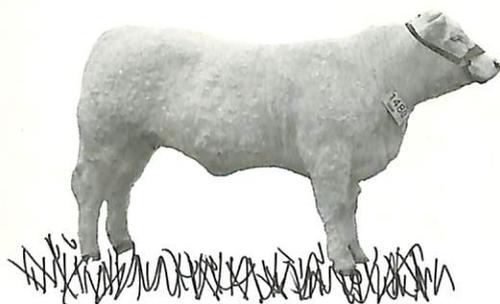
*Não sei se devia dizer,
mas não resisto a tentação:
estou grávida*

*Mas tenho uma novidade para con-
fideciar, ainda. Como a própria pa-
lavra já insinua, estou grávida. Não
vou revelar o nome do pai porque ele
é conhecidíssimo. E, além disso, não
sei se vamos continuar juntos, porque
descobri aqui em Esteio que ele já an-
dou com muita vaca. Isto mesmo: são
umas vacas. E ele, que chegou de
mansinho, me encontrou lá fora, tími-
da, uma menina do interior, sem ex-
periência, novinha e não resisti ao
seu charme.*

*No ano que vem estarei com um
nenê de 3,5 meses de idade nesta épo-
ca. E quero, acima de tudo, provar a
ele e a quem mais duvidar de minha
capacidade, que tenho condições pa-
ra ser a grande campeã da Expointer
92. Até lá pessoal, porque voltarei e,
desta vez, não para competir, mas
vencer e...*



Depois desta aventura, é hora de ir para casa



O perfeito Laurindo Santana e sua montaria nota 10, Hospedeiro de Santa Edwiges: o Freio foi toda emoção

Tradição não é garantia de premia-
ção ou o aprendiz supera o mestre.
Qualquer uma destas assertivas é, sem
dúvida nenhuma, válida para entender
a classificação final da 10ª edição do
concurso final do Freio de Ouro, tra-
dicional prova que reuniu 24 finalistas
concorrentes da raça crioula, em Es-
teio.

Por isto, causou surpresa a vitória
do cavalo "Hospedeiro de Santa Ed-
wiges", um colorado de seis anos, ex-
posto pelo crioulista Carlos Roberto
Braga Nazário, da Cabanha Iruí, de
Cachoeira do Sul/RS, e criado por
Daniel Anzanello, de São Borja/RS.

Sem nenhuma tradição no criouli-
smo, pois é criador há apenas dois
anos e meio, com uma pequena passa-
gem pela raça árabe, Nazário é em-
presário do ramo hoteleiro e não tem
as credenciais de um Bastos ou um de
Tellechea. Também o seu ginete, Lau-
rindo Afonso Santana, 28 anos, que
treinou e montou "Hospedeiro" du-
rante 60 dias antes do Freio, não tinha
o nome de um Vilson Charlat de Sou-

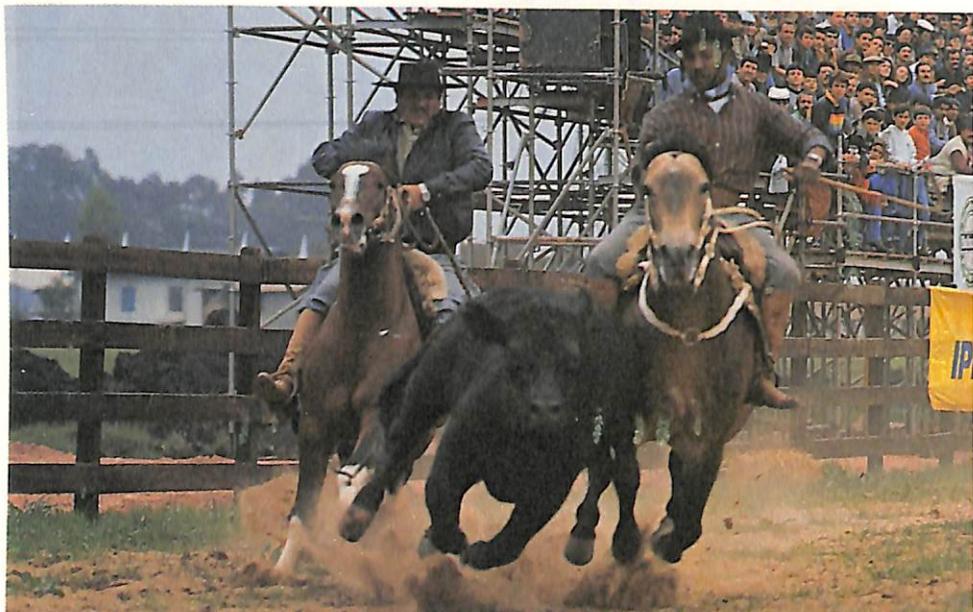
za, que é seu mestre e patrão no
aprendizado das lides campeiras com
o crioulo.

Na verdade, a história do Freio de
Ouro começa bem antes da Expointer.



O estreante Nazário: começando com o pé-direito

*Pra encerrar meu passeio,
deixo vocês com as emoções
do Freio de Ouro. E parece
que a tradição andou
caindo do cavalo*



Na paleteada, dois crioulos é que fazem o "corredor"

Segundo o novo presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Crioulos-ABCCC, José Antônio Marques Fagundes, que assumiu durante a Expoiner, os 24 animais participantes são a "nata" de uma triagem feita com 600 animais em todo o Brasil, de outubro de 90 a junho de 91, através de provas credenciadoras e classificatórias.

Para se chegar ao prêmio máximo, no entanto, todo o cavalo crioulo deve passar por uma bateria de testes de funcionalidade e morfologia nestas provas, onde os principais aspectos levados em consideração pelos jurados são a submissão do cavalo ao cavaleiro e sua aptidão para o trabalho a campo. Assim, o regulamento prevê as provas de mangueira, onde é verificada a aptidão de aparte; de figura, onde são observados com detalhes a

correção de movimentos; a andadura, onde o passo, trote e galope são avaliados em sua manutenção e rendimento; e a de campo, testando a velocidade (paleteada).

E as provas, neste ano, mostraram que os cinco primeiros concorrentes estavam parelhos na pontuação. A diferença final entre o segundo e o quinto colocado, por exemplo, ficou no apertado índice de 0,8 ponto, apurou João Alberto Silveira, jurado desde 1978 e crioulista há 20 anos em Jaguarão/RS. "Nunca houve uma diferença tão apertada", diz Silveira.

Para o jurado Antônio Martins Bastos Filho, proprietário da Cabanha São Bibiano, de Uruguaiana/RS, criador e cabanheiro de longa tradição, os quatro primeiros colocados já vinham se destacando desde o começo. Tanto "Hospedeiro" quanto "BT Utrillo",

"BT Apache", "BT Bico de Ferro do Junco", provaram que, segundo ele, a competição está levando a uma uniformidade de rendimento dos animais. "Embora o campeão tivesse largado na frente, qualquer um destes tinha condições de levantar o Freio", confirma.

Sorte e humildade — O público estimado em oito mil pessoas que lotava a pista de equinos vibrou quando o locutor anunciou a vitória de "Hospedeiro" e se deliciou com os volteios de Laurindo Santana. Humilde, ele dedicou o prêmio a Vilson Souza, com quem trabalha na Cabanha Marca 2, em Bagé/RS, que conseguiu o segundo e quarto lugar (veja, no quadro, a classificação). Na hora do abraço, no entanto, teve gente que lembrou que o nº 10 é que era o ganhador da competição. Isto porque, no ano passado, o experiente Vilson Souza chegou ao tricampeonato montando "Nobre Tupambaé", da Cabanha Tupambaé, de Dom Pedrito/RS, que ostentava este número. E 1991 marcou 10 anos de Freio de Ouro.

Coincidências à parte, a verdade é que tanto ginete como montaria saíram de Esteio valorizados. Embora Laurindo afirme que "o maior valor é ganhar um Freio", "Hospedeiro" já está avaliado em 100 mil dólares. Ele é da linhagem do raçador "Redobrado

CLASSIFICAÇÃO FINAL — FREIO DE OURO 1991

CONCORRENTES	EXPOSITORES	NOTAS
Hospedeiro de S. Edwiges	Carlos Nazário	22.13
*BT Utrillo	Flávio Vianna	21.83
**BT Apache	Sucess. Flávio Tellechea	21.73
BT Bico de Ferro do Junco	Junco Agricultura	21.66
BT Vinagre	Avelino Scarton	21.03
BT Salitre	Cabanha Butiá	20.82
La Frontera Tormento	Astrogildo Amaral	
	Agropec. Intan	20.72
Tio Lautério da Escondida	Estância Escondida	19.92
BT Andaluzia	Sucess. Flávio Tellechea	19.54
Capanegra Pinochet	Cabanha Capanegra	19.48
Guanaco da Tradição	Luiz Martins Bastos	19.13
Babel da Capela	Fazenda Capela	19.96
*Trocéu Freio de Prata		
** Troféu Freio de Bronze		



Jurado Antônio Martins Bastos: quatro tinham condições de ganhar

Tanido”.

Todo este trabalho coroou os esforços de Carlos Nazário, o expositor do campeão. “Não imaginava que pudesse ganhar, mas sempre fizemos pelo melhor”, ressaltando que mandou fazer oito freios especialmente para este cavalo.

Na sua avaliação final, o presidente da ABCCC, Antônio Fagundes, reconheceu a excelente fase do concurso e já incluiu em suas metas aumentar o espaço para a assistência.



O experiente Wilson Souza conseguiu a segunda e a quarta classificação

OS 10 GANHADORES DO FREIO

1982	Itai Tupambaé
1983	BT Olvido
1984	Hotele de São Martim
1985	Itaipu de São Martim
1986	BT Sargento
1987	BT Salitre
1988	Buliá Arunco
1989	BT Brazão do Junco
1990	Nobre Tupambaé
1991	Hospedeiro de Santa Edwiges

Trevo é Facilidade

SÉRIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 1



O NPK e as Misturas de Grânulos TREVO, por terem grãos redondos, resistentes, secos e recobertos com óleo mineral, garantem muito mais facilidades para quem planta:

- Não empedram e não melam, durante o armazenamento.
- Evitam o trabalho e o custo para despedrar.
- Não formam pó, nem embucham a adubadeira.
- Eliminam paradas para desentupir e trocar rosetas.



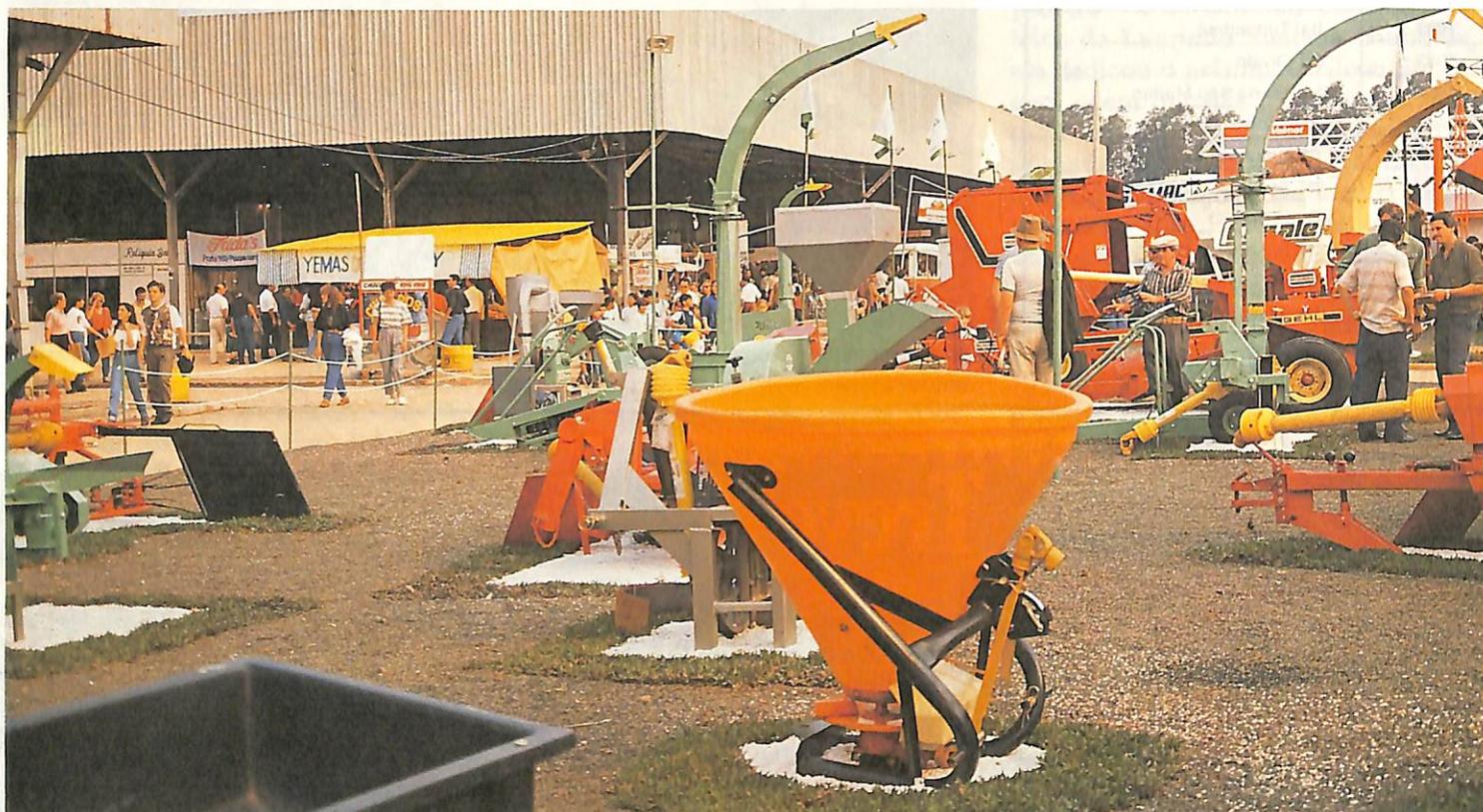
ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

MÁQUINAS

O terreno não está nada firme para as empresas que comercializam máquinas agrícolas. Unidos, os



empresários só conseguem expressar as suas queixas e pedir maior apoio do governo



Subsídio ainda é o combustível das vendas

Se o Brasil continuar com este quadro recessivo, o setor de máquinas e implementos agrícolas corre o risco de perder a competitividade para os argentinos antes de 1995 e até mesmo para outros países. A avaliação foi feita pelo presidente do Sindicato da Indústria de Implementos e Máquinas Agrícolas do Rio Grande do Sul, Simers, Roberto Pentead, numa panorâmica sobre a grave situação enfrentada pelo setor, que

opera com 70% de ociosidade. Com exceção dos anos de 86, 87 e 88, o segmento registra níveis crescentes de ociosidade desde 1983.

Somente em 1991, foram demitidos mais de cinco mil trabalhadores o que representa 28% do quadro funcional do setor. "E este quadro de dificuldade deve continuar até o final de 1991", prevê Pentead.

A importância destes números ganham mais força quando se sabe que

o Simers representa 60% da produção nacional com 160 empresas de pequeno, médio e grande porte, produzindo implementos, colhedeiças, tratores, silos e secadores.

Durante a feira, circulou uma análise do setor feita pelo professor Milton Cano Martins, da área do mercado financeiro e planejamento estratégico da Universidade de São Paulo-USP. No documento, o professor identifica a raiz da crise do setor como sendo

essencialmente de demanda; isto é, se produz máquinas, mas não tem quem compre.

Os fatores determinantes na evolução negativa do setor nos últimos vinte anos, segundo a análise, estão centrados em cima da profunda descapitalização do agricultor brasileiro; ausência de uma política agrícola estável; insuficiência de crédito rural; carga tributária excessiva sobre as máquinas; incapacidade de vender no mercado externo, quando o interno se mostra enfraquecido; e falta de credibilidade em investir. Como consequência, a indústria teve que demitir mais de 15 mil pessoas desde 1980, o que gerou esta capacidade ociosa de 70%, o fechamento de 30 empresas e a estagnação do aprimoramento tecnológico. Para a agricultura brasileira, representou a obsolescência da frota de máquinas, o despreparo para a abertura de novas fronteiras agrícolas e uma baixa produção e produtividade agrícola.

Diante deste "emperramento" do setor, o Simers entende que a solução dos problemas passa por uma recuperação da agricultura como um todo,



Veríssimo, da Jacuí: o pior ano da história

pedindo mais recursos e confiança para voltar a investir. Afinal, o complexo chamado de agribusiness gera, hoje, mais de 35% da renda nacional.

Com todas estas adversidades, não é de se estranhar que das empresas filiadas ao sindicato, 28 encontram-se

em débitos com o governo estadual. E a inadimplência não envolve apenas débitos com o ICMS, mas também dívidas trabalhistas. Por isso, os empresários do setor estão se agilizando para conseguir do governador Alceu Collares a isenção deste imposto na ven-

Trevo é Economia

SÉRIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 2



O NPK e as misturas de grânulos TREVO, pela alta tecnologia de sua produção, garantem muito mais economia para o agricultor. Com eles se ganha mais porque:

- Asseguram maior produtividade e grãos melhores.
- Eliminam despesas com mão-de-obra para desempedrar.
- Escorrem muito bem na adubadeira, poupando paradas.
- Possibilitam um plantio mais rápido, na época certa.



ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

da de máquinas e equipamentos agrícolas.

A opinião de quem vende — “O quadro de dificuldades enfrentadas pelo setor é apenas um mero coadjuvante do trágico cenário da agricultura brasileira”, identifica o diretor da Lavrale Máquinas Agrícolas, de Caxias do Sul/RS, Hugo Zatera. A empresa também teve que reduzir o seu quadro funcional em função da estagnação nas vendas. A Lavrale iniciou 1991 com 500 funcionários e chegou a agosto com 350. “Temos que nos adequar aos novos patamares”, consola-se o diretor.

Com outro demonstrativo da crise, Edson Veríssimo Machado, gerente técnico da Fundação Jacuí, de Cachoeira do Sul, vai mais além e diz que 91 é o pior ano da história das vendas. Dos últimos três anos para cá, segundo ele, a empresa baixou de 1.000/1.100 carreta/ano para as atuais 300/350 unidades. E este ano não foi pior porque o arroz foi a salvação da lavoura. A crise, no entanto, tem trazido para Edson um estímulo de fazer inveja a muito empresário por aí. Nesta Expointer 91, ele conseguiu ganhar o prêmio Destaque do Grupo Gerdau, com uma carreta autotracionável, fabricada especialmente para a lavoura arrozeira, um projeto que consumiu US\$ 100 mil e que começará a ser comercializada em janeiro de 1992 num valor aproximado de US\$ 8 a 10 mil. Além deste Destaque, Edson levantou



Hugo Zatera, da Lavrale: demitindo para poder sobreviver

para a sua empresa mais quatro prêmios na categoria Novidades, deste mesmo prêmio, em exposições passadas.

E se nos implementos a situação é “russa”, a coisa aperta mesmo quando se analisa a situação das empresas que vendem tratores e colhedoras. Na Ford-New Holland, por exemplo, a maior fabricante do mundo de tratores e a segunda no ranking mundial no fabrico de colhedoras, o diretor Persio Pastre aponta que as vendas “descem a ladeira”, no quinto ano consecutivo de insucesso nas vendas. Ele identifica também, a exemplo de quase todo o empresariado do setor, a falta de subsídios governamentais como corresponsável pelo “crash” da mecanização agrícola. “Não há como produzir sem auxílio governamental, pois

no mundo todo a agricultura é subsidiada”, justifica sua posição. No entanto, como é uma multinacional forte, agora abrigada sob a sigla Fiat, a empresa tem alto poder de fogo e aproveitou a festa de Esteio para mostrar o seu novo lançamento, o trator Estreito, para hortas, pomares e café. E para provar que a situação pode se reverter, Pastre diz que a empresa está construindo mais uma fábrica de tratores em Curitiba/PR, que terá capacidade de produzir 15 mil unidades/ano, a partir de 1992.

O festival de queixas, embora se reconheça os motivos, fica sempre em cima da velha e surrada aspiração do nosso emergente capitalismo no campo: mais dinheiro, e barato, às custas do erário público. A cultura do Estado-pai está tão impregnada que, nesta feira, os compradores de máquinas só falavam em financiamento do governo, reclamando das condições do Finame Rural. E ainda ficavam constangidos quando a reportagem queria saber se não era hora de investir com recursos do próprio bolso, assim como se compra um carro por exemplo.

Maxion faz de Esteio o seu campo experimental. Como no Primeiro Mundo

Inovar o conceito de exposição no Brasil foi a premissa básica que norteou os trabalhos de criação do novo estande da Maxion no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, projetado pelo gerente de marketing e planejamento, Paulo Herrmann. O estilo fazenda tenta fazer com que o produtor rural se sinta em seu próprio meio, sem receio de ingressar no recinto. Um dos pontos altos da mostra fica por conta do “Show de Máquinas Maxion em Ação”, que ocorreu em cinco oportunidades ao dia. Neste programa, são mostradas as etapas básicas da produção agrícola, desde o preparo à colheita.

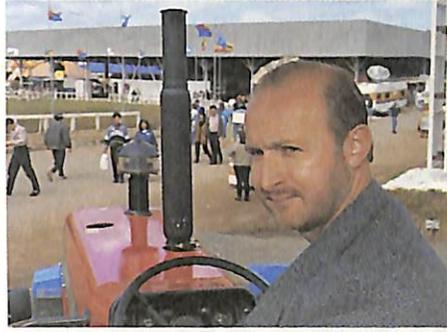
Entre as inovações do estande estão a criação de três quiosques para prestar informações sobre Finame, consórcio e tira dúvidas de vários itens; miniauditório para 20 pessoas; identificação aérea através de zepellin e seis balões; e um verdadeiro show



Pastre, da Ford: a empresa aposta em novos modelos

com a retroescavadeira MF86HS, em que o operador, conhecido como “Indiana Jones da Retro”, coloca a máquina sozinha em cima do caminhão sem a ajuda de guincho.

Para José Álvaro Votta, supervisor de marketing da empresa, o sucesso do novo estande é uma realidade, pois houve uma frequência de 700 pessoas por dia. Nas arquibancadas, a expectativa da Maxion era de público não superior a 70 pessoas e, no entanto, ficou em cerca de 250 presentes. “Existe a intenção de utilizar esta in-

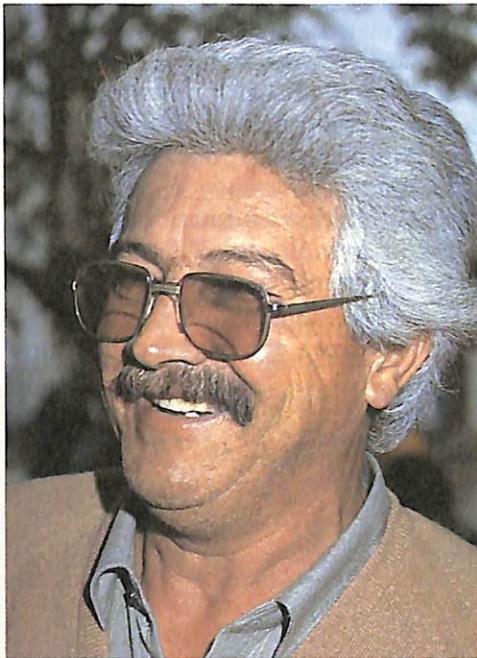


Paulo Herrmann, da Maxion: investimento que valoriza a tecnologia

fra-estrutura o ano todo, já que foi feito um grande investimento. Vamos trazer caravanas de agricultores que visitarão a fábrica de Canoas/RS, apenas cinco minutos do parque, onde serão feitas demonstrações. Inclusive, os visitantes poderão até operar as máquinas”.

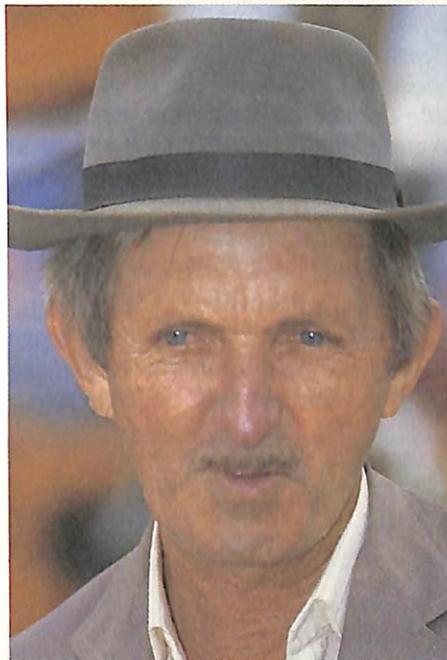
Este ano, pela primeira vez na história da feira, a Maxion colocou à venda no parque Assis Brasil sua linha de produtos agrícolas e industriais. E só nos dois primeiros dias tinham sido comercializados 36 tratores e três colhedei- ras.

Quem é, afinal, o pai da inflação?



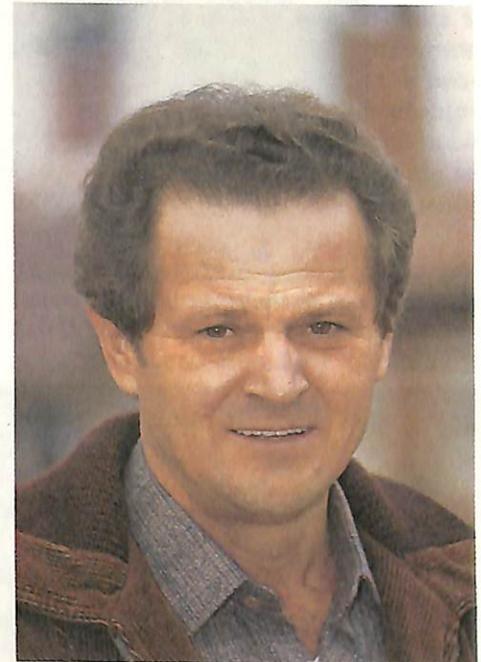
O governo é o grande responsável pela explosão inflacionária. Mas não podemos ficar só nesta, porque, além da falta de planejamento do governo, o gaúcho só fica chorando e se- steando. Assim, ninguém vai pra frente. Outra coisa: não podemos pensar em progresso, vivendo em cima dos subsídios que, em última instância, não é o governo que dá, é o povo. Acho todo este quadro inflacionário, de corrupção e incompetência uma imoralidade. Por isto, não é à-toa que estamos a cada dia mais miseráveis. Não se pode fazer filosofia com assuntos de secos e molhados, já dizia Castelo Branco.

Nei Robaina Lucas, 57 anos, comerciante em Bagé/RS.



Estou entre aqueles produtores que recorreram a empréstimos bancários para adquirir maquinário e que são inadimplentes. Adquiri um trator Valmet para pagar em cinco anos e ainda faltam dois. Inclusive, algumas prestações fui obrigado a atrasar porque o fracasso na safra de soja impediu que pagasse em dia. O que se vê são quase todos agricultores pendurados com os bancos, deixando a colônia apavorada. Esta situação é totalmente contrária a que vivi em 75, quando comprei um trator com financiamentos em cinco anos e juros de 8%. Paguei tudo certo e até sobrou dinheiro. Depois, tudo piorou. E a culpa por isto e pela inflação é de cada brasileiro.

Ernesto Parisotto, 57 anos, produtor de milho e soja em Tapejara/RS.



Uma máquina agrícola está custando uma verdadeira fortuna. Já fui agricultor mas resolvi abandonar a atividade porque não conseguia mais sobrar dinheiro. A situação vivida pelo país faz com que ninguém entenda o que acontece. É até caso de polícia. Todos têm culpa pelos índices elevados de inflação. Alguém está ganhando com isto, mas não o comércio, que acaba perdendo em consequência deste quadro difícil. E esta doença espalha-se por todos os setores.

Erno Dewes, 48 anos, comerciante de ferragem em Esteio e ex-produtor rural em Montenegro/RS.

DESTAQUES 91

Atenção! Homens trabalhando pela agropecuária



Ney Bittencourt de Araújo, da Agroceres, falou em nome dos agraciados com o Destaque 91 A Granja do Ano

Anecessidade de gerar mais informações ao homem do campo, através da imprensa especializada em agropecuária, foi o enfoque principal da manifestação do ministro da Agricultura e Reforma Agrária, na cerimônia de entrega do troféu "Destques A Granja do Ano", promoção da revista A Granja. A solenidade foi realizada na noite do dia 29, no auditório da Farsul, e contou com a presença dos "25 líderes vencedores", conforme salientou o diretor-presidente da revista, Hugo Hoffmann.

A sexta edição do "Destques do Ano" teve ainda a participação do secretário da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, Aldo

Pinto, do presidente da Farsul, Hugo Giudice Paz, do secretário da Agricultura de Santa Catarina, Dilso Ceccin. Também esteve na cerimônia o diretor federal do Ministério da Agricultura no Estado, Cléber Canabarro Lucas, e o deputado federal Carlos Azambuja, PDS/RS.

O ministro salientou que qualquer informação levada ao homem do campo irá se traduzir em aumento de alimentos. Mais uma vez, Cabrera lembrou que não quer poder pessoal na pasta, onde sua estada é passageira, mas que continuará lutando para que o órgão não tenha subordinação alguma a outro ministério do governo.

Para os agraciados, foi bastante objetivo ao dizer que representam um





Mesa das autoridades, da esquerda para a direita: ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Antônio Cabrera; secretário da Agricultura do RS, Aldo Pinto; e o diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann

modelo de empresário, de produtor rural que, com competência, conquistaram o prêmio “Destaques do Ano”. Eles representam “um exemplo para sua geração e para os 23 milhões de homens do campo existentes no país”.

Persistência — Ao lembrar que A Granja é a revista mais antiga do Brasil na área da agropecuária, Hugo

Hoffmann assinalou que os 25 ganhadores do troféu, eleitos através do voto direto e democrático dos leitores, recebiam homenagem e respeito por trabalharem e aparecerem pouco no cenário nacional. “São pessoas que enfrentam o risco, que faz parte do seu destino, mas que com perseverança, fé, coragem e determinação conseguem superar o que vem pela frente.”

Mesmo considerando que a agropecuária hoje se constitui em um ponto de interrogação, Hoffmann afirmou que, diariamente, o produtor rural se questiona se vale a pena ou não continuar persistindo no setor. Como resposta, frisou que “o importante neste encontro é a consciência de que os agraciados estão representando os setores do agribusiness que representam 40% do Produto Interno Bruto do país.”

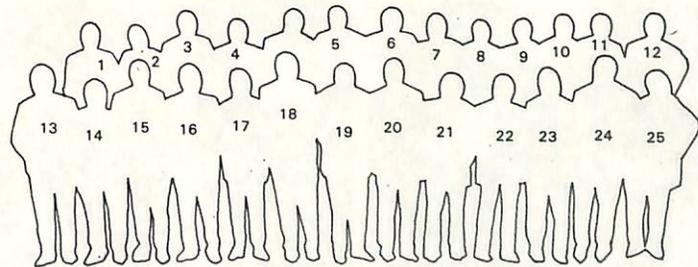
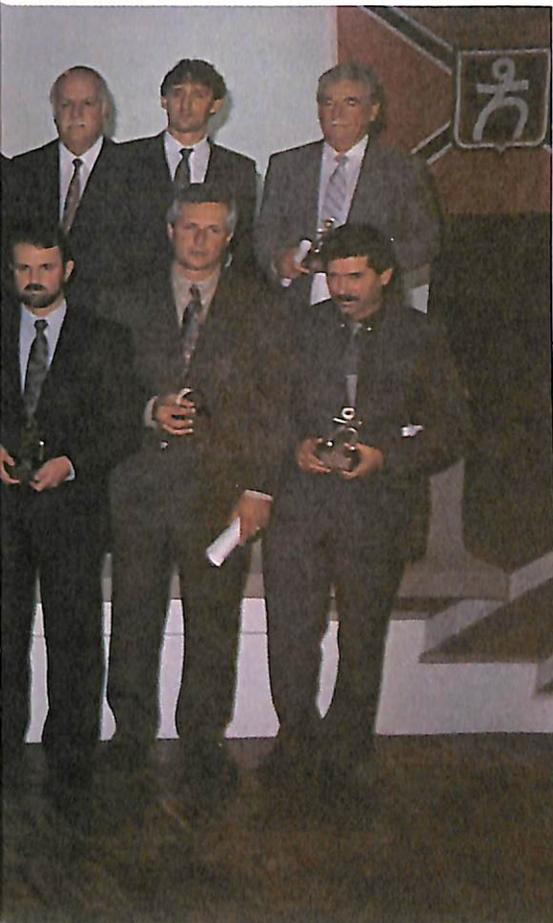
União — Na opinião do secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul,

os agricultores têm consciência do trabalho que desenvolvem, “mas desejam a tranqüilidade de produzir a terra.” Aldo Pinto constatou, nestes cinco meses no governo, uma diferença de postura do próprio Cabrera, “a quem o setor precisa ajudar a fim de buscar alternativas que auxiliem o setor.”

Alertou para a necessidade urgente de se fortalecer o Banco do Brasil, que, “se destruído, irá destruir a nação”. Para ele, é preciso, que os dirigentes do BB façam uma reflexão séria a fim de que a instituição volte a ser o banco do agricultor. “Queremos um banco forte, mas, para isto, o produtor tem que ser forte.” Este problema, para Aldo Pinto, traz uma lição importante, que é a necessidade de se ter a consciência nacional de o setor estar unido a favor do Brasil.

Esforço maior — A questão envolvendo o custeio para o setor primário também foi enfocada pelo presidente da Agrocerec, Ney Bittencourt de Araújo, que falou em nome dos agraciados. Ele advertiu que, se o país espera uma recuperação razoável na safra de grãos, o dinheiro colocado à disposição é insuficiente para os agricultores. A quantia “1,6 bilhão de dólares em recursos próprios constituiu-se em uma falácia porque este dinheiro não existe”.

Outro alerta feito pelo presidente da Agrocerec foi o grande e crescente empobrecimento da população rural brasileira.



1. Nelson Brochmann, 2. Armando Garcia de Garcia, 3. César Lautert Duarte, 4. Roberto Otaviano Rossatto, 5. Ruy Machado Guimarães, 6. Francisco Antônio Lopes Lima, 7. Antônio Carlos Araújo Maciel, 8. Gustavo Muttoni, 9. Juan Carlos Serra, 10. Olavo S. Barbosa, 11. Leonísio José de Alcântara, 12. Sérgio Luís Pansieri, 13. César Silvestre, 14. Érico Ribeiro, 15. João Antônio Argenta, 16. Helmuth Kepler, 17. Gonzalo José Dal Borgo, 18. Norberto Farina, 19. Frederico Germano Becker, 20. Hugo Frederico Hoffmann, 21. Ney Bittencourt Araújo, 22. José Roberto Ferreira Martins, 23. Carlito Eckert, 24. Walter Pötter, 25. Fábio Rosso



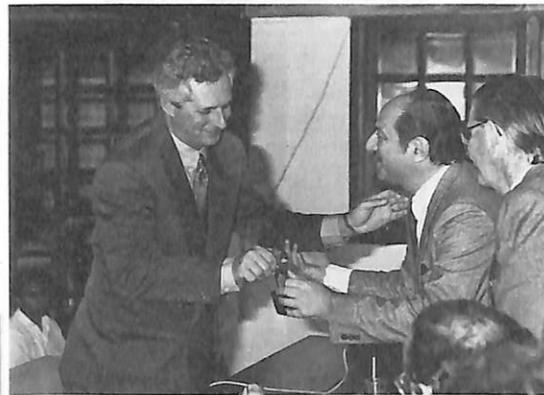
Ney Araújo, da Agroceres, recebe o seu Destaque em Sementes do ministro da Agricultura, Antônio Cabrera



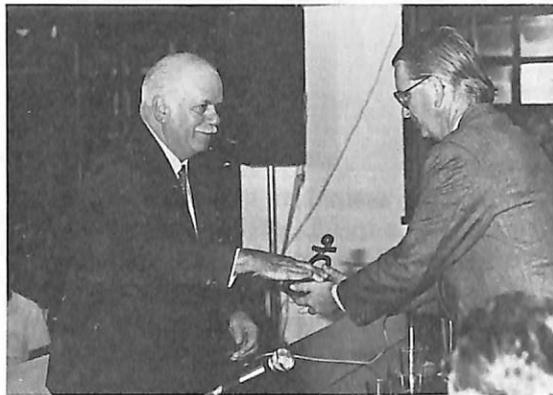
Norberto Farina, da Maxion, Destaque em Tratores, recebe o seu troféu das mãos do secretário da Agricultura do RS, Aldo Pinto



Érico Ribeiro, do Grupo Extremo Sul, Destaque Produtor de Arroz, laureado por Hugo Hoffmann



Walter Pötter, da Guatambu, recebe do deputado Carlos Azambuja o seu Destaque Pecuaría de Corte



Olavo Barbosa, Destaque Pecuaría de Leite, recebe seu laurel das mãos de Hugo Hoffmann



Antônio Carlos Maciel, Destaque em Equinos, recebe de Cléber Canabarro Lucas o seu troféu



Armando Garcia de Garcia recebe o seu Destaque em Ovinocultura de Dilso Ceccin, secretário da Agricultura de Santa Catarina



Juan Carlos Serra, da Sadia, recebe o Destaque Suinocultura do deputado Carlos Azambuja



Francisco Lima, da Merck Sharp & Dohme, recebe de Cléber Canabarro Lucas o seu Destaque Defensivos Animais



Roberto Rossato, da Semeato, recebe do secretário Dilso Ceccin, o seu Destaque em Implementos de Preparo de Solo e Plantio



Frederico Becker, da Adubos Trevo, recebe o seu Destaque em Adubos e Corretivos de Hugo Hoffmann



Eduardo Logemann, da SLC, recebe o seu laurel em Máquinas de Colheita de Cléber Canabarro Lucas



João Antônio Argenta, da Basf, recebe o Destaque em Defensivos Agrícolas de Dilso Ceccin



Helmut Kepler, da Kepler Weber, recebe o Destaque em Silos e Armazenamento de Hugo Hoffmann



Leonísio José de Alcântara, da Ford, recebe o Destaque em Caminhões e Utilitários do deputado Carlos Azambuja



Gustavo Muttoni recebe o seu Destaque em Instalações Rurais de Cléber Canabarro Lucas



Nelson Brochmann, da Fazenda Santa Elisa, recebe o seu Destaque Produtor de Cana de Dilso Ceccin



José Roberto Martins, do Grupo Itamarati, recebe o Destaque Produtor de Soja de Carlos Azambuja



Fábio Rosso, da Coopervale, recebe de Cléber Lucas o seu Destaque Produtor de Trigo



César Duarte, da Empasc, recebe o troféu Destaque em Pesquisa Agropecuária do secretário Dilso Ceccin, de Santa Catarina



Sérgio Panseri, da Coamo, recebe o seu Destaque em Cooperativismo de Hugo Hoffmann, da revista A Granja



Gonzalo Dal Borgo, da Purina, recebe o seu Destaque Nutrição Animal de Hugo Hoffmann



César Silveira, prefeito de Guarapuava, recebe o Destaque Produtor de Milho das mãos de Hugo Hoffmann



Ruy Guimarães, da Carborundum, Destaque em Sistema de Irrigação, recebe seu troféu do deputado Carlos Azambuja

ARROZ

Um cereal para comes & bebes

Natural do oriente, entrou na alimentação dos demais povos por suas qualidades e versatilidade de uso e aproveitamento. Do saquê ao risoto, já conquistou paladares.

O arroz é a base da alimentação humana e é servido tanto em jantares refinadíssimos como em até mesmo nas simples tigelas dos humildes barracos. Está entre os alimentos mais antigos da civilização humana, sendo “cantado” em prosa, verso e até mesmo em lendas. E por falar nesta, existe uma javanesa contando que o surgimento do arroz aconteceu da seguinte maneira:

“Um deus chamado Bataraguru quis ‘transar’ com a mortal Retna Dumilla. Ela percebeu o forte interesse da divindade e quis alguma coisa em troca, pois não era boba. Como o seu povo era bastante pobre, pediu ao senhor que criasse um alimento para matar a fome de sua gente. Retna acabou não agüentando e entregou-se a Bataraguru, que depois de conseguir o que queria, não manifestou o menor interesse em ajudar a moça.

Furiosa, Retna não quis mais atender aos desejos de Bataraguru, inclusive chegou até mesmo a mandar nele. Inconformado com as atitudes da mortal, não viu saída senão matar a jovem. Decorridos 40 dias de seu enterro, surgiu entre as pedras da sepultura, uma planta que passou a ser chamada de “padi”, ou seja, o arroz!”

Mundo — O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos efetuou levantamentos relativos à produção mundial de arroz, a qual deverá atingir o recorde de 349 milhões de toneladas neste ano, 1% maior que a do ano anterior. Entre os países líderes como produtores figuram a China (185 milhões de toneladas), Índia (112,5 milhões de toneladas) e a Indonésia (45 milhões de toneladas). Na



O arroz é um dos cereais que mais promove a agroindústria

safra 90/91, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento, o Brasil plantou 4,2 milhões de hectares, para uma produção de 9,7 milhões de toneladas, possibilitando a média de 2.310 kg/ha.

O arroz de sequeiro no país foi cultivado em mais de 3 milhões/ha, com uma produção de 4,1 milhões de toneladas e produtividade de 1.366 kg/ha. Por outro lado, o irrigado registrou uma área total de 1,1 milhão/ha, produção de 5,5 milhões de toneladas com 4.773kg/ha. A qualidade do irrigado comparada ao de sequeiro é reconhecida por todos, porém só não há um maior número de produtores em função, principalmente, do elevado custo de uma lavoura irrigada. Ao contrário do outro, que não chega a ser levado como o carro-chefe do estabelecimento agrícola. Antes dele está, sem dúvida, a pecuária.

A brusone ainda é a grande inimiga da cultura arrozeira

Os centros de pesquisa do Brasil inteiro trabalham sempre na busca de novas variedades, que atinjam maiores níveis de produtividade e com forte resistência a doenças. Como no caso do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), que lançou durante a XIV Expointer, a variedade Irga-416, que tem como característica principal a

precocidade (ciclo curto-115 dias) e excepcional qualidade dos grãos. Os rendimentos testados comprovaram 7.000kg/ha.

O maior inimigo do arrozeiro, sem falar em crédito, é claro, seja de sequeiro ou irrigado, ainda é a brusone, causada pelo fungo *Pyricularia oryzae*, o qual afeta de maneira generalizada a planta desde folhas, nós do colmo, bainhas e várias partes dos cachos e grãos. E antes mesmo do produtor pensar em combatê-la, precisa utilizar as variedades mais resistentes.

Subprodutos — No grão de arroz, em si, todos falam, mas existe uma gama de subprodutos que muitos desconhecem, inclusive a quantidade, que ultrapassa 50 produtos. A quirera, o farelo e a casca são três subprodutos do arroz que mais derivados apresentam (veja tabela). Apenas na casca são cerca de 27 itens, que vão desde a ração ou até mesmo refratários e indústria de vidros. Este potencial começa a ser melhor observado pelas indústrias nacionais que, a exemplo de outros países, começam a desvendar outras finalidades. Quem poderia imaginar que a casca do arroz pode se transformar em fonte sílica, para emprego na indústria microeletrônica, como hoje em dia nos EUA e Alemanha. Então, o leque está aí para ser aberto!

Goiás — Embora o arroz irrigado tenha registrado um avanço na área

O ARROZ E SEUS SUBPRODUTOS

ARROZ POLIDO INTEIRO	ARROZ ENLATADO
	ARROZ PRÉ-COZIDO ARROZ PRÉ-COZIDO CONGELADO ARROZ EXTRUDADO ARROZ DESIDRATADO SUCRILHO DE ARROZ ARROZ EXPANDIDO ALIMENTO INFANTIL
QUIRERA	PASTA DE ARROZ EXTRUDADO BEBIDA FERMENTADA (SAQUÊ) BISCOITOS PAPEL DE ARROZ MASSA DE ARROZ FARINHA DE ARROZ PROTEÍNA DE COBERTURA E ANTIOXIDANTE DE NODOS CERVEJA AMIDO
	ALIMENTO INFANTIL RAÇÃO CERA SUCRILHOS DE ARROZ PANQUECAS E WAFFLERS ÓLEO ÓLEO COMESTÍVEL MANTEIGA SABÃO ANTIFERRUGEM ANTICORROSIVO REMOVEDOR DE MOFOS "FINISHER" EM TÊXTEIS E COURO
FARELO	RAÇÃO FERTILIZANTE CORRETIVO DE SOLOS MEIO HIDROPÔNICO CARREGADOR: VITAMINAS, PESTICIDAS MEIO FILTRANTE FONTE DE CARBONO COMBUSTÍVEL CARVÃO ATIVO FURFURAL RESINAS FENÓLICAS PIGMENTOS POLIMENTO DE METAIS E GEMAS ABSORVENTE DE GORDURA MATERIAL PARA LEITO DE GADO BLOQUETES DE CIMENTO E AGLOMERADOS ISOLANTE TÉRMICO E ACÚSTICO MATERIAL DE ENCHIMENTO E EMPACOTAMENTO ABRASIVO DE SABÕES FONTE DE SÍLICA REFRATÁRIOS INDÚSTRIA DE VIDROS
	CASCA

plantada desde 75/89, em cerca de 39.000ha, na safra 90/91, a CNA registrou uma redução de praticamente a metade destes níveis anteriores, ou seja, 20.000 ha, para uma produção de 1.000kg/ha. E no de sequeiro, o “dono do campinho”, os inúmeros também apontam uma queda de área, 318.000ha em 90/91 contra 340.000 em 89/90. O que salvou a lavoura foi o ganho em produtividade, passando de 851kg/ha, na temporada passada para os 1.459kg hoje.

No dia-a-dia do trabalho do produtor do arroz de sequeiro, muitas dificuldades estão inseridas, pois a cultura está sujeita aos riscos climáticos, o que acaba por reduzir o retorno financeiro. A adoção de novas cultivares pelos goianos tem registrado um incremento na produtividade. Estas têm a maior resistência à brusone, aliadas à adoção de práticas agrônômicas adequadas, amenizando os riscos climáticos no sequeiro.

Para o pesquisador João Kluthcouski, do Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAP), da Embrapa, é importante o produtor ter conhecimento das características do solo, como pH, níveis de fertilidade e grau de compactação, quesitos indispensáveis para o início do preparo da terra. A pré-incorporação seguida de aração profunda, 30-35cm, feita com arado de aiveca, é o método mais adequado e difundido nos países desenvolvidos.

O uso da grade aradora, explica João, caracteriza um preparo superficial do solo, onde apenas 10cm são trabalhados, enquanto a camada 15cm abaixo permanece compactada. Por esta sistemática a planta não tem um completo desenvolvimento das raízes, além de não permitir que o solo armazene água suficiente. “A única vantagem da grade aradora é aliviar os olhos do produtor, que faz uma pseudo-economia, e no final das contas ganha como recompensa a baixa produtividade, que não vai compensar os custos”, alerta.

Épocas — O produtor deve estar

atento sempre ao período mais favorável de plantio, aconselha Silvano Carlos da Silva, pesquisador do CNPAP. No caso do arroz deve ocorrer em época propícia à cultura, já que é exigente em água e temperatura. E neste sentido, o centro tem um programa denominado “Proclima”, que registra as características das principais áreas produtoras de Goiás, bem como um estudo indicativo das melhores épocas

tão constituindo-se em importante praga do arroz no Brasil, danificando diretamente as plantas. Como consequência pode resultar no secamento parcial ou total das mesmas, no chamado efeito “queima da cigarrinha”. O melhor meio de controle desse inseto é através da adubação equilibrada, evitando o excesso da nitrogenada, e o plantio escalonado de arroz na mesma área ou nas proximidades.

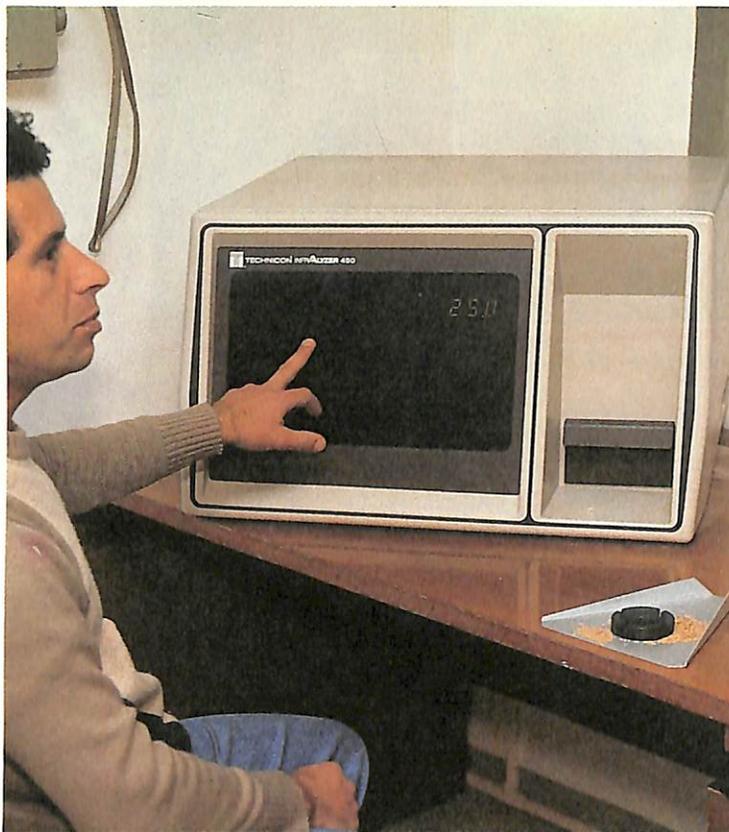
Além disso, o técnico recomenda a destruição dos restos de cultura após a colheita, pela incorporação e emprego de variedades de ciclo mais curto e resistente.

Tecnologias — Para que o arrozeiro obtenha sucesso em sua lavoura, nenhuma prática deve ser aplicada de forma isolada, assegura a economista Lídia Pacheco Yokoyama, pesquisadora do CNPAP. “É necessário um conjunto de medidas que minimize, ao máximo, os riscos a que a cultura do arroz de sequeiro está sujeito. O progresso tecnológico tem se apresentado como condição indispensável para o sucesso dessa plantação”.

Um conjunto de tecnologias foi desenvolvido e apropriado às condições adversas de solo dos cerrados, ambiente que abriga cerca de 80% da produção de arroz de sequeiro. E como resultado dos investimentos de pesquisa na região,

houve a possibilidade de conhecer as características e deficiências dos solos, a fim de utilizá-los racionalmente para a produção de grãos. O manejo da terra pelo uso de máquinas apropriadas e incorporação de restos de cultura precedente, imediatamente após-colheita, ou depois das primeiras chuvas, e a aração adequada ou escarificação profunda restauram as propriedades físicas, permitindo adequada penetração das raízes e resistência a secas e doenças.

A rotação de culturas (leguminosa-gramínea), uso de cultivares mais produtivas e fertilização correta, baseada em análise química do solo, são práticas recomendadas depois de viabilizadas em nível de pesquisa e junto aos produtores. O desenvolvimento tecnol



Infra-alizer 450: um aparelho que em pouco tempo dá uma análise completa de qualquer matéria-prima

para plantio, evitando os riscos climáticos.

O ataque de pragas, por outro lado, embora não seja um problema muito freqüente nas plantações de arroz de sequeiro, vem sendo constatado em alguns locais. Para Evane Ferreira, pesquisador especializado em entomologia no CNPAP, a cigarrinha, a lagarta das folhas, o cupim subterrâneo, a broca do colmo e o percevejo dos grãos estão entre os insetos mais assíduos neste tipo de lavoura.

Os aspectos climáticos são fundamentais para uma lavoura rentável

As cigarrinhas, destacou Evane, es-

RACIONALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DE UNIDADES ARMAZENADORAS
EXISTENTES E EM IMPLANTAÇÃO.

CONTROLADOR PROGRAMÁVEL



Monitor para correta aplicação em cada ciclo de secagem, resfriamento e conservação de grãos através de Aeração e Termometria durante às 24 horas/dia e 365 dias/ano.



O DRYCO otimiza a unidade armazenadora, indicando, sinalizando e orientando as operações com precisão, conforme programas pré-determinados de temperatura máxima (°C) e umidade relativa (%U.R) máxima e mínima, respeitando sempre o programa do Timer Semanal dentro dos horários de ponta estabelecidos pela concessionária de energia elétrica local. Todos os modelos podem ser fornecidos com Impressora para os relatórios climáticos e operacionais.

Fabricado nos modelos 1, 2, 3, 5 e ∞, o DRYCO engloba a tecnologia mais avançada, onde se obtém em todo o complexo armazenador um produto padrão de qualidade máxima, com vantagens técnicas e econômicas sem precedentes:

- Controla e mantém a qualidade do grão indústria e o vigor da semente;
- Evita a quebra de peso dos grãos;
- Proporciona a versatilidade na recepção, secagem e armazenagem;
- Racionaliza o consumo de energia elétrica;
- Evita o amarelamento dos grãos de arroz;
- Inibe a possibilidade de ação de insetos e fungos;
- Pode ser instalado em Aeração já existente, inclusive convencionais de outras marcas, desde que estejam corretamente dimensionadas;
- Aplicável a toda diversidade de grãos como soja, milho, trigo, cevada, sorgo, arroz, aveia e outros.



Com tecnologia de ponta, a DRYERATION equipa o mercado agrícola com o sistema mais avançado no controle da conservação de grãos indústria e/ou sementes. Diante da nova realidade e diversificação do mercado agrícola, torna-se imperativo eliminar toda a possibilidade de perdas, recebendo e conservando toda a safra cercada de total segurança, com resultados evidentes e altamente lucrativos.

LINHA DE PRODUTOS

dryERATION

- * Aeração;
- * Termometria;
- * DRYCO/Quadro de Interligação;
- * FRIOEQUÁVEL;
- * Quadros de Comando;
- * Automatização de registros: Moegas, Graneleiros e Silos;
- * Secador Exaustor;
- * DRYMASTER - Secador Acoplado na Colheitadeira;
- * Acessórios e componentes: Distribuidor de grãos, Lanternins em fibra de vidro e Ventiladores;
- * Treinamento Técnico Operacional.

TECNOLOGIA COM GARANTIA

dryERATION

ANO 10

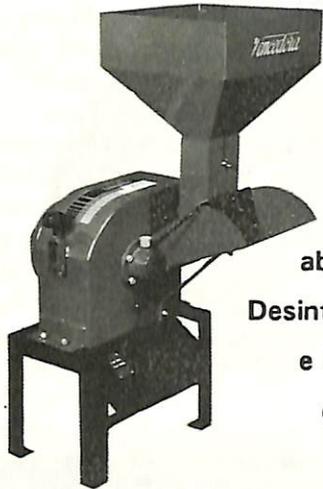
DIVISÃO COMERCIAL

mittler

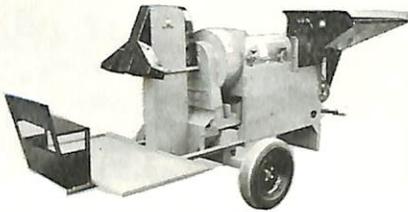
Rua Américo Vespúcio, 100

Fones: (0512) *42-8577 e 42-8683 Telex: 51-3118 DRYE BR - Fax: (0512) 42-5257 - CEP 90450 - Porto Alegre - RS

BRANCO VENCEDORA



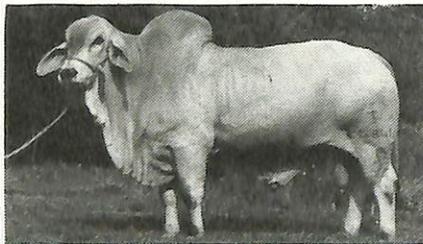
Liderança absoluta em Desintegradores e Batedeiras de Cereais



BRANCO EQUIPAMENTOS
Av. Caetano Natal Branco, 3800
Fone (0495) 22.1322 - Joaçaba (SC)

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975 RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL.

Fazenda Agua Milagrosa
Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

lógico, acredita Yokoyama, constitui seguramente o principal fator de crescimento da produção. Enquanto a ocupação agrícola da Região Centro-Oeste contribui para o crescimento da margem extensiva das lavouras, fenômeno evidente até o início da década de 80, os ganhos de produtividade se fazem nítidos nos últimos anos pela adoção de novas tecnologias.

A China é o maior produtor mundial de alimentos e seus agricultores são responsáveis por nada menos do que 22% do consumo da terra. Dos

ARROZ INTEGRAL

COMPOSIÇÃO QUÍMICA APROXIMADA (em 100g)

Energia	340,00kcal
Proteína	7,50g
Carboidrato	73,00g
Tiamina (Vitamina B1)	0,33mg
Riboflavina (Vitamina B2)	0,12mg
Gordura	2,50g
Cálcio	3,80mg
Fósforo	319,00mg
Ferro	1,40mg
Sódio	3,50mg
Potássio	200,00mg
Fibra alimentar	1,70g

Fonte: Uncle Ben's

Quanto mais polido, menos nutritivo torna-se o grão

1,1 bilhão de habitantes, a China cresce à razão de 15 milhões/ano. De toda esta verdadeira massa humana, 85% trabalham diretamente com a agricultura. Somente entre 1979 a 1984, a produtividade agrícola chinesa evoluiu cerca de 40%, e em grande parte é devida ao cultivo do arroz, em especial o tipo híbrido.

A produtividade do arroz híbrido apresenta uma média de 20% acima das sementes comuns, o qual começa a despertar o interesse mundial. Até o momento, apenas a China e a Coréia dominam a tecnologia destes híbridos, inclusive com a comercialização de sementes. Apenas em território chinês, a área plantada com o arroz híbrido atinge 26% do total das lavouras.

A experiência destes países pioneiros mostram que a principal dificuldade é a exigência de mão-de-obra (o que não falta por lá) na fase produtiva

das sementes. A cultura é estabelecida por transplantio e necessita, nas condições coreanas e chinesas, cerca de 300 homens/ha nesta etapa. Em termos de Brasil, o Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAF), da Embrapa, de Goiás, largou na frente e atualmente está desenvolvendo um programa neste sentido.

Através de um sistema adaptado às condições nacionais, vem sendo estudado um método que possa empregar a mecanização. Hoje, com apenas três homens, se consegue "tocar" uma plantação, imaginem 300 em apenas um hectare? Mas, quanto à produtividade, será um grande passo em termos nacionais, embora o Brasil, em relação ao irrigado, não deve nada a nenhum outro produtor mundial.

A azolla, uma pequena pteridófito, é encontrada no Brasil em três espécies: *Azolla caroliniana*, *A. filiculoides* e *A. microphyla*. Estudos vêm sendo feitos no Brasil para avaliar o comportamento dela como fonte de nitrogênio para o arroz. A azolla, uma planta aquática que em simbiose com a alga verde-azulada (*Anabaena azollae*) é capaz de fixar o nitrogênio atmosférico. Pode ser achada em lagos, açudes, canais de drenagem e rios com águas calmas.

A Ásia iniciou o cultivo da azolla há vários anos, como no caso do Vietnã, onde mais da metade da área das lavouras de arroz pode ser encontrada. Em outros países, além de ser empregada para adicionar nitrogênio ao solo, é usada como fonte de proteína para animais domésticos. No Brasil, a Estação Experimental de Itajaí, em Santa Catarina, desenvolve trabalhos para avaliar o comportamento desta planta como fonte "N" para o arroz.

O cultivo da azolla, no experimento catarinense, aconteceu em três períodos: antes da semeadura do arroz (julho/setembro), em consorciação (outubro/março) e após a colheita (abril/junho). Nos períodos julho/setembro e abril/junho a azolla foi transplantada dos viveiros para as parcelas, após o preparo convencional do solo para o plantio. Já o transplante do período outubro/março ocorreu entre 30/40 dias após a semeadura.

Quando a azolla cobriu a superfície da água, a produção de biomassa sofreu avaliação, bem como a massa se-

ca e a porcentagem de "N" nesta. Posteriormente, as parcelas foram drenadas e, manualmente, houve a incorporação da massa verde.

Sementes pré-germinadas a lanço, na densidade de 400 por metro quadrado, foram plantadas, e a adubação potássica e fosforada obedeceram as recomendações normais. O nitrogênio foi aplicado em duas doses de 30kg/ha. Veja os efeitos da incorporação da azolla na tabela abaixo.

A industrialização é uma outra etapa na trajetória do grão de arroz. Ele entra no engenho na forma natural em que foi colhido na lavoura, para ter início a pré-limpeza e secagem. A partir daí estará pronto para começar o beneficiamento, culminando com o empacotamento e venda ao consumidor. Com a simples retirada da casca já está disponível o arroz integral, também conhecido pelo pessoal que trabalha no setor como "esbramado". Nesta forma, o produto é bastante admirado pelos macrobióticos, aquele pessoal que em apenas uma "garfada" consegue mastigar dezenas de vezes.

ARROZ PARBOILIZADO

COMPOSIÇÃO QUÍMICA APROXIMADA (em 100g)

Energia	347,00kcal
Proteína	7,70g
Carboidrato	77,00g
Tiamina (vitamina B1)	0,22mg
Riboflavina (vitamina B2)	0,06mg
Niacina	3,60mg
Fósforo	145,00mg
Cálcio	81,00mg
Ferro	0,60mg
Sódio	5,20mg
Potássio	160,00mg

Fonte: Uncla Ben's

Neste processo, os componentes da casca incorporam-se ao grão

Cada engenho estabelece, em função do mercado, o que deseja produzir. Não sendo o integral, o passo seguinte é encaminhar o grão descascado para os brunidores, isto é, o polimento. Deste processo serão obtidos os grãos inteiros, cuja média oscila entre 50 a 60%, dependendo funda-

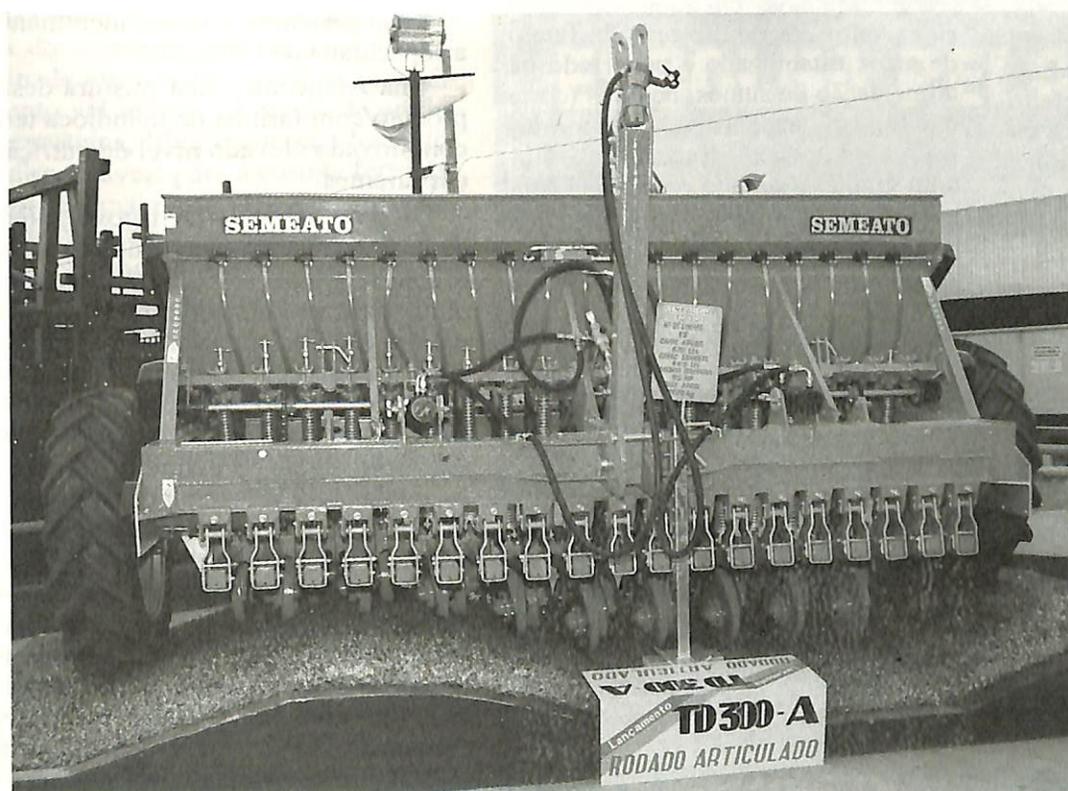
mentalmente da matéria-prima. E é exatamente no ato de polir que surge o farelo de arroz, um dos importantes subprodutos com uma infinidade de usos, entre os quais o óleo e a ração animal. Assim, quanto mais polido, branco, maior será a quantidade de farelo disponível.

O proprietário da Arrozeira Prata Ltda, César Tavaniello, em Guaíba/RS, afirmou que em 100kg de arroz em casca se obtém 50% de grãos inteiros e 18% de quebrados. Neste último percentual estão 10% canjicão; 5% canjica e 3% quirera. A quirera será vendida para as fábricas de ração e cervejarias, que empregam como um ingrediente normal na formulação da cerveja, ativando a fermentação do malte.

O canjicão entra na mistura do arroz branco e, dependendo da quantidade, resultará no tipo do arroz, ou seja:

Tipo 1 = 10% de quebrados; T 2 = 20% e T 3 = 30%...

A canjica, igualmente, pode ser utilizada no arroz tipo 3, por este ser mais popular, com público bem me-

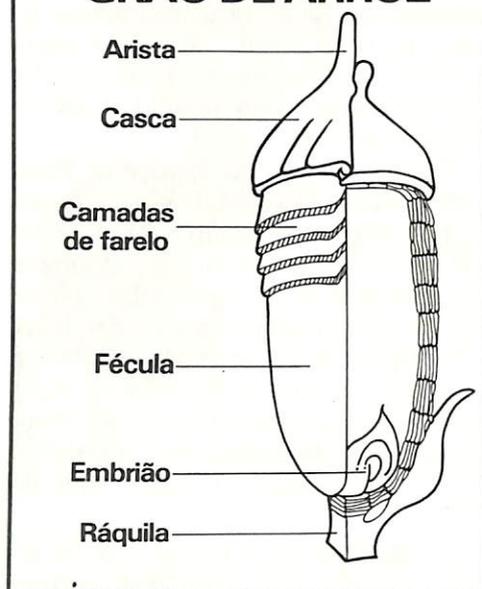


CHEGOU A SOLUÇÃO PARA O PLANTIO DE ARROZ SOBRE AS TAIPAS. INSTALE UM KIT ARTICULADO EM SUA TD. JÁ À VENDA NOS REVENDADORES AUTORIZADOS

SEMEATO®

Rua Camilo Ribeiro, 190 - Fone: (054) 313-4022
Telex: 545318 - Caixa Postal 559 - CEP 99.060
Passo Fundo - Rio Grande do Sul - Brasil

COMPOSIÇÃO DO GRÃO DE ARROZ



nos exigente, bem como os tipos 4 e 5. Por outro lado, o farelo que sai da Arroeira Prata é vendido para fábricas de óleo ou ração.

Descascador — Desde 1953 a empresa Prestefelipe Representações se dedica à industrialização do arroz no Rio Grande do Sul, como secagem, pesagem, limpeza e classificação. É um dos pontos que mais evoluiu nos últimos tempos, em termos mundiais, nesta área, disse Fernando Prestefelipe, diretor da empresa, é o descascador de arroz, conjugado com câmara de separação de casca. O equipamento é comandado por células fotoelétricas e sistema de ar comprimido, fabricado no Brasil com tecnologia alemã. A capacidade vai de 30 a 300 sacos por hora.

O farelo representa 8% do arroz em casca, sendo oriundo da película que envolve o grão, juntamente com o gérmen. Ao ser retirado do arroz, caso não seja procedida a extração do óleo nele contido, tem início o processo de acidificação, que ocorre a uma velocidade de 1% por hora. A responsável por esta ação é uma enzima chamada lipase, que deixa impróprio para uso animal ou humano.

A Irgovel — Indústria Riograndense de Óleos Vegetais Ltda, de Pelotas/RS, possui uma capacidade instalada para processar 60 mil toneladas de farelo de arroz/ano, representando 30% da produção estimada de farelo em todo o estado. Da quantidade pro-

cessada resultam 50 mil toneladas de farelo estabilizado, nove mil toneladas de óleo bruto (50% refinado) e quatro mil e quinhentas toneladas de resíduos para uso industrial.

Desde a fundação, a empresa trabalha o farelo de arroz estabilizado, enquanto que dois anos depois (1974) entrou com a peletização. Entre as vantagens que este farelo apresenta sobre os demais, garante Ivanio Ramos Munhós, diretor geral do Grupo Amaral Brito, que pertence a Irgovel, podem ser destacadas as seguintes:

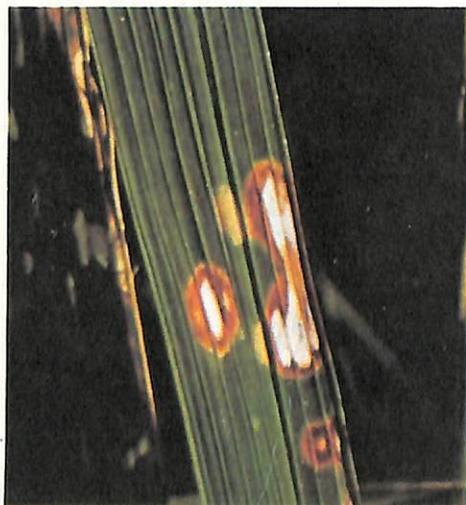
- * há uma concentração de proteínas de 33,3% a mais que no farelo bruto, ou seja, 1kg de farelo Irgovel equivale a 1,3kg do farelo bruto, com o preço igual de venda;

- * existe uma concentração de nitrogenados de 20% a mais no farelo estabilizado;

- * por ser estável, o armazenamento pode ocorrer por tempo indeterminado, sem risco de rancificação como o farelo bruto.

Em gestantes, o farelo de arroz aumenta a lactação

Para Munhós, tem aumentado consideravelmente a utilização do farelo de arroz estabilizado e peletizado na alimentação de suínos, bovinos (corte e leite), eqüinos e aves. Já nas formulações de rações, destaca, substitui com grande resultado o milho, a soja e a aveia. "Há apenas uma pequena necessidade de complementação com sais minerais, cálcio, zinco e cobre".



Lesões causadas pela temível brusone na folha de arroz

Nutrição humana — Estudos recentes nos Estados Unidos, Europa e Japão indicam que o farelo de arroz estabilizado é excelente alimento em uma dieta de nutrição adequada que envolva baixo nível de colesterol. Segundo Munhós, o farelo estabilizado é rico em fibras (mais do que a aveia), potássio, ferro, proteína, vitamina "E", além de outras essenciais. E nos EUA são inúmeras as receitas indicando este produto na confecção de pães, massas, tortas, sopas e farinhas enriquecidas".

A Irgovel está em contato com as universidades de Campinas (Unicamp) e de São Paulo (USP), buscando informações técnicas sobre as propriedades benéficas do farelo de arroz estabilizado. Os pesquisadores destas universidades, em trabalhos junto às populações carentes no nordeste brasileiro, informaram que este farelo, acrescido à dieta alimentar, contribui para a melhora da mesma em muitos aspectos, como:

- * o aumento do peso em crianças logo nos primeiros dias;

- * sobe a resistência a infecções intestinais e respiratórias, com a melhora do estado geral dos menores;

- * na gestantes, o farelo incrementa a capacidade de lactação;

- * na Amazônia, uma mistura deste produto com farinha de mandioca tem comprovado elevado nível de nutrição em carentes.

Óleo de arroz — A Irgovel, além de industrializar o óleo bruto de arroz e ácidos graxos destilados para fins industriais, produz o óleo de arroz de marca Carreteiro, como também é responsável pela extração, refino e envazamento do óleo de arroz Tio João. Em função de sua baixa concentração no farelo, é extraído por meio de solventes, em instalações apropriadas da empresa, com a obtenção na primeira fase do óleo industrial. Posteriormente, é submetido a uma série de tratamentos, tais como a degomagem, neutralização, interização, clarificação e desodorização, com a finalidade de eliminação das impurezas contidas no óleo industrial e, desta maneira, torná-lo apto ao consumo humano.

O óleo de arroz é composto de 80% de ácidos graxos insaturados, dentre os quais se destacam os ácidos oleico (40%) e linoleico (36%). Pes-

quisadores das Universidades de Harvard, Lowell e Tufts, todas dos EUA, confirmaram que o óleo de arroz refinado tem a propriedade de reduzir em até 40% os níveis de colesterol total em animais, cujos testes foram procedidos em 18 meses. Os estudiosos não souberam identificar que compostos, pertencentes ao óleo, eram responsáveis pela diminuição do colesterol. No Japão, observa-se, igualmente, uma média bastante baixa de colesterol no sangue das pessoas que consomem o óleo de arroz com frequência.

FARELO DE ARROZ CRU

COMPOSIÇÃO MÉDIA

Umidade	10,00%
Proteína	12,60%
Gordura	12,00%
Fibra	9,20%
Cálcio	0,17%
Fósforo	1,85%
Cinza	8,60%
Energia	68,00%

Fonte: Purina Nutrimentos

Quando a carga de matéria-prima chega na fábrica de ração, como por exemplo o farelo de arroz, uma amostra do carregamento precisa ser examinada em laboratório. Este procedimento vai indicar os níveis de gordura, proteína, fibra e cinzas, elementos indispensáveis para a correta formulação de uma ração. De uma maneira geral, tais exames demoram de 4 a 10h, e como os fabricantes não têm estoques, em seguida começam a trabalhar no material, mesmo desconhecendo as taxas exatas dos componentes em questão. Somente depois que alguns "quilinhos" foram processados é que saberão se formularam de forma correta ou aproximada.

Há cerca de três anos, a Purina Nutrimentos, especializada na fabricação de rações balanceadas e produtos veterinários, adquiriu no exterior um equipamento que precisa de apenas 25s, após a amostragem, para fornecer os teores da mesma. As oito unidades da empresa estão dotadas com o "Infra-Alizer 450", que em pouquíssimo tempo dá uma análise completa de qualquer matéria-prima, através de raios infravermelhos.

Em outros tempos, assegura Sérgio Augusto da Silva, responsável pelo

LEITE ESTERILIZADO ELEGÊ, Integral, Semi Desnatado e Desnatado,



o trio natural sem bactérias, sem aditivos e conservantes, que fará você não querer saber de outro leite.

QUALIDADE



Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda.

Av. das Indústrias, 720
CEP. 90200 - Porto Alegre - RS
Fone: (0512) 42.13.66
Fax: (0512) 42.18.01
Telex: (051)3134

ESCOLHA PELA MARCA.



ARROZEIRA
19.7

PLANTIO DIRETO SOBRE TAIPA

Molas de grande curso, para plantio sobre taipas;
Rotores de aço fundido temperado para distribuição de semente;
Anéis controladores de profundidade dos discos-duplos;
Depósito de semente maior e rodas articuladas.



TECNOLOGIA EM
PLANTIO DIRETO

FANKHAUSER[®]
A MARCA QUE FAZ A DIFERENÇA

MULTIDÉIAS



A maior riqueza do arroz está no farelo

controle de qualidade da Purina, era feita uma análise por histórico, como procedem ainda os concorrentes. “Este aparelho está proporcionando uma garantia que antes só era possível após um mínimo de dez horas para que houvesse a certificação que os níveis estavam dentro do exigido. E sem contar, que nos laboratórios, os testes são feitos por pessoas, portanto,

passíveis de falhas e com certa margem de erro”.

De acordo com Sérgio, a ração da Purina não é a mais cara, mas sim a mais competitiva. De nada adianta alimentar os animais com uma ração de baixa qualidade — mais barata — porém não dará o retorno desejado pelo criador. “Temos uma segurança na formulação que permite saber exata-

mente o que entrou na composição de determinada ração, sempre em função dos níveis nutricionais exigidos pela espécie a que se destina o alimento. Não adianta incrementar muito o nível de nutrição de uma ração, pois esta acabará fugindo do poder de assimilação animal. Então, precisamos saber o que estamos fazendo”.

Qualidade — Durante todo ano a Ernî Griebeler Ltda, de Camaquã/RS, comercializa os subprodutos do arroz, entre os quais se destaca o farelo, que desde 1970 era destinado à fabricação do óleo. Nos últimos dois anos, toda produção é voltada para o fabrico de rações. Nos engenhos modernos, conta Alexandre Becker, gerente administrativo da empresa, se consegue um farelo de melhor qualidade, uma vez que os quebrados — quierinha e casca — são separados automaticamente. Desta maneira é obtido um produto de melhor qualidade, com maiores índices de proteína e gordura, preferido pelas indústrias de óleo e ração.

“Quando existe dúvida na qualidade do farelo”, explica Alexandre, “mandamos para o laboratório, pois as fábricas exigem certos níveis de nutrientes”. Em função da origem do produto, é possível ter uma idéia de sua qualidade. “Inclusive pelo simples toque ou visualmente se nota a aspereza do farelo, que quanto menor, mais puro”.

COM A NOSSA UNIÃO QUEM GANHA É VOCÊ.

A Agronatura sementes e a Fida Calcário se uniram para que você possa agora, ter todas as condições de aumentar sua produtividade.

Trabalhos científicos comprovam que a calagem aumenta o rendimento e, através do seu efeito residual, possibilita uma perfeita integração com pastagens leguminosas, aumentando o valor proteico e o controle do arroz vermelho, inços de resteva.

Na próxima safra una-se a nós para você obter ótimos resultados em sua lavoura.



Irmãos Ciocari & Cia. Ltda.
Av. Pinheiro Machado, 239
Cx. Postal, 45



BR 116 - KM 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Valpirio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (0512) 28-3407

*Fazendo as contas,
a lavoura irrigada é
sempre mais cara*

Rio Grande do Sul — O berço do arroz irrigado está em território gaúcho. A safra brasileira 90/91 atingiu 9,7 milhões de toneladas, dos quais 35% no RS, ocupando o primeiro lugar na produção e o quinto em área cultivada. Por outro lado, o arroz de sequeiro dá um verdadeiro "banho" no irrigado quanto à área, com 9 milhões/ha contra apenas 1 milhão/ha (800.000 no RS). A qualidade do produto irrigado é indiscutível, porém, como diz o velho ditado, tudo ou quase tudo que custa caro tem que ser melhor. Pelo menos em termos de arroz é real.

A lavoura arrozeira irrigada apresenta, no final das contas, um custo altíssimo por necessitar de insumos, sementes, energia, combustível, bombas para recalcar a água e maquinário. A sincronia de todos estes fatores responde por produtividades que oscilam entre 5 a 7.000 kg/ha, níveis que chegam os grandes empresários arrozeiros.

No Brasil Central, a história muda de figura, pois o contexto é outro. Lá predomina o arroz de sequeiro, onde o objetivo maior é a pecuária. O grão de arroz é mais uma fonte de renda e de baixo investimento, já que não dispensa maiores gastos de implantação. Por isso, a produtividade é baixa, mas com qualquer condição climática — chuva, umidade ou seca — a colheita não é inferior a mil quilos por hectare.

Enquanto o irrigado requer uma média de 100 dias de bomba injetando água para manter uma lâmina permanente até a formação do grão, o sequeiro é bem diferente. Por serem usadas variedades rústicas — bem menos produtivas —, faça chuva ou sol, lá vem o arroz. Caso a área seja baixa, melhor ainda, sendo comum o incremento com pastagem, colhendo-se o grão e permanecendo o capim para o gado.

Genética — O Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) que, desde o dia 11 de janeiro de 1939, atua na área de pesquisa e experimentos com arroz é responsável pela elevada produtividade, saindo dos 4.000kg/ha da safra 85/86 para a média atual de

SEMENTES DE FORRAGEIRAS



- Festuca
- Pensacova
- Trevos
- Ervilhaca
- Cevadilha
- Centeio
- Cornichão
- C. lanudo

coronatura
SEMENTES

Av. Júlio de Castilhos, 159 - s/404 - POA - RS
Fone: (0512) 28-3407 - Fax: (0512) 25-7603

RATOS? ACABE COM O PROBLEMA

Aparelho ultra-sônico com tecnologia japonesa, sem similar no Brasil. Disponível em três modelos para proteção em áreas de 150, 700 e 1.400 m².

BRASTEC INSTRUMENTAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.
Rua Jacira Rocha, 312
CEP 02521 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 856-9854/858-6383
Telefax: (011) 265-9897



Máquina Portátil para fechar boca de sacos.

- Para sacos de juta, papel, plástico algodão e propileno.
- Grande economia de mão-de-obra.
- Corte automático do fio.
- Peso líquido: 4,9 kg.



MATISA S.A. Av. Maria Buzolin, 520
Tel. (0194) 42-5233
MAQUINAS DE COSTURA E FAX: (0194) 42-5133
EMPACOTAMENTO CEP 13480 - Limeira - SP

Plantágil®

Canteiros Móveis Suspensos

Para mudas de:
Hortaliças, ornamentais, citrus, café, pinus, eucalipto e outras.

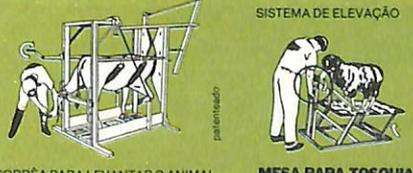


- PRÁTICO
- ECONÔMICO
- REUTILIZÁVEL

Plantágil Comercial Agrícola Ltda.
Av. Presidente Altino, 192 - Jaguaré
05323 - São Paulo - tel.: (011) 869-7499
Atendemos todo o Brasil

VEVURKA
EQUIPAMENTOS PARA PECUÁRIA

SISTEMA DE ELEVAÇÃO



CORRÊA PARA LEVANTAR O ANIMAL MESA PARA TOSQUIA

GUARAPUAVA - PR - (0427) 23-4343
SÃO PAULO - SP - (011) 62-4391
FORTALEZA - CE - (085) 244-7787

APLICAÇÃO DE HERBICIDAS?
CDA ULTRA BAIXO VOLUME EM PULVERIZAÇÃO

"Kits" de Bicos Rotativos adaptáveis na barra dos pulverizadores.

- Reduz em 10 x o volume de água na mistura = 10 x mais autonomia
- Reduz em até 50% o consumo do defensivo



EXART IND. E COM. LTDA.
Rua Vapabussú, 189 - CEP 04632
São Paulo - SP
Tel.: (011) 542-4362 - Fax: 531-1412

"Vendo sementes de árvores exóticas e nativas. Eucaliptos, Pinos, Ciprestes, Ipê amarelo, Ipê roxo, Cedro, Araucária, Uva do Japão, Braçaatinga e outras.

Engº Agrº ERNANI G. DIENSTMANN
Praça João Corrêa, nº 57/12
CEP 95680 - Canela - RS
Tel.: (054) 282-1909

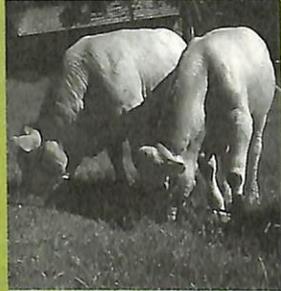
Aceitamos pedidos pelo reembolso postal".

DISQUE
(90512) A COBRAR
33-1822

Saiba as vantagens de assinar **a granja**

OPORTUNIDADE
MARCHIGIANA
A raça gigante ideal para cruzamentos

Tourinhos de 6 a 14 meses de idade, de mães e pais altamente selecionados, estão à venda.



RANCHO CENTÁURUS

Informações:
Fone: (0512) 33-2544
Porto Alegre/RS

PARA ANUNCIAR AQUI DISQUE PARA:

RIO GRANDE DO SUL E
SANTA CATARINA (0512)33 1822
PARANÁ (041)222 1766
SÃO PAULO (011)220 0488
RIO DE JANEIRO (021)256 8724
BRASÍLIA (061)225 6448 e 225 5934

Calor Humano.

A quarta estrela dos Hotéis Ouro Verde e Climax.



Os Hotéis Ouro Verde e Climax têm, em conjunto, 203 apartamentos acarpetados, com telefone, geladeira, TV a cores, som e ar condicionado. O máximo em conforto nas suítes executivas e nupciais. Cinco salas equipadas para reuniões. Dois restaurantes com atendimento à La Carte. Serviço de copa 24 horas por dia. Garagem automática anexa. E tem mais: o calor humano de quem sabe receber com classe. Ouro Verde e Climax. Venha conferir a hospitalidade.



ouro verde hotel

Tipo H - Reg. EMBRATUR 02094-00 - 21 - 1
Rua Dr. Murici, 419 - Fone (041) 224-1633
Telex: (041) 6571 - Curitiba - PR.



Climax Hotel

Tipo H - Reg. EMBRATUR 02132-00 - 21 - 3
Rua Dr. Murici, 411 - Fone (041) 224-3411
Telex: (041) 5966 - Curitiba - PR.

Empresas do Grupo Sabóia Hotéis e Turismo Ltda.

EMERGÊNCIA

SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA? NÃO ESPERE MAIS.

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde, para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS

Faça um contato conosco.
A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



SERVIMED
SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944
Fones: 24.3333 - 27.2666
Av. São Pedro, 1201
Fone: 42.4242
Porto Alegre - RS

5.100kg/ha. A diferença em área plantada do irrigado para o sequeiro é realmente enorme: 800.000ha contra 30.000ha.

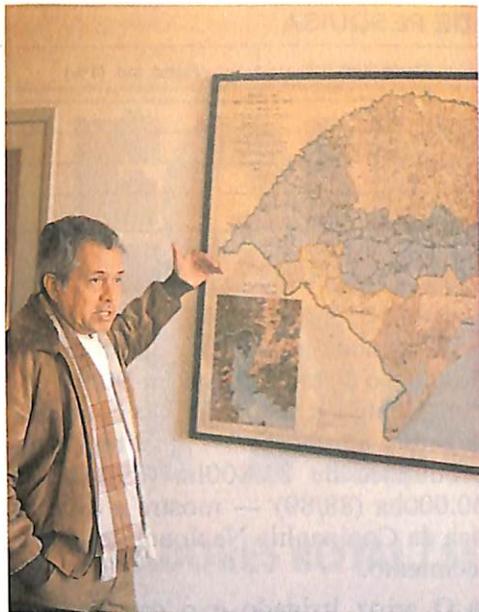
O coordenador de pesquisa do Irga, Brasil Aquino Pedroso, comentou que as variedades de arroz plantadas no Estado são as denominadas de "tipo moderno", com potencial genético capaz de atingir 10 toneladas por hectare. O porte baixo ou médio, folhas eretas e alta capacidade de grãos longos e finos característicos. O fluxo de material genético provém do Instituto Internacional do Arroz (Filipinas) e do Centro Internacional de Agricultura Tropical (Colômbia). "Nós usamos este material de fora e o adaptamos às condições locais — como em outros centros —, adicionados ainda de um leve toque do americano, que prima pela qualidade".

O sistema adotado no RS para o plantio é o convencional, o que significa semente e solo secos. A época recomendada pela pesquisa vai de 15 de outubro a 15 de novembro. Com a brotação do arroz chega junto o mato, que é preciso ser controlado para entrar a água. Esta permanecerá até o encerramento da colheita, em 15 de abril.

O produtor não pode adiantar o plantio, explica Pedroso, porque o solo estaria frio, prejudicando a emergência e o desenvolvimento inicial da plantinha. Atrasando a semeadura, em função do calor haverá um maior crescimento, porém, ao chegar na fase crítica, na formação do grão, poderá ocorrer frentes frias (março/abril), com sérios danos. "Assim, é importante obedecer a época ideal, sob pena de baixar a produtividade", aconselhou.

*10 a 15 anos para
gerar uma variedade
é suicídio*

Três homens — Nos últimos dez anos, o Rio Grande do Sul deu um verdadeiro salto em qualidade e quantidade na área arrozeira, conta Pedroso. Dos 500.000ha até então cultivados, houve um incremento de 300.000ha, e com isto mais duas toneladas por hectare quanto à produtividade. "Isto é um avanço na história do mundo, já que nunca se teve notí-



Brasil Pedroso, do Irga: tipo moderno de semente tem capacidade para atingir 10t/ha

nal anda em torno de 95 sacos (4.773kg/ha), segundo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento-CNA.

O principal sistema de implantação dos arrozais desse Estado é através da semeadura de grãos-germinados em quadros inundados, método que ocupa 90% da área. Os 10% restantes são realizados com semeadura em linha no solo seco, e a irrigação, neste caso, inicia após 40 dias do plantio. O coordenador do Projeto Arroz da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária-Empasc), engenheiro agrônomo Moacir Schiocchet, disse que os cultivares utilizados são o cica — 8, empasc 101, 102, 104 e 105, IR — 841, BR/irga 409 e 410, estes dois últimos do Rio Grande do Sul. No entanto, as responsáveis pelos elevados rendimentos são o cica — 8 e os empasc 101 e 105.

A brusone (*Pyricularia oryzae*) é a principal doença do arroz “barriga verde”. Para Schiocchet, quando ela surge, pode provocar enormes danos no rendimento dos grãos. Mesmo sob esta ameaça, é muito pequeno o número de produtores que praticam qualquer tipo de controle químico desta doença. Por isso, explica o pesquisador, a recomendação de cultivares resistentes, ou mesmo tolerantes, é uma das principais preocupações do melhoramento. Por outro lado, em relação a plantas daninhas, na cultura do arroz irrigado, estão o arroz-vermelho, o preto e o capim-arroz (*Echinochloa crusgalli*). “Os prejuízos, em muitos casos, podem ultrapassar 80% do rendimento de grãos de arroz” alerta.

A ausência de alternativas economicamente viáveis, somada a condições climáticas contrárias e a indisponibilidade de área, não permitem que o produtor catarinense faça a rotação de culturas, sendo obrigado ao plantio sistemático do arroz ano após ano. A exceção está nas criações de marrecos e peixes que, embora em pequena escala, começam a gerar mais um ganho na propriedade.

Já o arroz de sequeiro, mesmo contando com cultivares bem mais tolerantes a adversidades ambientais — deficiência hídrica ou solo pobre em nutrientes —, apresenta menor produ-

ção de algo assim, tudo em decorrência da pesquisa. Novas variedades foram colocadas à disposição do produtor, fruto do trabalho de melhoristas”.

Os níveis de mecanização da lavoura gaúcha são os maiores em termos nacionais, o que a torna mais segura, estável e produtiva. Há alguns anos era necessário um exército de trabalhadores no campo entre 40, 50 e até 100 pessoas. Hoje, com apenas três homens, se colhe uma plantação, seja do tamanho que for, diz Pedroso.

A tendência da agricultura moderna, acredita Pedroso, é virar uma gama de alternativas. “Então, teríamos a propriedade como uma empresa, com arroz, milho, soja, as pastagens e a pecuária. Deixar o campo parado de abril a outubro para o que der e vier, abandonado, não é mais concebível. Para que isso seja viável, os centros de pesquisa também precisam acompanhar este ritmo. Nós, aqui no Irga, estamos sucateados. Precisamos evoluir, carecemos de equipamentos. Não podemos mais ficar dez a 15 anos para gerar uma variedade. Ainda mais agora com a integração do Cone Sul”, alerta.

Santa Catarina — Na safra 90/91, as lavouras catarinenses de arroz irrigado registraram a média acima de 5.000kg/ha.

Este patamar, além de a colocar em destaque no cenário nacional pela alta produtividade, a equipara entre os maiores expoentes mundiais. Em algumas plantações, houve produtores que atingiram rendimentos de até 220 sacos (11.000kg/ha). A média nacio-

80 CANAIS

PRODUÇÃO EM ALTA VELOCIDADE



IMPORTED
JAPAN

SATAKE

SELETORA DE ARROZ
DE ÚLTIMA GERAÇÃO

- 60 e 80 canais em 1,55m
- Altíssima sensibilidade
- Seleção em duplo estágio
- Alta produtividade — até 200kg canal hora
- Operação simples
- Regulagem total em um único canal
- Limpeza automática
- Tecnologia japonesa de ponta

Conheça a linha completa de equipamentos SATAKE.
Maior produtor de máquinas para engenho de arroz do mundo.



Consultoria e Comércio Exterior Ltda.
Sete de Setembro, 102. Fone (0532) 27.1322
Telex: 531.091 Fax 25.0119
PELOTAS-RS

Faça como a ARGUS, troque para SATAKE

RENDIMENTO MÉDIO DO ARROZ IRRIGADO EM 3 ANOS DE PESQUISA

Variedade	Rendimento pesquisa (t/ha)	Rendimento produtor (t/ha)	Ciclo (dias)	Porte (cm)	Rend. ind. (1%)
Cica - 7	7,0	4,0 a 5,5	100/110	102	66
Metica - 1	7,6	4,0 a 5,5	100/110	100	66
Cica - 8	8,8	4,0 a 6,0	120/130	111	68

Fonte: Emapa



ção e uma qualidade industrial inferior quando comparado ao irrigado. Na presente temporada foram cultivados 43.000ha, proporcionando 36.000t, com produtividade de 837kg/ha.

São Paulo — O Instituto Agrônomo de Campinas-IAC, há mais de 40 anos desenvolve um programa de melhoramento do arroz na busca de novos cultivares, sejam para o sistema irrigado ou outros meios de cultivo. E dentro desta linha de estudos está o que visa a resistência genética contra a brusone (*Pyricularia oryzae*), considerada a principal doença na atividade orizícola paulista. Ela afeta todas as partes aéreas da planta.

De acordo com o pesquisador Luiz Ernesto Azzini, do IAC, as perdas de produção decorrentes desta enfermidade atingiram 9,3%, numa média de cinco anos de observação em todo Estado, podendo em alguns casos chegar até mesmo em 100% de danos. O controle mais indicado para este mal está na genética. Porém, todos os cultivares recomendados, atualmente, para plantio em SP, são suscetíveis ou moderadamente suscetíveis à doença. “Havia resistência à época do lançamento da cultivar”, frisou.

Em relação a outras enfermidades,

que o produtor paulistano enfrenta na lavoura de arroz, temos as seguintes: mancha-parda (*Helminthosporium oryzae*); a escaldadura-da-folha (*Rhynchosporium oryzae*); mancha-estreita (*Cercospora oryzae*); queimadas-bainhas (*Thanateforus cucumeris*) e manchas de sementes, decorrentes de um complexo de microorganismos onde se destacam *Phoma sorghina* e *Helminthosporium oryzae*. A mancha vem se agravando nos últimos tempos, atesta Azzini, e freqüentemente atinge proporções epidêmicas quando a emissão das panículas (cachos) coincide com os períodos de chuvas contínuas.

Números — A Companhia Nacional de Abastecimento mostra que, na safra 90/91, foram plantados 198.000ha, dos quais 178.000ha de sequeiro (264.000 toneladas para 1.483ka/ha) e 20.000ha no irrigado (80.000 toneladas com 4.000ka/ha).

Rio de Janeiro — Concentrada na região norte fluminense, a cultura de arroz chega a absorver um contingente aproximado de 20.000 pessoas. É uma atividade econômica desenvolvida em seis bacias hidrográficas principais, onde 12 municípios representam

Raimundo Soares Santos, da Emapa: testando o cultivar Cica 8, irrigado

Sequeiro: a maior área cultivada no Brasil

nada menos do que 90% da produção de todo o Estado. Na safra 90/91 foram plantados 15.000ha, ao contrário de anos anteriores — que registrou produções de 23.800ha (89/90) ou 30.000ha (88/89) — mostra a estatística da Companhia Nacional de Abastecimento.

O arroz irrigado é o carro-chefe, sendo cultivado em 14.500ha, enquanto o de sequeiro ficou, neste último período, com apenas 600ha. A produtividade anda na faixa dos 3.716kg/ha no irrigado e 1.454kg/ha no seco. O pesquisador Aldo Bezerra de Oliveira, da Empresa de Pesquisa Agropecuária do RJ-Pesagro, diz que os processos mais viáveis de cultivo ficam com as capinas manuais em áreas tradicionais. “Mas já se começa a observar a utilização de herbicidas, processo adotado na baixada litorânea em áreas com maior índice de mecanização.”

Embora exista uma redução da área de cultivo, há o ganho em produtividade, com exceção no sequeiro. E este crescimento é devido às linhagens do chamado “grupo moderno” de va-



EQUIPAMENTOS PARA ARROZ.

SECADORES ROYAL / SECADORES KW-R / SECADORES FARM / SILOS ESPECIAIS

SE VOCÊ NÃO QUER FICAR NO ARROZ COM FEIJÃO, LEIA ESTE ANÚNCIO.

Super safra. Safra grande. Safra média. Ou pequena. Tanto faz. O que a Kepler Weber quer mesmo é que você não fique a ver o quanto os outros vão ganhar. Mas, sim, o quanto a sua

safra vai render com a melhor secagem e armazenagem. Aquela que conta com os equipamentos da nossa marca e que tem os planos mais flexíveis de negociação.

SECADORES ROYAL SR 2305 E 2310

Fluxo concorrente, secam 10 e 20 t/h e permitem o resfriamento do arroz com menor índice de quebra dos grãos. Com três câmaras de secagem, representam o menor consumo de energia por tonelada processada.

SECADORES KW-R

Em quatro versões, secam 20, 40, 60 ou 100 t/h para peso específico 0,75 t/m³. Econômicos, exigem menor potência instalada, consomem menos combustível e utilizam menor espaço para instalação, além de reduzirem a poluição sonora e atmosférica.

SECADORES FARM 250 E 500

Para instalações de pequeno porte, são dimensionados para secar 250 e 500 sacos por carga. Estes secadores também podem ser instalados ao tempo.

SILOS ESPECIAIS PARA ARROZ

Silos de construção mais leve, moduláveis, exclusivos para arroz, proporcionam a armazenagem por um período maior, com redução do investimento inicial.

KEPLERWEBER

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

Panambi: (055) 375.2322 • Porto Alegre: (0512) 41.1044 • Cascavel: (0452) 23.0323

São Paulo: (011) 288.2122 • Goiânia: (062) 281.2888 • Campo Grande: (067) 742.3013 • Cuiabá: (065) 322.0382

CRUZAR, VACINAR, ALIMENTAR,
SUPLEMENTAR, CUIDAR,
ABATER, CORTAR.

Os Briguetes de Carvão Vegetal BRIKET, chegaram para facilitar o preparo do seu churrasco.

- Não produzem fumaça ou labaredas
- Maior rendimento
- Homogêneos e contínuos
- Alto poder calorífico

À Venda nos melhores supermercados e postos de gasolina.

Fones: (011) 790-0880/0860 - 815-3336



APPC

E NA HORA DA FESTA, ESTRAGAR TUDO COM UM CARVÃO QUALQUER?



**FERRO... NÃO!!
 USE CERCA PLÁSTICA!!**

- Avicultura
- Piscicultura
- Cercas

LINHA AGRO

- Filme Agrícola
- Mulshing
- Lona
- Sombreamento

Direto da Fábrica - Preços Especiais

Informações e vendas

9(011) 709-1277 (ligação gratuita) - Telex: (011) 71275 NTNE

Fax: (011) 709-1490

NORTENE®



riedades, tais como a pesagro 101, 102, 103, 104 e 105; metica e inca 4440. Estas são acompanhadas de outras tecnologias geradas pela Pesagro, decorrentes à época de semeadura, formação do viveiro, idade de mudas no transplante, número de mudas por cova, espaçamento e tratamentos culturais.

Os cultivares anteriores, além de apresentarem baixo potencial de produção, sintetiza Oliveira, possuem características agrônômicas desfavoráveis; como porte alto, o que os torna vulneráveis ao acamamento; péssima qualidade dos grãos, o que dificulta a venda nos mercados mais exigentes, caso da região do Grande Rio. Em relação a doenças, há o aparecimento de cercosporiose e brusone nas baixadas litorâneas, quando cultivadas as variedades suscetíveis. Quanto a invasoras e inços, foram coletadas 157 qualidades, pertencentes a 104 gêneros e 32 famílias botânicas, entre as quais as gramíneas e leguminosas apresentaram elevada quantidade de espécies.

Mato Grosso do Sul — A carência de tecnologia mais as condições climáticas adversas são as responsáveis pela baixa produtividade dos arrozais sul-mato-grossenses. A área semeada na safra 90/91 ficou em 23.500ha para o grão irrigado e 83.500ha no sequeiro. As produtividades, segundo a CNA, respectivamente, situam-se em 3.829kg/ha e 1.365kg/ha, totalizando 107.000ha para 204.000t, com média de 1.906kg/ha.

A Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural no MS-Empaer, ao estudar as diferenças entre o arroz irrigado e de sequeiro, constatou o seguinte: irrigado - grãos finos e longos, com potencial de 7.500kg/ha, para produtividade média de 3.700kg/ha; sequeiro - grãos geralmente curtos e com espessura mais grossa. O potencial fica em 2.500kg/ha, porém o produtor só consegue atingir 1.350kg/ha.

A época de semeadura vai de outubro a dezembro, sendo que o sistema de plantio convencional em linha requer um espaçamento de 50cm, com uma densidade de 60 plantas por metro linear a uma profundidade de 3cm. As variedades de sequeiro mais cultivadas são a "rio paranaíba" (ciclo médio, florescendo ao redor de 100 dias após semeadura, podendo ser co-

lhida aos 130-135 dias com rendimento de 2.160 kg/ha e "guarani" (ciclo curto, nasce entre 75 e 90 dias depois de plantada, com o colhimento a partir de 105-115 dias, e rendimento de 2.500kg/ha).

De acordo com o pesquisador Ambrósio Galate Imbelloni, da Empaer, as variedades rio paranaíba e guarani têm a preferência do produtor do MS, por apresentarem os maiores índices de rendimento. Em seguida vem a IAC-47, de ciclo médio e rendimento de 2.100kg/ha; e a IAC-25, com ciclo curto e produtividade de 1.800kg/ha.

As dores-de-cabeça do arrozeiro sul-mato-grossense ficam com as doenças decorrentes da brusone, a helmintosporiose ou mancha-parda e a cercosporiose ou mancha-estreita. No campo de invasoras destacam-se a guaxuma, caruru, capim-colchão ou milhã, capim-marmelada e o junquinho.

Plantio a lanço é o mais difundido no Estado do Maranhão

Maranhão — A Companhia Nacional de Abastecimento apurou, nesse Estado, na safra 90/91, uma área plantada com 767.000ha no arroz de sequeiro. A produção ficou em 1 milhão de toneladas e produtividade de 1.315kg/ha. No irrigado o quadro muda de figura, com apenas 4.000ha, numa produção de 15.000t, o que resul-



Takumi Yokokura, da Emapa: controlando o nitrogênio em arroz irrigado. Escala: cada espaço = 20cm

tou em 3.750kg/ha.

A forma de plantio a lanço é a mais difundida entre os produtores maranhenses, efetuada por meio do distribuidor de calcário ou manualmente, com 120-150kg/ha de sementes. Este sistema de cultivo é realizado depois da primeira gradagem, sendo, em seguida, as sementes incorporadas ao solo com uso de uma grade niveladora de arrasto aberta um ponto. O próximo passo é a passagem do rolo destorreador, enchendo-se as taipas imediatamente em curvas de nível. Assim, a área está no ponto para receber a primeira irrigação visando à germinação.

O pesquisador Raimundo Soares Santos, da Empresa Maranhense de

Pesquisa Agropecuária (Emapa) disse que, a partir da emergência, até cerca de 20 dias, ocorre o ataque da vulgarmente chamada de pulga ou piolho (*Chaetocnema* sp). "Nesta fase, a praga mais importante sob o ponto de vista econômico é o conhecido como chupador, frade ou cangapara (*Tibraca limbativentris*). E do perfilhamento à floração podem aparecer a lagartados-milharais (*Spodoptera frugiperda*), curuquerê-dos-capinzais (*Mocis latipes*), a bicheira-da-raiz (*Oryzophagus oryzae*) e, no final, o ataque do *Oebalus poecilus*, isto é, o voador, fede-fede ou chupão dos grãos.

Nas variedades recomendadas pela pesquisa do Maranhão não foram verificadas qualquer tipo de doença, garante o pesquisador Takumi Yokokura. No entanto, explica, caso venha ocorrer, a Emapa dispõe de materiais semelhantes para substituir qualquer uma. Em relação a ervas daninhas, há no início da exploração de uma área o aparecimento de uma gramínea, o capim-açu, com algumas ilhotas de juncos (*Scirpus* spp) e algodão-bravo (*Ipomea fistulosa*).

Após o preparo do solo, o capim-açu desaparece naturalmente, sendo substituído pelo capim-cabelo-de-negro (*Cyperaceae fimbriatylis*). E com o decorrer dos anos, brotam outras *Cyperaceae*. "Todas estas invasoras mencionadas são controladas, com exceção do capim-macho. Quanto ao incremento de produtividade, acreditamos que a alternativa mais viável se-



A MUTTONI REALIZA SEU SONHO DE ONTEM

AMANHÃ DE MANHÃ.

TRADIÇÃO MUTTONI DESDE 1879

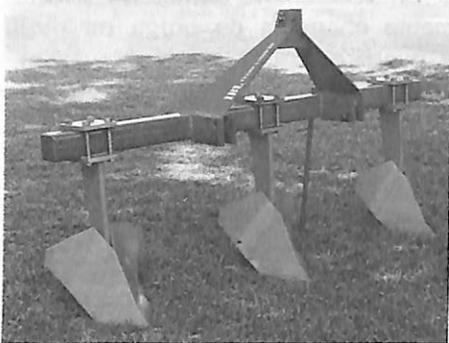
AS INSTALAÇÕES COMPLETAS MUTTONI OFERECEM QUALIDADE, RAPIDEZ E SEGURANÇA NO MANEJO COM BOVINOS, EQUINOS E OVINOS. TODOS OS ARTIGOS SÃO CONSTRUÍDOS EM MADEIRA DE LEI TRATADA. ASSESSORAMENTO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA. PROJETOS ESPECIAIS - MONTAGEM E INSTALAÇÃO EM TODO O BRASIL.

GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.

Fábrica: Rua Porto Alegre, 120 (BR 116, km 285) Fones: (0512) 80-1533 e 80-2764 - 92990 - ELDORADO DO SUL - RS.



SULCADOR IBL



Ideal para drenos, irrigação e plantio de culturas que exijam sulcos com largura e profundidades pré-determinadas.

Faz sulcos entrelinhas de milho com planta até 30cm. Ideal no plantio da batatinha.

IBL Industrial Busse

Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda.
Rua Cel. Jorge Frantz, 845
Telefone: (055) 359-1422 - Telex: HIBL 552576
CERRO LARGO - RS

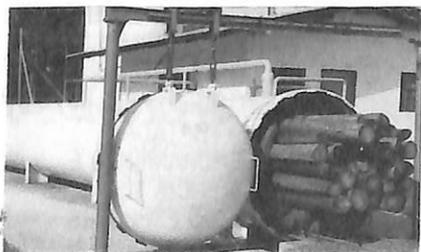
Usina de preservação de madeira sob pressão em autoclave

Postes, mourões, cruzetas e outros.

Serraria Industrial:

tábuas, guias, pranchas e pallets.

Viveiro florestal: mudas de eucalipto e pinus. Carvão vegetal e apicultura. Mel/Pólen



flosul

FLORESTAMENTO DO SUL LTDA.

Parque industrial: RS 040 Km 93 - Palmares do Sul
Escritório central: Av. Assis Brasil, 3966
Porto Alegre - RS - telefone: (PABX)
(0512) 44-5577 telex: (51)2853
COIN - fax: (0512) 44-5471

ria com a ampliação da área cultivada com arroz irrigado”, argumentou Yokokura.

As maiores concentrações vitamínicas, muitas vezes, estão na própria casca dos alimentos, que acabam não sendo aproveitadas pelo homem, como é o caso da laranja. E por incrível que pareça é, também, na casca do arroz que se encontram as elevadas doses de nutrientes. E para que estas fontes de riquezas não fossem simplesmente separadas do grão e, assim, desperdiçadas, surgiu um processo denominado de parboilização.

O chamado “arroz parboilizado”, uma palavrinha que costuma ser dita de forma errada (“parabolizado/parbolizado”...) ainda não faz parte do vocabulário de milhões brasileiros, — por ser um produto mais caro —, vem do inglês “partially boiled”, que significa parcialmente fervido. Os primeiros ensaios desta prática ocorreram há séculos, mais precisamente na Ásia, enquanto que, no Ocidente, os dados apontam a década de 40. Aqui no Brasil o pioneirismo coube ao Rio Grande do Sul, nos anos 50. De lá para cá, as estatísticas provam que apenas 8% do mercado nacional de arroz é parboilizado, consumido em quantidades razoáveis em determinadas cidades do RS, PR, RJ, BA e CE.

A obtenção atual do arroz parboilizado consiste em mergulhar o produto em casca na água potável em temperaturas acima dos 58°C, seguida de gelatinização parcial ou total do amido e secagem. Neste método, explica Antônio Rogério Ness, gerente técnico da Divisão Arroz da Olvebra Industrial, há uma eliminação de impurezas. O processo é caracterizado por três etapas:

Gosto diferente do parboilizado indica mais vitaminas e nutrientes

***Encharcamento** — O arroz em casca é imerso em água quente numa temperatura inferior à gelatinização do amido. Nesse momento, acontece a umidificação ideal do arroz, com a migração dos nutrientes para o interior do grão (endosperma amiláceo) entre 30 a 32°C;

***Autoclave** — O grão recebe um

tratamento com vapor, havendo a gelatinização do amido e, conseqüentemente, a fixação dos nutrientes que migram na fase anterior; e

***Secagem** — Ocorre em duas etapas, onde a primeira reduz a umidade superficial em até 18 a 20%, e a segunda, de forma intermitente, retornando o grão à umidade de 13%. Daí em diante, sofre o beneficiamento normal.

Vantagens — Quando comparado ao arroz comum, o parboilizado apresenta uma série de benefícios, entre os quais se destacam o maior valor nutritivo, a preservação das vitaminas, sais minerais e aminoácidos que penetram no interior do endosperma. Este tipo de arroz, conta Ness, contém 100% mais de tiamina (vitamina B1), com elevada vida de prateleira em decorrência da esterilização e inativação de enzimas. “Além disso, não fermenta no intestino, cozinhando mais fácil os grãos sempre soltos e inteiros com alto rendimento. Pode, ainda, ser utilizado para formulados com desidratados (consumo quase pronto)”.

Após o beneficiamento, o arroz parboilizado na Olvebra é submetido a um sistema de seleção eletrônica, conta Ness, com a total eliminação dos grãos escuros ou de coloração diferente da desejada, excluindo os possíveis defeitos do produto. “O parboilizado tem um sabor remanescente das vitaminas e nutrientes que permanecem no grão”, reforça.

Até 1988, existia no mercado o “arroz macerado”, o qual apresentava um mesmo esquema de encharcamento, só que à temperatura ambiente, num período entre 24 a 72h, seguido de secagem. Neste sistema, avalia Ness, poderia haver a fermentação e produção de toxinas termorresistentes, geradas por microorganismos do gênero *Aspergillus flavus*. Por outro lado, o parboilizado fica de “molho” no máximo 6h, sob condições de 60 a 65°C. Este tratamento com vapor elimina qualquer possibilidade de micróbios, os quais, na maceração, fermentavam e exalavam um odor de azedo, estragado.

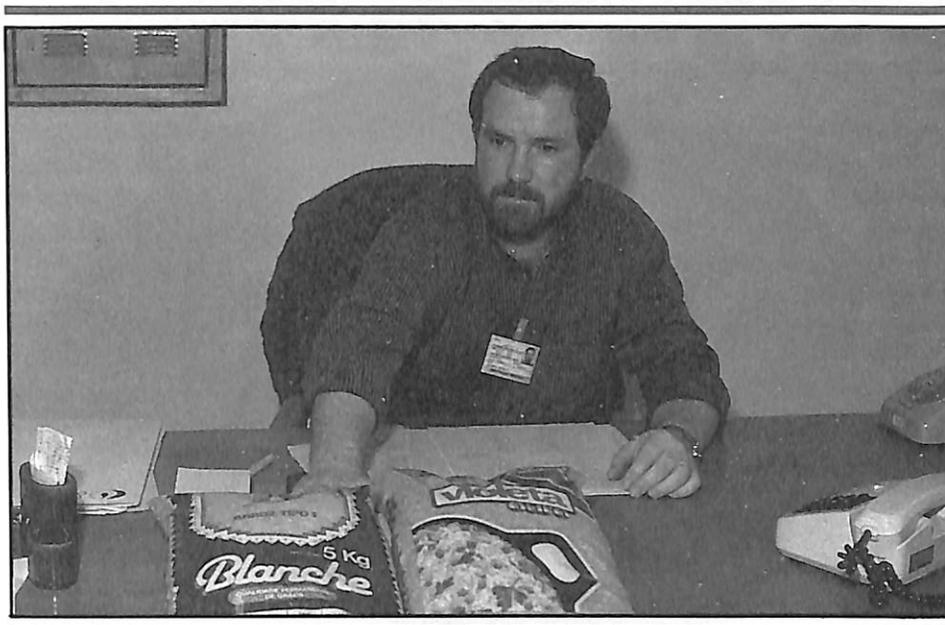
Já no arroz integral, a casca é retirada apenas durante o beneficiamento. O germe e as camadas interna e externa do grão são mantidas intactas. E como não foram inativadas as enzi-

mas, é passível de oxidações, tendo o produto final uma vida bastante restrita no que se refere à exposição em prateleiras, o que não acontece com o parboilizado.

O orizicultor está consciente de que, nos dias atuais, não é mais possível plantar num período e depois só retomar a área após cerca de dois a três anos. Este pousio era admitido em outras épocas, numa realidade totalmente diferente. É claro que o produtor não vai colocar o arroz em cima do arroz, uma vez que a rotação de culturas proporciona um retorno extremamente maior do que simplesmente deixar o campo nativo brotar sem qualquer cuidado ou preocupação, "tocando a boiada em cima" para liquidar com os inços que atrapalharão o futuro plantio.

Com a prática da diversificação, arroz X pastagens, o arrozeiro tem grandes vantagens. Porém, ele precisa repensar no aspecto da calagem, tendo em vista que tradicionalmente o uso do calcário ainda é um tanto restrito, embora haja estudos que comprovem o incremento de até 38% em três anos. A existência de fenômenos químicos que ocorrem no solo quando do alagamento das várzeas (caso do arroz irrigado), naturalmente, eleva o pH do solo ácido, estabilizando-o numa faixa próxima de 6,5%.

Para o engenheiro agrônomo Carlos Alberto Bissani, professor do Departamento de Solos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, se a área onde foi semeado o arroz não receber a correção com calcário, além da produtividade ficar um pouco aquém do esperado (já que po-



Antônio Ness, da Olvebra: parboilizado passa por uma temperatura de 58°C

deria ser aumentada), e havendo a intenção do produtor fazer a rotação de cultura, esta ficará comprometida. "Com a drenagem da várzea reaparecem os alumínio tóxicos e, desta forma, retorna a acidez ao índice natural. No consórcio com uma cultura exigente ou até mesmo menos, os níveis almejados de produção baixarão."

Entre os motivos que garantem uma resposta positiva à aplicação da calagem em lavouras de arroz estão o favorecimento do desempenho da planta no período da semeadura e os efeitos da inundação (60-70 dias); o calcário é fonte de cálcio e magnésio, nutrientes que podem estar em níveis limitantes no solo; além disso, a calagem promove, em parte, a insolubilização do ferro, podendo diminuir a toxidez deste elemento para o arroz.

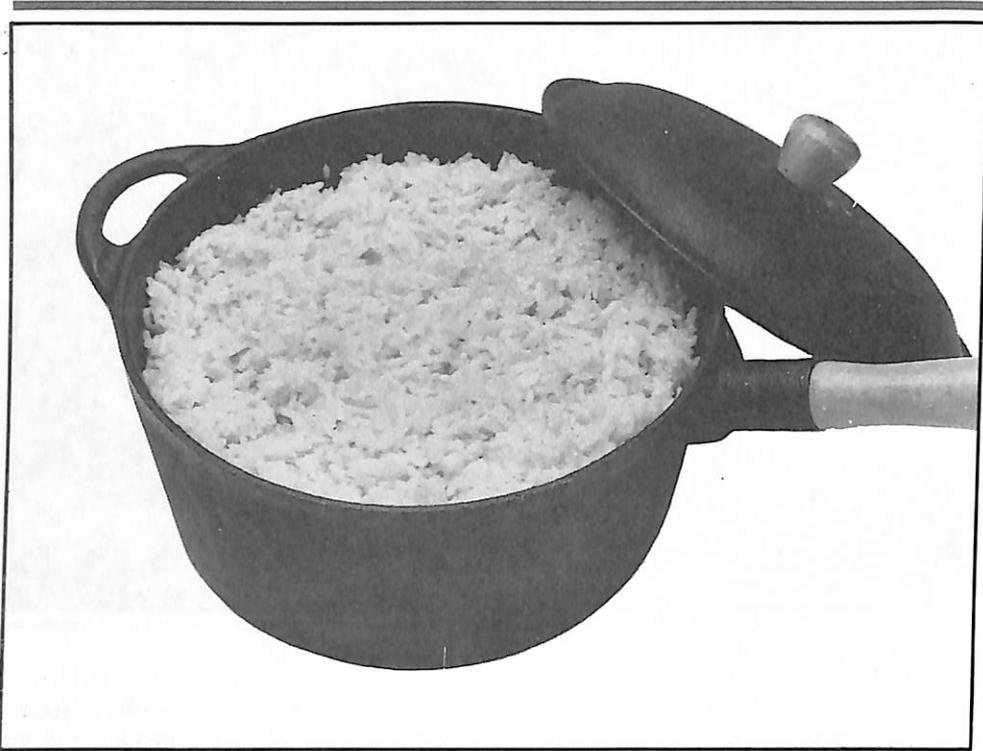
De uma forma geral, explica Bissani, em primeiro lugar o produtor deve proceder a uma análise do solo, pois assim irá estabelecer um plano para o uso correto da área, adotando práticas pertinentes ao que plantar ou dos sistemas a viabilizar. "Não há qualquer vantagem em tentar resolver o problema apenas de uma cultura em nível mais imediato. A calagem sempre deverá obedecer a espécie de maior exigência, isto é, do sequeiro. No caso do arroz X soja ou arroz X pastagens de trevo, estas serão o parâmetro em relação à recomendação da calagem".

A elevação do pH através do emprego de calcário em áreas de arroz, garante o engenheiro agrônomo Fernando Gimenez, da Agronatura Sementes com sede em Porto Alegre/RS, nas quais serão implantadas posteriormente, pastagens de leguminosas (trevo, cornichão), proporcionam uma elevada produção de massa verde. "Isso vai resultar em maior ganho de peso do gado mesmo em períodos críticos de carência alimentar, como no inverno".

Plano Plurianual — O diretor-executivo do Sindicato da Indústria e da Extração de Mármore, Calcário e Pedreiras no RS, Fernando Carlos Becker, afirmou que a construção da fertilidade do solo passa pela correção da acidez. E para tanto, o calcário é um dos elementos desta base, detendo os macronutrientes cálcio e magnésio, fundamentais à planta.

Durante o ano de 1988 foram feitas

PRODUTORES DE ARROZ COM RENDIMENTO P/HA SUPERIOR A 2.000kg - 90/91						
UF	ARROZ IRRIGADO			ARROZ SEQUEIRO		
	ÁREA 1.000ha	PRODUÇÃO 1.000t	kg/ha	ÁREA 1.000ha	PRODUÇÃO 1.000t	kg/ha
RS	800,0	4.080,0	5.100,0	30,0	20,0	666,7
SC	104,0	560,0	5.384,6	43,0	36,0	837,2
RR	4,0	16,0	4.000,0	0,0	0,0	0,0
RJ	14,5	53,7	3.716,3	0,6	0,8	1.454,5
AL	8,3	29,0	3.494,0	0,0	0,0	0,0
PE	6,0	24,0	4.000,0	3,0	5,0	1.666,7
ES	21,8	76,3	3.500,0	11,2	25,7	2.294,6
SE	7,5	22,0	2.933,3	3,8	11,0	2.894,7
CE	23,0	103,0	4.478,3	59,0	87,0	1.474,6
TOTAIS	989,1	4.964,0	5.018,7	150,6	185,5	1.231,7
Outros estados	183,0	630,9	3.447,5	2.907,8	3.993,4	1.373,3
BRASIL	1.172,1	5.594,9	4.773,6	3.058,4	4.178,9	1.366,4



O segredo do arroz está na água

mais de 50 mil análises do solo gaúcho, através dos laboratórios oficiais do estado, liderados pelo Departamento de Solos da UFRGS. A conclusão deste trabalho apontou a necessidade de 36 milhões de toneladas de calcário nas áreas agricultáveis do estado. Este volume, destacou Becker, seria colocado em cinco anos, tempo médio que ele precisa para reagir.

O ministro da Agricultura, Antônio Cabrera Mano Filho, quando esteve em março em Porto Alegre, recebeu da diretoria do Sindicato o "Plano Plurianual de Calagem", o qual prevê a colocação de sete milhões de toneladas do produto/ano. Hoje, continua Becker, o consumo no RS médio dos últimos 10 anos ficou por volta de 2 milhões. "Houve um ano que subiu para 2,6 milhões, mas em compensação em 90 foi de apenas 1,7 milhão. Neste ano, em decorrência da falta de dinheiro e conseqüente descapitalização do agricultor, acredito que será 40% abaixo do ano passado, ou seja, 1,1 milhão de toneladas".

O engenheiro agrônomo Irani Ciocari, diretor da FIDA/Calcário, em Caçapava do Sul/RS, assegura que nos últimos anos, embora com a dificuldade na liberação dos recursos à agricultura, o consumo de calcário na área orizícola tem aumentado, porém

em outras culturas isto não vem acontecendo.

No Brasil, existem três tipos de produtores de arroz

Uma das reivindicações do setor, há muito tempo, é que o dinheiro fique disponível ao longo do ano para que o produtor invista no calcário. "Este produto precisa ser colocado com antecedência na lavoura de, no mínimo, três a seis meses, para ir reagindo. E quando a semente for para a terra já vai encontrar o meio, pelo menos em parte, corrigido", finaliza Ciocari.

Arroz conjuntura — Uma avaliação ponderada do comportamento evolutivo tendencial da área cultivada e do rendimento físico da cultura do arroz no Brasil, que sirva de apoio para especulações sobre um primeiro prognóstico da produção a ser colhida, não pode valer-se exclusivamente de critérios estatísticos e modelos econométricos sofisticados.

Existem componentes subjetivos que devem ser levados em conta sob pena de comprometer seriamente todo o esforço analítico empreendido. A observação serve para alertar que não

se pode fazer uma estimativa de produção agrícola sem que se tenha uma idéia do perfil do produtor, que evidencie sua lógica e seu *modus operandis*.

Quando se tenta caracterizar os produtores de arroz, surgem três grupos distintos: o primeiro, formado pelos pequenos produtores de arroz de sequeiro, presentes, com maior ou menor intensidade, em todas as regiões do Brasil; o segundo, formado pelos produtores desbravadores de fronteira agrícola; o terceiro, constituído pelos lavoureiros de arroz irrigado, presentes de forma mais acentuada no sul do país.

O pequeno produtor de arroz de sequeiro se caracteriza por ser um produtor que cultiva em nível de subsistência. Seu objetivo é colher o suficiente para atender as necessidades familiares. Eventuais excedentes são colocados no mercado, "aceitando" os preços oferecidos pelos agentes primários de comercialização, tais como comerciantes de linha, posteiros e caminhoneiros.

O produtor desbravador de fronteiras agrícolas é aquele que se distingue como pioneiro na ocupação de novas áreas no processo em expansão no interior do Brasil. A lógica deste produtor é ocupar o solo recém-desbravado com uma cultura que lhe garanta a subsistência, mas que também lhe propicie um retorno imediato e relativamente seguro. O solo recém-ocupado, com elevado potencial de fertilidade natural, geralmente proporciona um rendimento acima da média sem a necessidade de utilização de insumos modernos. Com isso, seus custos unitários de produção são bastante reduzidos, possibilitando maior lucratividade.

Finalmente, tem-se o lavoureiro de arroz que se destaca por ser um produtor tipicamente empresarial, dinâmico e basicamente voltado para o mercado. A sua lógica se apóia na idéia primordial de minimizar seus lucros e, com isso, participar cada vez mais intensamente em sua atividade econômica.

O produtor de arroz irrigado no Brasil é responsável por aproximadamente 25% da área total de cultivo. Porém, face aos elevados resultados que obtém em termos de rendimentos físicos, é responsável por cerca de

60% da produção nacional. Face a esta maior representatividade no contexto da produção global, a sua decisão de plantio tende a ter um peso bem maior quando se deseja efetuar um primeiro prognóstico da produção a ser colhida.

Por outro lado, quando se faz uma análise do comportamento evolutivo da área plantada em nível nacional, constata-se que existe uma tendência de redução da área plantada. No triênio de 1980/1981/1982, a área cultivada era da ordem de 6.123.189 hectares, enquanto que, no triênio de 1989/90/91, a área de cultivo restringiu-se para 4.466.894 hectares, representando uma redução da ordem de 27% aproximadamente.

Entretanto, ao longo deste mesmo período, a área plantada com arroz irrigado vem ganhando representatividade cada vez maior, tanto pelo seu próprio incremento, bem como em função da redução da área de cultivo de arroz de sequeiro. Em consequência, o rendimento físico em nível nacional vem aumentando de forma considerável. Enquanto que no triênio 1980/81/82 era de aproximadamente 1.510kg/ha, no triênio de 1989/90/91 elevou-se para cerca de 2.020kg/ha, representando um ganho médio anual de produtividade da ordem de 3% ao ano.

Quando se leva em conta todas estas circunstâncias, é lícito supor que, para a próxima safra de 1991/92, a

decisão de plantio deverá ser influenciada de forma mais preponderante, pelo espírito empresarial do produtor de arroz irrigado.

Caso esta tendência venha a se confirmar, a área a ser plantada poderá ficar entre 4.050.000 e 4.150.000 de hectares, enquanto que o rendimento físico poderá situar-se ao redor de 2.300kg/ha. Assim, pode-se fazer uma primeira estimativa da produção a ser colhida em 1992, a qual deverá situar-se entre 9.315.000 e 9.500.000 toneladas de arroz em casca, das quais 60% deverão ser de arroz irrigado e 40% de arroz de sequeiro.

COMO INTERROMPER O CICLO DE PERDAS NA ARMAZENAGEM DE GRÃOS

As perdas que ocorrem durante a recepção, secagem e, principalmente, na armazenagem, sempre foram grandes em nosso país, não sendo, todavia, levadas em consideração, pois os prejuízos se diluíam na abundância.

A evolução tecnológica, hoje presente em quase todos os setores, também privilegia o setor de armazenagem com um grande avanço.

Desenvolvido pela DRYEARATION, o setor hoje, dispõe de um Monitor de Conservação de Grãos, o DRYCO, que permite a aplicação de um novo conceito na recepção, secagem e armazenamento de grãos.

Como funciona o novo conceito

A — O produto que vem da lavoura com umidade acima de 16% b.u. sofrerá o processo de secagem convencional, com a passagem pelo secador, reduzindo a umidade tão somente até 16% b.u. O resfriamento do grão será feito no silo ou graneleiro, proporcionando, com isto, um significativo aumento na capacidade de secagem do secador.

B — O produto que vem da lavoura com umidade de 16% b.u., ou menos, após a limpeza, vai direto para os silos ou armazéns para a secagem estática com ar natural, reduzindo em até 40% o combustível utilizado na secagem convencional e agilizando a recepção, evitando filas de caminhões.

A secagem estática, com ar natural, é possível, com segurança, graças ao Monitor de Conservação — DRYCO, que faz a leitura da Temperatura e Umidade Relativa do Ar e, devidamente programado, liga e desliga, automaticamente, o sistema de aeração, aproveitando todos os momentos favoráveis para a se-

cagem nas 24 horas do dia.

Projetos específicos podem ser desenvolvidos para o armazenamento de grãos com teores de umidade acima de 16% b.u.

É, porém, imprescindível a operação automatizada (DRYCO) em qualquer caso em que os grãos sejam armazenados com umidade acima de 13% b.u.

É melhor prevenir, pois as perdas são irreversíveis.

É durante a armazenagem que acontecem as maiores perdas, resultantes de diversos fatores:

— Armazéns obsoletos, sem sistemas de aeração.

— Aeração mal dimensionada em silos e graneleiros.

— Operação manual da aeração.

— Operadores sem treinamento adequado.

Hoje as perdas de qualidade se constituem basicamente por:

— Aquecimento dos grãos (grãos ar-didos).

— Infestação de insetos.

— Proliferação de fungos.

— Perda de peso.

— Amarelamento dos grãos de arroz.

— Perda de vigor na cevada.

— Perda de vigor na semente.

Estas perdas podem ser totalmente eliminadas pela mudança do conceito de aplicação e operação do sistema de aeração e termometria.

Consiste a aeração PREVENTIVA em promover a aeração tão logo os grãos entrem no silo ou armazém e sempre que as condições climáticas o permitirem.

Utiliza-se para isto o DRYCO. Assim procedendo promove-se o resfriamento da massa de grãos para temperaturas inferiores a 17°C, passando a termome-

tria a ter a função de acompanhar e informar sobre o avanço da frente de resfriamento da massa de grãos.

Verificar se o sistema de aeração está corretamente dimensionado quanto à movimentação do fluxo de ar, e, principalmente, quanto ao seu potencial de secagem e resfriamento. Isto somente pode ser verificado quando o silo ou graneleiro estiver completamente carregado de grãos.

Resultados práticos

Com um mínimo de investimento e re-direcionando despesas, resulta:

— Economia de lenha ou outro combustível (fator ecológico).

— Economia de energia elétrica.

— Aumento da capacidade de secagem.

— Aumento da capacidade de armazenagem, pois não é necessário reservar espaço nobre para a transilagem.

— Economia quanto ao menor desgaste dos equipamentos (elevadores-fitas-secadores).

— Remanejamento de equipamentos dispensáveis para novas unidades armazenadoras.

— Eliminação da necessidade de instalação de novos secadores convencionais.

— Segurança operacional 24 horas/dia e 365 dias/ano.

Com a implantação gradual do sistema dentro do novo conceito, em poucos anos o país estará com toda a sua rede armazenadora equipada e em condições de guardar as safras de grãos com a qualidade exigida pelo mercado mundial, atuando também dentro dos critérios de preservação da ecologia.

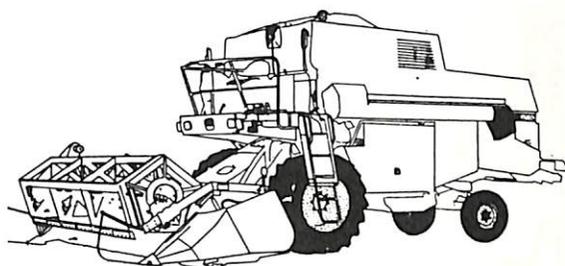
ESCOLHA SEU TRATOR

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4300	HSE-24 ST		3.169.585	KOMATSU	D30E			37.715.690
	4300	HSE-24		3.301.220		D50A			55.304.730
	4200	HSE-24		2.892.304		D50P			65.287.708
	4100	HSE-24		2.240.034		D60E			97.678.180
	4100	HSE-24-ST		2.303.569		D60F			105.549.578
									103.650.646
									119.198.229
AGRALE/DEUTZ	BX-90			8.806.250	MAXION	MF 235			5.889.883
	BX-4.90			11.672.153		MF 235 E			5.700.033
	BX-100			10.001.752		MF 265			7.109.529
	BX-4.110			13.507.733		MF 265 E			7.996.341
	BX-130			11.007.296		MF 265/4			10.474.327
	BX-4.130			15.314.407		MF 275			9.583.859
						MF 275/4			11.925.327
				MF 290				10.030.697	
				MF 290/4				12.700.794	
				MF 290 RA		p/cana		9.334.651	
				MF 290 MS		p/cana		6.936.651	
				MF 292				11.197.825	
				MF 292/4				14.290.996	
				MF 297				11.965.886	
				MF 297/4			16.132.387		
				MF 299			14.159.281		
				MF 299/A			18.689.242		
				MX 9150			20.143.947		
				MX 9170			22.226.708		
CASE	580H AX			32.835.316	MÜLLER	TM 12	C/teto solar simples		18.224.116
	W 18			37.910.387		TM 12	C/teto solar duplo		20.146.115
	W 20B			47.104.020		TM 14	C/teto solar simples		23.165.526
	W 36B			85.765.631		TM 14	C/teto solar duplo		25.249.057
	80 CR			75.556.714		TM 17	C/teto solar simples		29.967.777
	80 P			86.663.335		TM 17	C/teto solar duplo		30.633.657
						TM 25	Cabine/duplo		37.764.848
				TM 31		Cabine/duplo		47.750.725	
				TS 22		Skkider-Forestry Special		66.000.000	
CATERPILLAR	D4E-SR			40.036.482	SANTA MATILDE	370	C		9.953.896
	D6D-SR			74.606.078		400	CR	Esteira	5.912.526
	D6D-SA			62.758.333		500	CR	Rodas FM	8.136.676
CBT	8240			8.327.410	VALMET	68	ESP		7.179.568
	8440			8.449.343		68	DH EI		7.758.685
	2105	TMM/STD		10.503.478		78	ESP		7.974.068
	8060			11.714.413		78	DH EI		8.955.560
	8450	4x4		13.590.939		885			11.905.152
	8060	4x4		15.963.304		885	PCR		8.641.646
	8260	4x4		15.910.266		885	4x2		11.572.521
	8240	CC		7.299.960		985			13.576.163
	8440	CC		7.432.651		985	4		17.676.441
	2105	CC		9.673.805		1180	4		19.446.317
				1280	4x2 DH ES		15.079.837		
				1280	4x4 DH ES		21.756.370		
				1580	4		26.998.142		
				1780	4x4 TDH ES		29.964.564		
ENGESA	1128			41.813.472	YANMAR	TC-11			2.474.212
	1428			45.622.545		1040 STD			6.729.436
	923			39.199.222		1050 STD			8.326.501
	815			27.106.163					
FORD	4610		15.9/13x28	6.970.321					
	5610		16.9/14x30	8.129.342					
	5610-4x4		18.4/15x30	10.426.885					
	6610		13.6/12x38	9.264.127					
	6610-4x4		18.4/15x34	11.823.580					
	7610		18.4/15x34	11.135.105					
	7610-4x4		18.4/15x34	13.786.233					
	7810-4x4		18.4/15x34	15.607.709					
FIATALLIS	7D			36.434.014					
	FD9CO			53.714.654					
	FD9EO			52.473.862					
	FA120			48.899.759					
	14CTCO			78.269.842					
	14CTEO			76.892.622					

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9075	Grão		23.351.817
	9075	Arrozeira		23.114.824
	9075	Grão turbo		24.638.540
	9075	Arrozeiro turbo		24.388.259
LAVRALE	L300	arrozeira/direto		16.508.000
	L300	p/cereais		13.000.464
	L300	p/milho		13.914.911
LEILA	Leila 2	Esteira		7.300.000
	Leila 2	Roda		6.800.000
	Leila 1	Esteira		6.400.000
	Leila 1	Roda		5.900.000
MASSEY FERGUSON	3640	Colheitadeira arrozeira		20.324.456
	5650	Colheitadeira grão		19.745.183
	5650	Colheitadeira arrozeira		21.625.057
	5650	Colheitadeira grão turbo		20.684.855
	5650	Colheitadeira arroz. turbo		21.890.168
	1134	Plataforma de milho		3.652.921
	1144	Plataforma de milho		4.694.718

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
NEW HOLLAND	8040	Arroz irrigado		19.284.646
	8040	Trigo e soja		19.842.069
	8040	Arroz sequeiro		19.544.726
	8055	Arroz irrigado		21.974.836
	8055	Trigo e soja		22.505.656
	8055	Arroz sequeiro		22.306.004
SANTA MATILDE	5105			17.626.898
	1200			16.272.053
SLC	6200	Versão básica (S/PC)		15.186.225
	6200 turbo	C/motor turbo (S/PC)		16.536.689
	6200 hydro/4	Transmissão hidr. (S/PC)		18.159.771
	6200 hydro/4 turbo	Turbo/hidrost. (S/PC)		19.510.235
	6200	Versão arrozeira (S/PC)		15.793.604
	6200 turbo	Com motor turbo (S/PC)		17.144.068
	6200 hydro/4	Transmissão-hidr. (S/PC)		18.767.151
	6200 hydro/4 turbo	Turbo/hidros. (S/PC)		20.117.613
	Série 200	Plataformas		3.255.078
	PC 213	Corte 13 pés rígida		3.289.267
	PC 216	Corte 16 pés rígida		3.434.640
	PC 213	Corte 13 pés flexível		3.474.581
	PC 216	Corte 16 pés flexível		607.484
		Controle aut. p/flexível		
PM 3209	P/milho 3 linhas regul.		4.192.074	
PM 4209	P/milho 4 linhas regul.		5.701.410	
CE 6200	Conjunto de esteiras 5R		4.280.719	



OBSERVAÇÕES:

- 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em agosto
- 2) Preços para as regiões Sul/Sudeste
- 3) Agrale, Engesa: preços não-confirmados

Planalto

O transporte sob encomenda para o meio rural.

Para quem envia e para quem recebe a encomenda todo o cuidado é pouco.

Sementes, rações, vacinas, peças, implementos e equipamentos agrícolas são essenciais para a sua produção e merecem ser transportados por uma empresa segura, ágil e econômica. Consulte a Planalto Encomendas.

Na Planalto Encomendas a aplicação de modernos conceitos tecnológicos e administrativos, combinada ao treinamento específico de profissionais são a garantia de segurança para você.

Porto Alegre - Fone: (0512) 43.1855 - Fax: (0512)43.8434
 Santa Maria - Fone: (055) 221.5388 - Fax: (055) 221.5983
 Uruguaiana - Fone: (055) 412.2260
 Alegrete - Fone: (055) 422.1390
 Santiago - Fone (055) 251.1748

Paralelo

Planalto

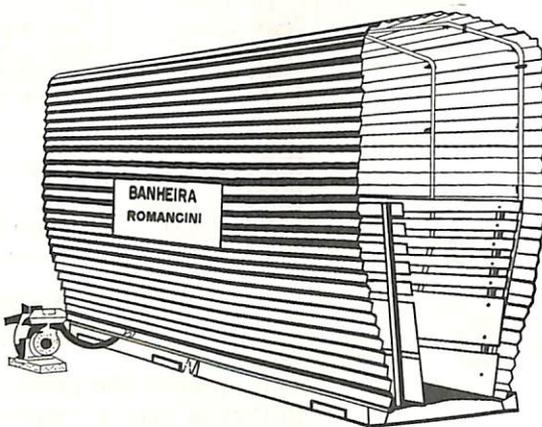
ENCOMENDAS

NOVIDADES NO MERCADO

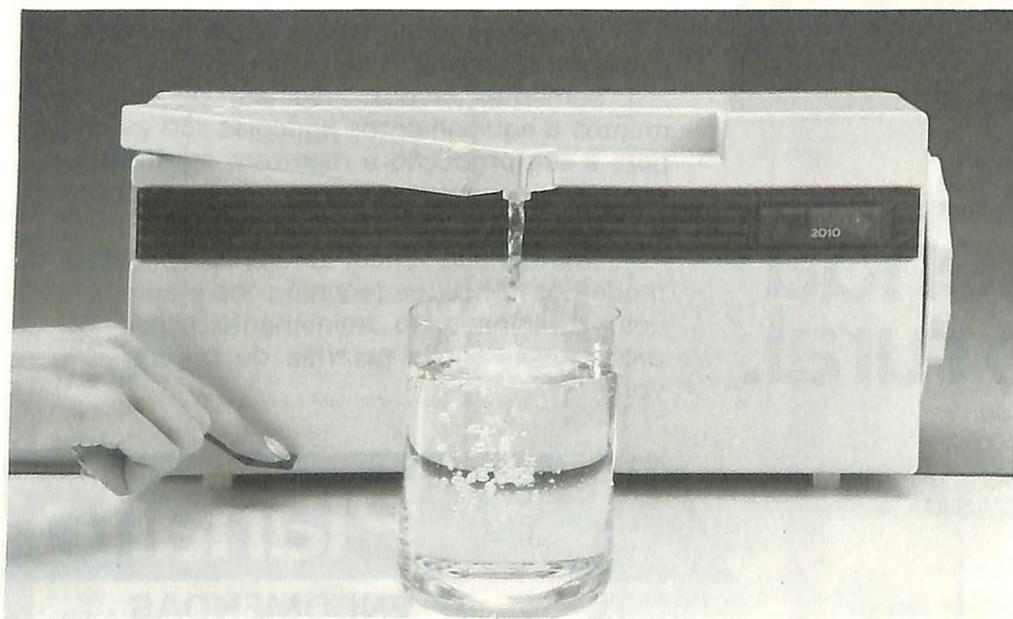


■ **Motoniveladora II** — A série B de motoniveladoras é composta por oito modelos: FG 70, FG 75, FG 80 e a novíssima FG 105, todas em versões de chassis rígidos e articulados, com potência variando de 138 20cv líquidos e peso de 15 a 19 toneladas. Estes oito diferentes modelos se adaptam aos mais variados trabalhos, desde pequenas intervenções, como manutenção de estradas vicinais, até trabalhos em mineração, nivelamento de amplos espaços e execução de taludes. Fiatallis Latino Americana S/A, av. Gen. David Sarnoff, 2237, CEP 32210, Contagem/MG, fone (031) 329-3111.

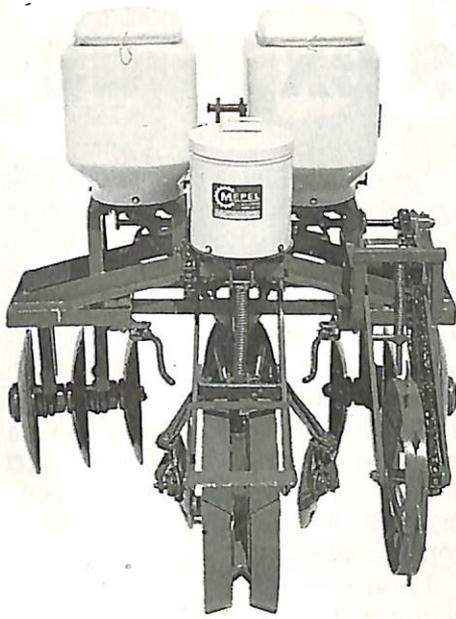
■ **Banheira pecuária** — Para animais de grande e pequeno porte. Foi projetada com bicos que liberam um jato do produto, que penetra na pele, atingindo o couro do animal. Estrutura sólida de aço, contendo inúmeras curvas em zig-zag, sendo revestida em fibra de vidro, para proteger dos agentes químicos. Dimensões: comprimento, 4,60m; largura, 1,20m; altura, 2,30m. Equipado com motobomba auto-escorvante com motor elétrico ou à gasolina, com vazão de 250 litros por minuto. Romancini — Ind. Com. e Exp. BR 277, km 460, caixa postal 125, CEP 85300, Laranjeiras do Sul/PR, fone (0427) 35-1564.



■ **Medicamento** — Ticktraz-C é um produto carrapaticida, sarnicida e um grande auxiliar no controle de pulgas para cães. À base de amitraz, vem em embalagem útil de 20 mililitros, facilitando o manejo. Laboratório IVA S/A, rua Frederico Renê de Jaeger, 258, CEP 04826, São Paulo/SP, fone (011) 800-5091 e 520-9711.



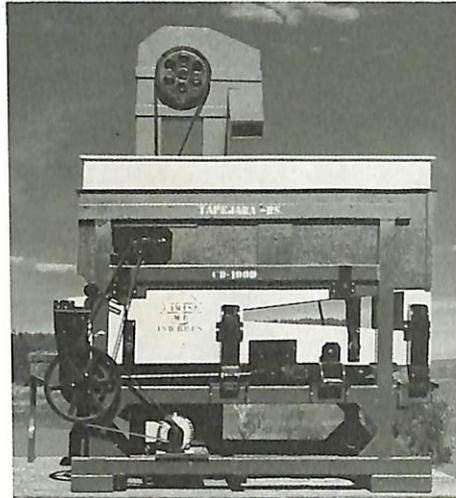
■ **Purificador de água** — Este produto da linha 2000 se caracteriza por um design moderno, de formato retangular, com tripla purificação e vazão de até 240 litros de água por hora. Dispõe de elemento filtrante à base de macrocren (fibras de celulose) e carvão ativado, que pode ser trocado a qualquer momento por outro novo. Purimax Ind. e Com. Ltda, av. Abadio Rodrigues, 515 — Jardim Yeda, CEP 13055, Campinas/SP, fone (0192) 47-8788.



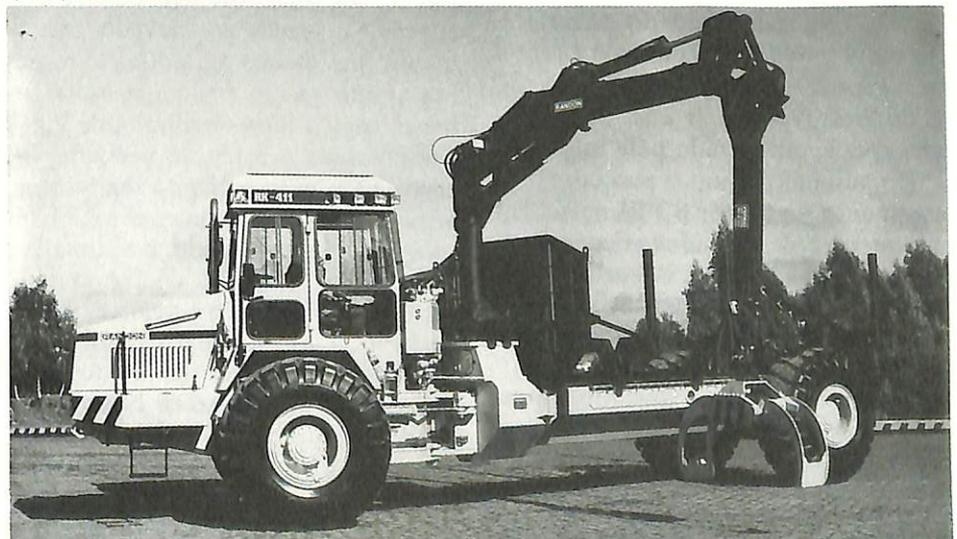
■ **Plantadeira de melancia** — Substituindo o trabalho de 17 homens, este equipamento foi projetado para adubação e plantio da cultura da melancia. Vantagens: plantio uniforme, largando de duas a três sementes por cova, conforme o tamanho; discos de 18", 13" e 10", permitindo melhor capina, abertura de sulco e cobertura; roda compactadora para finalizar a operação de plantio. Peso: 300kg. Mepel — Máquinas e Equipamentos Ltda, rua Fiorelo Piazzeta, 327, CEP 99930, Estação/RS, fones (054) 341-1455 e 341-1944.

■ **Trator florestal articulado** — O Forwarder RK-411 tem capacidade para 11 toneladas curtas de carga útil, destinado ao transporte de madeira desde a área de corte até às margens de estradas. Apresenta características próprias para andar em terreno acidentado (4x4), com equipamento para carga e descarga. É dotado de sistemas de comandos eletrônicos e incorpora os mais avançados fatores de ergonomia, o que proporciona ao operador condições adequadas para enfrentar longos períodos de trabalho. Randon S/A, Veículos e Implementos, av. Abramo Randon, 770, CEP 95050, Caxias do Sul/RS, fone (054) 222-2555.

■ **Purina-Fer** — É indicado para prevenção e tratamento das anemias em geral, muito comuns em bezerros, leitões e potros. Trata-se de um composto à base de ferro-dextrano, com baixa viscosidade, o que facilita sua aplicação e absorção. Purina — Divisão de Produtos Veterinários, caixa postal 22.591, CEP 04794, São Paulo/SP, fone (011) 531-7755.



■ **Forragelra-ensiladelra** — Para qualquer tipo de forragem, com produção de até 6.000kg/hora. Possui alimentador automático exclusivo IBL, que corta a forragem no tamanho exato. Outras características: rotor com três facas reversíveis; acompanha cavalete três pontos com cardã para trator e engate para carreta; bico de saída direcionável, etc. Industrial Busse Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda, rua Cel. Jorge Frantz, 845, CEP 97900, Cerro Largo/RS, fone (055) 359-1422.



■ **Selecionadora de sementes** — Modelo CD-1000, padronizadora de grãos por tamanho, com ventilação semigravidade, ampla regulação de ar, com produção de até 40 sacas/hora, dependendo dos cereais. Não é necessária a pré-limpeza. Indicada, inclusive, para sementes forrageiras. Cimisa — Com. e Ind. de Máqs. Implem. Agrícolas Pozzer Ltda, av. 7 de Setembro, 1645, CEP 99950, Tapejara/RS, fone (054) 344-1092.



Se faltar comida, o país explode

Ao agradecer os leitores d'A Granja o carinho em eleger-nos os destaques setoriais do "agribusiness" brasileiro faremos, também, nossa homenagem, amiga e grata, a esta revista que há quarenta e sete anos contribui, de forma séria, ética e competente, ao progresso da informação agrícola no Brasil. Quarenta e sete anos sobrevivendo a todas as crises é tradição consolidada, um grande laurel em si mesmo. O contínuo aperfeiçoamento e atualização d'A Granja é algo mais que a faz um destaque permanente. Receba, meu caro amigo Hugo Hoffmann, a homenagem sincera e carinhosa de todos os amigos que você acolhe, pela magnífica revista que você conduz.

A seletividade das personalidades presentes nesta solenidade — hoje reforçada pelo comparecimento do nosso ministro da Agricultura, Antônio Cabrera Mano Filho — exige que exercitemos algumas reflexões sobre nossa agropecuária. Mesmo sabendo que tais reflexões não tenham o sabor da alegria de nossa confraternização.

A crise brasileira pode ser retratada pela dramática queda do nosso Produto Interno Bruto: de 1986 a 1990, nos diz o IBGE, o PIB nacional encolheu 14% na variação acumulada. No mesmo período, o PIB agropecuário — lavoura e pecuária — foi reduzido em 22,7%. A deterioração do setor foi 62% mais grave que a crise da economia nacional como um todo. A tragédia do desnível foi o ano de 1989: nessa época, empurrado pela inflação, o PIB nacional fechou o ano com um crescimento de 3,7%; o PIB agrícola, com os preços aviltados, despencou 12,4% em relação a 88. A partir daí, a continuidade do processo inflacionário, sobrevalorização da moeda, a alta dos juros, a ausência do crédito rural e problemas climáticos aprofundaram a crise agropecuária.

A agricultura que, graças a três grandes safras de 87, 88 e 89, funcionara como importante redutor da in-



Ney Bittencourt de Araújo é presidente da Agroceres S/A e falou em nome dos Destaques 91 A Granja do Ano

flação, passa a agente inflacionário. De dezembro de 1989 a julho de 1991, o crescimento dos preços agrícolas — fruto da escassez — bate todos os recordes: 44% acima do Índice Geral de Preços e 75% acima dos preços industriais. A inflação alimentar — a mais perversa de todas — implanta-se soberana sobre todas as demais inflações.

O crescimento dos preços, infelizmente, não melhorou a renda do setor: em 1990, graças ao elevado crescimento dos preços agrícolas, apresentou algum ganho em renda bruta sobre o trágico 89 — melhoria de 2,8% nas lavouras e 3,1% na pecuária —, absorvidos pelo aumento dos custos, principalmente os financeiros. Este ano, mesmo admitindo a estimativa otimista do CNA — decréscimo de 3,8% na produção de cereais e oleaginosas —, a lavoura deve experimentar um decréscimo de renda de, no mínimo, 2,1%: 24% abaixo de 1986.

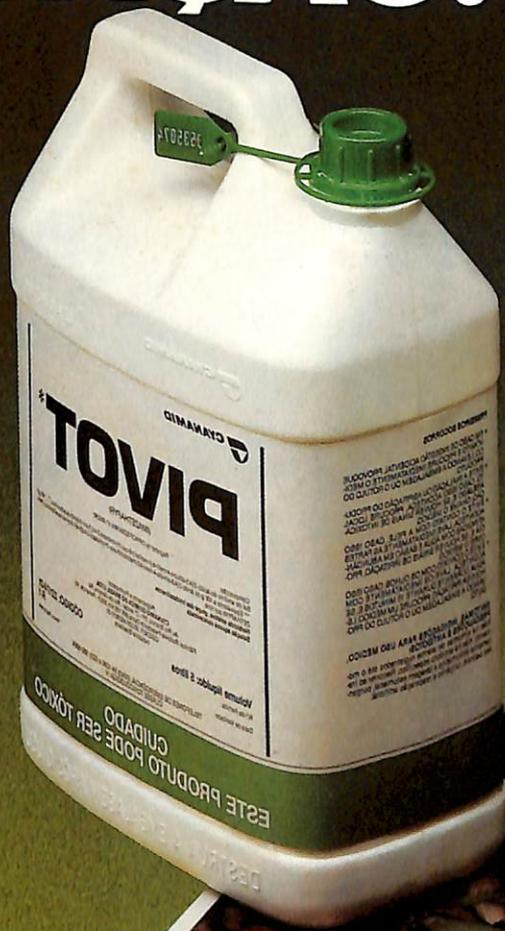
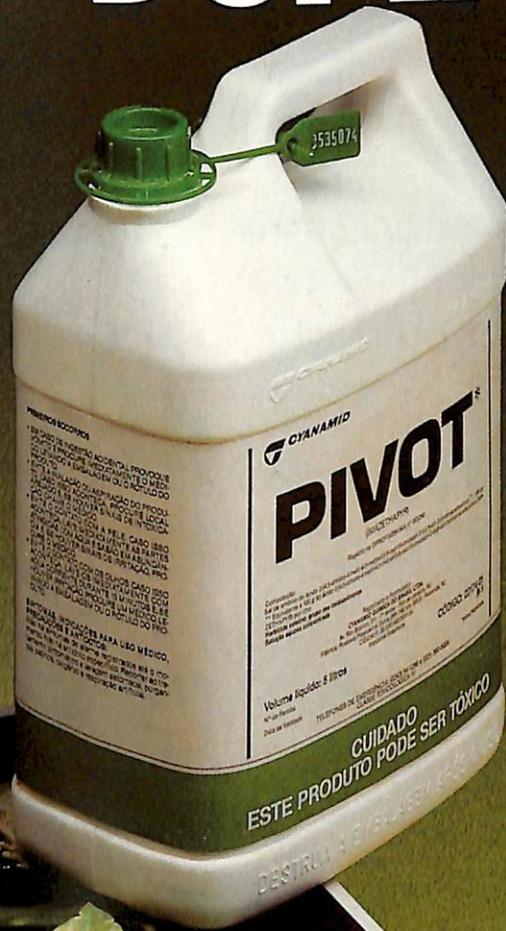
O problema deixa de ser de política agrícola e passa a ser crise econômica e social: preços altos para os alimentos na cidade e empobrecimento no campo. Importação de sete milhões de toneladas de grãos, queda nas exportações, com impacto em nossa balança comercial de perto de 2,5 bilhões de dólares, somente em 1991. Sucateamento de nosso equipamento agrícola e — mais triste ainda — degeneração de nossos níveis tecnológicos com evidente queda de produtividade.

Lamentavelmente, este cenário, claro para todos nós, ainda não foi entendido pelo governo e pela sociedade urbana. Sou testemunha dos esforços do nosso ministro para a reversão do quadro. Mas o esforço tem que ser muito maior. Temos de nos unir em uma cruzada eficiente para esclarecimento da opinião pública. Temos de apoiar nosso ministro no processo de convencimento de que a gravidade da crise agrícola é o fermento completo da crise social.

Temos de apoiar nosso ministro para exigir tratamento decente ao problema do crédito rural. Temos de demonstrar que o critério de distribuição do juro favorecido — TR + 9% — é totalmente míope ao destinar dois terços para os pequenos produtores e um terço para os médios: o resultado fará com que os grandes produtores (cuja definição legal inclui também os médios) tenham um custo financeiro inviável à atividade agrícola. E que parcela de recursos favorecidos sobrar, por inexistência de demanda, ou por pouco interesse dos bancos em aplicá-los.

Temos de advertir a sociedade que, se o país espera uma recuperação de produção razoável — 63 milhões de toneladas de grãos —, os recursos disponíveis são insuficientes, mesmo que mais racionalmente distribuídos. Temos que informar a todos que o presuposto do governo, de que a agricultura aplicará nesta safra 1,6 bilhão de dólares em recursos próprios é uma falácia: não há este dinheiro.

PIVOT. O HERBICIDA DUPLA AÇÃO.



Pivot é um produto próprio para quem gosta de fazer o trabalho uma só vez. E fazer bem feito. Pivot é o único herbicida pós-precoce sistêmico para soja. Pivot é dupla ação, um herbicida eficaz que controla invasoras de folhas largas e um graminicida para médias e baixas infestações. Por isso Leiteiro, Guanxuma, Corda-de-viola,

Picão-preto, Trapoeraba, Cheirosa ou Mata-pasto e João-de-capote têm seus dias contados. E são poucos. Pivot deve ser aplicado até 20 dias após o plantio. Sua ação de sementeira controla as invasoras que vão nascer. Por todas essas razões, Pivot é o herbicida de dupla vantagem.

**O ÚNICO PÓS-PRECOCE SISTÊMICO QUE CONTROLA
INVASORAS DE FOLHAS LARGAS E ESTREITAS DA SOJA.**

PIVOT

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

Ervas daninhas controladas:

Folhas largas
Carrapicho-carneiro

Acanthospermum hispidum
Euphorbia heterophylla
Sida rhombifolia
Hyptis suaveolens

Amendoim-bravo ou Leiteiro
Guanxuma
Cheirosa ou Mata-pasto

Trapoeraba
Corda-de-viola

Picão-preto
Carrapicho-rasteiro

Caruru

Commelina virginica
Ipomoea aristolochiaefolia
Bidens pilosa
Acanthospermum australe
Amaranthus hybridus

João-bravo

Apaga-fogo
Poaia-branca
Nabo

João-de-capote

Solanum sisymbriifolium
Alternanthera ficoidea
Richardia brasiliensis
Raphanus raphanistrum
Nicandra physaloides

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo



**VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO**

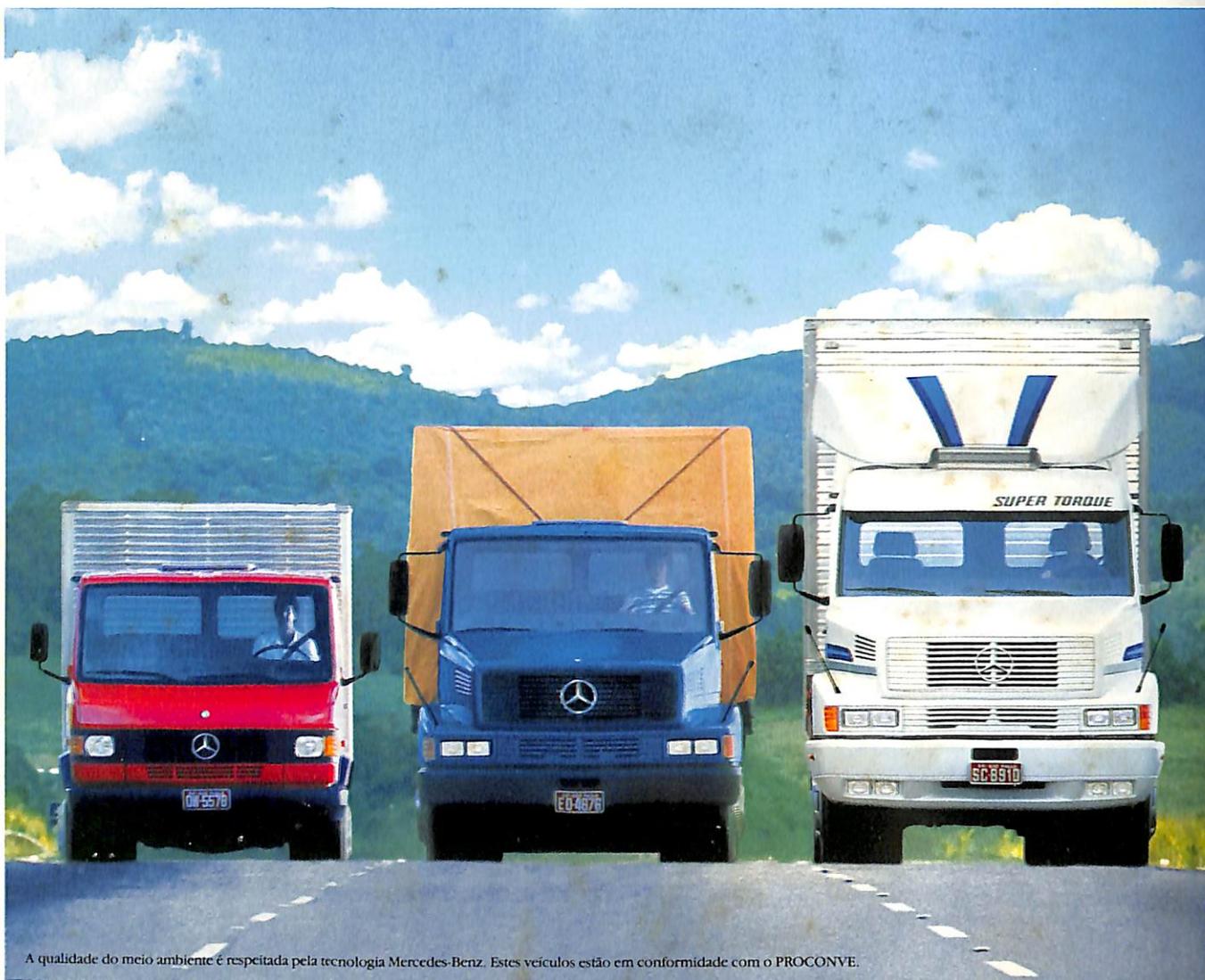
Cenchrus echinatus
Digitaria sanguinalis

Echinochloa colonum
Brachiaria plantaginea

Folhas estreitas

Capim-carrapicho
Capim-colchão ou Milhã
Capim-arroz
*Capim-marmelada ou Papuã

Um Mercedes-Benz é um excelente investimento a curto, médio e longo prazo. E a curtas, médias e longas distâncias.



A qualidade do meio ambiente é respeitada pela tecnologia Mercedes-Benz. Estes veículos estão em conformidade com o PROCONVE.

A Mercedes-Benz pensa no global. Você ganha em rentabilidade.

Oferecer veículos rentáveis não significa apenas produzir caminhões e ônibus que economizem combustível. A Mercedes-Benz vai mais além. Baseada em uma experiência de mais de 30 anos de Brasil, coloca à sua disposição soluções racionais para o transporte de carga e de passageiros. Soluções que começam com a oferta da mais completa linha de veículos comerciais do País. E de produtos que asseguram uma perfeita adequação a qualquer tipo de tarefa ou exigência. É onde o seu investimento começa a render.

Os Mercedes-Benz duram mais. Você ganha em tranquilidade.

Os caminhões e ônibus Mercedes-Benz são feitos para durar. Primeiro, graças à sua robustez. Depois, à

qualidade dos componentes e das peças genuínas.

Um conjunto original como esse propicia desempenho e menos despesas com manutenção. Escolhendo o Mercedes-Benz certo para o seu problema de transporte, você reduz os custos operacionais e aumenta a sua vida útil. E ainda ganha quando chega a hora da substituição.

A Mercedes-Benz a seu lado. Você ganha em confiabilidade.

A rentabilidade global proporcionada pelos Mercedes-Benz tem mais razões. Além de adquirir um produto eficiente e confiável, você também ganha uma retaguarda excepcional. São 382 pontos de apoio especializados em veículos comerciais, estrategicamente distribuídos por todo o País. Com essa rede de atendimento, você tem acesso a todos os serviços de pré e pós-venda, o que inclui naturalmente um estoque

permanente de peças genuínas e um atendimento rápido e eficiente. Você não perde tempo nem dinheiro.

Passa num dos Concessionários Mercedes-Benz e descubra por que o Mercedes-Benz é um investimento rentável ontem, hoje e sempre.

Mercedes-Benz. Dá resultado.



Mercedes-Benz